

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – *CAMPUS* DE TOLEDO  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
DESENVOLVIMENTO REGIONAL E AGRONEGÓCIO

RAQUEL ALINE SCHNEIDER

**MOVIMENTOS PENDULARES DAS CIDADES POLOS PARANAENSES DE  
CASCAVEL E TOLEDO – 2000 E 2010**

TOLEDO

2016

RAQUEL ALINE SCHNEIDER

**MOVIMENTOS PENDULARES DAS CIDADES POLOS PARANAENSES DE  
CASCAVEL E TOLEDO – 2000 E 2010**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *Campus* de Toledo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Rippel

TOLEDO

2016

RAQUEL ALINE SCHNEIDER

**MOVIMENTOS PENDULARES DAS CIDADES POLOS PARANAENSES DE  
CASCAVEL E TOLEDO – 2000 E 2010**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *Campus* de Toledo, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional e Agronegócio.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Rippel

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ricardo Rippel (Orientador)

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *Campus* Toledo

---

Prof. Dr. Cristiano Stamm

Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE *Campus* Toledo

---

Prof. Dra. Valderice Cecília Limberger Rippel

Sistema de Ensino UNIFASS

Toledo, 12 de Fevereiro de 2016

Dedico este trabalho à minha família e ao  
Jonas por todo o apoio.

## **AGRADECIMENTOS**

- Ao programa PGDRA e todo o colegiado pela oportunidade;
- Ao Professor Dr. Ricardo Rippel, por toda a orientação;
- A CAPES e a Fundação Araucária pelo apoio financeiro;
- À minha família, por todo o tipo de apoio, sempre;
- Ao Jonas, pela ajuda, compreensão, amizade e companheirismo;
- Aos amigos, colegas e todos que acompanham minha trajetória.

“O motorista não foi nada educado,  
Passou na poça e me deixou encharcado  
Parou à frente, superlotado  
E o cobrador que nunca tem trocado...”

*Ultraje a Rigor, 1987*

SCHNEIDER, Raquel Aline. **Movimentos pendulares das cidades polos paranaenses de Cascavel e Toledo – 2000 e 2010**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná *campus* Toledo, 2016.

## RESUMO

O movimento pendular é compreendido como o realizado por pessoas que residem em um município e trabalham e/ou estudam em outro, permitindo que as pessoas possam ingressar no mercado de trabalho e/ou melhorar sua qualificação quando não encontram as oportunidades desejadas no município em que residem. Este trabalho teve como objetivo o estudo os movimentos pendulares dos municípios de Cascavel e Toledo, polos da mesorregião Oeste do Paraná, em 2000 e 2010. A quantificação e o estudo dos movimentos pendulares faz parte do planejamento urbano e regional, e auxiliam na identificação da quantia populacional que deve ser considerada na formulação das políticas públicas. Os dados referentes aos movimentos pendulares foram extraídos dos microdados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Assim, o movimento pendular possui relação direta com a dinâmica econômica das regiões e com a qualidade de vida oferecida pelas mesmas. O estudo demonstrou que os municípios polos de Cascavel e Toledo são atrativos, já que apresentaram maior entrada do que saída, tanto de trabalhadores como de estudantes pendulares. A intensidade dos movimentos pendulares aumentaram entre o período estudado, indicando maior dinâmica populacional espacial, ao passo que, a queda da participação de Curitiba - capital do Estado – no movimento pendular de saída dos municípios, juntamente com a predominância das relações, tanto do movimento pendular de entrada como no de saída dos municípios mais próximos – principalmente dos pertencentes à própria região Oeste do Paraná – demonstram a consolidação da dinâmica econômica dos polos na região, e refletem o aumento da oferta de empregos e de vagas no ensino superior. Com relação ao gênero e idade das pessoas que se deslocavam, destaca-se a predominância dos homens no movimento para trabalho, enquanto as mulheres predominaram no movimento para estudo. A maioria das pessoas eram jovens e solteiras, porém, tais características decaíram no período e, no ano de 2010, houve maior participação de pessoas adultas, idosas, e também de casadas - principalmente com relação à finalidade de trabalho - nos movimentos pendulares. Outro fato a ser ressaltado é o de que, com relação ao movimento de saída de Cascavel e Toledo, o principal motivador foi o trabalho, e, com relação ao movimento de entrada, a educação passou a ser a maior motivação em 2010, o que indica a importância das Instituições de Ensino Superior dos municípios e que estes se tornaram, também, polos educacionais, atraindo estudantes de toda a região.

Palavras-chave: movimento pendular; trabalhadores pendulares; estudantes pendulares.

SCHNEIDER, Raquel Aline. **Commuting of the Parana state poles cities of Cascavel and Toledo - 2000 and 2010**. Dissertation (Master's degree in Regional Development and Agribusiness) - Applied Social Sciences Center, Western Parana State University campus of Toledo, 2016.

## **ABSTRACT**

The commuting is understood as carried out by individuals who reside in a municipality and work and/or study in another, allowing people to enter the labor market and/or improve their skills when they don't find the desired opportunities in the municipality in which reside. This work aimed to study the commuting of the cities of Cascavel and Toledo, poles of Western Paraná mesoregion in 2000 and 2010. Quantification and study of commuting are part of urban and regional planning and help identify the population amount that should be considered in the formulation of public policies. The data relating to commuting are extracted from Demographic Census microdata of 2000 and 2010 of Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE). Thus, the commuting has a direct relationship with the economic dynamics of the region and the quality of life offered by them. The study showed that municipalities poles of Cascavel and Toledo are attractive, since it had greater input than output, both commuting workers and students. The intensity of the flows increased during the study period, indicating greater spatial population dynamics, since the fall of the participation of Curitiba (state capital) in commuting output of municipalities, together with the predominance of relationships, both commuting entry to the output of the closest cities - especially those belonging to own western Paraná - demonstrate the consolidation of the economic dynamics of the poles in the region and reflect the increase in the supply of jobs and vacancies in higher education. Regarding gender and age of individuals who traveled highlights the predominance of men in commuting to work, while women predominate in commuting to study. Overall individuals were young and single, but such characteristics declined during the period and, in 2010, there was increased participation of adult and elderly people and also married (especially regarding the purpose of work) in commuting. Another factor to be noted is that, with respect to Cascavel and Toledo outgoing mobility, the main motivator was the work, and with respect to incoming mobility, education has become the greatest motivation in 2010, which indicates the importance of higher education institutions of the municipalities and that they have also become educational centers, attracting students from throughout the region.

Keywords: commuting; commuting workers; commuting students.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estrutura do estudo .....	19
Figura 2 - Tipos de mobilidades populacionais .....	28
Figura 3 – Anel de Integração Rodoviário do Paraná.....	42
Figura 4 - Etapas de Polarização, Urbanização e Movimentação Populacional .....	49
Figura 5 - Municípios do Oeste do Paraná em 1950 e em 1960 .....	55
Figura 6 - Municípios do Oeste do Paraná em 1970 e em 1980 .....	59
Figura 7 - Municípios do Estado do Paraná em 1991 e em 2001 - com destaque para os municípios que formavam a região Oeste paranaense .....	63
Figura 8 - Grau de Urbanização e IDH-M dos municípios do Oeste do Paraná em 2010 .....	69
Figura 9 - Empregos Formais (2013) e PIB per capita (2012) dos municípios do Oeste do Paraná.....	70
Figura 10 - Municípios do Estado do Paraná com destaque para os municípios polos da mesorregião Oeste.....	75
Figura 11 – Índice de Eficácia da Pendularidade dos municípios do Estado do Paraná – 2000 e 2010 .....	81
Figura 12 – Movimento pendular total de entrada para Cascavel em 2000 e 2010 ..	85
Figura 13 – Pirâmide etária do movimento pendular total de entrada para Cascavel em 2000 e 2010 .....	86
Figura 14 – Movimento pendular total de saída de Cascavel em 2000 e 2010.....	89
Figura 15 – Pirâmide etária do movimento pendular total de saída de Cascavel em 2000 e 2010 .....	90
Figura 16 – Movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho em 2000 e 2010 .....	92
Figura 17 – Pirâmide etária do movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho em 2000 e 2010 .....	93
Figura 18 – Movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho em 2000 e 2010 .....	96
Figura 19 – Pirâmide etária do movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho em 2000 e 2010 .....	97
Figura 20 – Movimento pendular de entrada para Cascavel para estudo em 2000 e 2010 .....	100

Figura 21 – Pirâmide etária do movimento pendular de entrada para Cascavel para estudo em 2000 e 2010.....	102
Figura 22 – Movimento pendular de saída de Cascavel para estudo em 2000 e 2010 .....	104
Figura 23 – Pirâmide etária do movimento pendular de saída de Cascavel para estudo em 2000 e 2010 .....	105
Figura 24 – Movimento pendular total de entrada para Toledo em 2000 e 2010 ....	110
Figura 25 – Pirâmide etária do movimento pendular total de entrada para Toledo em 2000 e 2010 .....	111
Figura 26 – Movimento pendular total de saída de Toledo em 2000 e 2010.....	113
Figura 27 – Pirâmide etária do movimento pendular total de saída de Toledo em 2000 e 2010 .....	114
Figura 28 – Movimento pendular de entrada para Toledo para trabalho em 2000 e 2010 .....	116
Figura 29 – Pirâmide etária do movimento pendular de entrada para Toledo para trabalho em 2000 e 2010 .....	117
Figura 30 – Movimento pendular de saída de Toledo para trabalho em 2000 e 2010 .....	120
Figura 31 – Pirâmide etária do movimento pendular de saída de Toledo para trabalho em 2000 e 2010 .....	121
Figura 32 – Movimento pendular de entrada para Toledo para estudo em 2000 e 2010 .....	124
Figura 33 – Pirâmide etária do movimento pendular de entrada para Toledo para estudo em 2000 e 2010.....	125
Figura 34 – Movimento pendular de saída de Toledo para estudo em 2000 e 2010 .....	127
Figura 35 – Pirâmide etária do movimento pendular de saída de Toledo para estudo em 2000 e 2010 .....	128

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Municípios e população urbana, rural e total do Oeste do Paraná em 1970 e 1980 .....	61
Tabela 2 – Municípios e população do Oeste do Paraná em 1991, 2000 e 2010 .....	65
Tabela 3 – Principais variáveis utilizadas dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 .....	77
Tabela 4 – Movimento pendular de entrada para Cascavel por estado brasileiro – 2000 e 2010 .....	84
Tabela 5 – Movimento pendular de saída de Cascavel por estado brasileiro – 2000 e 2010 .....	88
Tabela 6 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho – 2000 e 2010.....	94
Tabela 7 – Total de rendimento, em todos os trabalhos, em número de salários mínimos de 2000 e 2010, das pessoas que realizaram movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho .....	95
Tabela 8 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho – 2000 e 2010 .....	98
Tabela 9 - Total de rendimento, em todos os trabalhos, em número de salários mínimos de 2000 e 2010, das pessoas que realizaram movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho .....	99
Tabela 10 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de entrada para Cascavel para estudo – 2000 e 2010 .....	102
Tabela 11 – Participação do ensino superior como motivação no movimento pendular de entrada para estudo em Cascavel.....	103
Tabela 12 – Estado civil, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de saída de Cascavel para estudo – 2000 e 2010 .....	106
Tabela 13 - Participação do ensino superior como motivação no movimento pendular total de saída para estudo de Cascavel .....	107
Tabela 14 – Movimento pendular de entrada para Toledo por estado brasileiro – 2000 e 2010 .....	108
Tabela 15 – Movimento pendular de saída de Toledo por estado brasileiro – 2000 e 2010 .....	112

Tabela 16 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de entrada para Toledo para trabalho – 2000 e 2010.....	118
Tabela 17 - Total de rendimento, em todos os trabalhos, em número de salários mínimos de 2000 e 2010, das pessoas que realizaram movimento pendular de entrada para Toledo para trabalho .....	119
Tabela 18 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de saída de Toledo para trabalho – 2000 e 2010 .....	122
Tabela 19 – Total de rendimento, em todos os trabalhos, em número de salários mínimos de 2000 e 2010, das pessoas que realizaram movimento pendular de saída de Toledo para trabalho .....	122
Tabela 20 – Estado civil, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de entrada para Toledo para estudo – 2000 e 2010 .....	126
Tabela 21 - Participação do ensino superior como motivação no movimento pendular total de entrada para estudo em Toledo.....	126
Tabela 22 – Estado civil, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de saída de Toledo para estudo – 2000 e 2010 .....	129
Tabela 23 - Participação do ensino superior como motivação no movimento pendular total de saída para estudo de Toledo .....	129
Tabela 24 – Faixa etária da mediana da idade dos que realizaram movimento pendular com relação a Cascavel e a Toledo em 2000 e 2010 .....	135

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - População rural, urbana e total brasileira de 1940 a 2010 .....	35
Gráfico 2 – População total, urbana e rural do Oeste do Paraná de 1970 a 2010 ....	60

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
1.1	OBJETIVOS.....	17
1.1.1	Objetivo Geral.....	17
1.1.2	Objetivos Específicos .....	17
1.2	ESTRUTURA DO ESTUDO.....	17
<b>2</b>	<b>REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>20</b>
2.1	TERRITÓRIO, CIDADES E URBANIZAÇÃO.....	20
2.2	MOVIMENTO PENDULAR .....	25
2.3	CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL E DA ÁREA DE ESTUDO .....	31
2.3.1	Urbanização e Mobilidade Populacional do Brasil .....	32
2.3.2	Urbanização e Mobilidade Populacional do Paraná .....	38
2.3.3	Delimitação da Área de Estudo com Base na Teoria dos Polos de Crescimento 44	
2.3.4	Oeste do Paraná.....	51
<b>3</b>	<b>METODOLOGIA</b> .....	<b>74</b>
<b>4</b>	<b>PANORAMA DESCRITIVO</b> .....	<b>80</b>
4.1	PANORAMA DOS MOVIMENTOS PENDULARES DE CASCAVEL.....	83
4.2	PANORAMA DOS MOVIMENTOS PENDULARES DE TOLEDO .....	107
<b>5</b>	<b>DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>131</b>
<b>6</b>	<b>CONCLUSÕES</b> .....	<b>136</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>139</b>
	<b>APÊNDICE A</b> .....	<b>148</b>
	<b>APÊNDICE B</b> .....	<b>151</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No processo de crescimento e desenvolvimento econômico das regiões, a dinâmica demográfica sofre a influência das transformações históricas relacionadas a diferentes fatores, como os sociais e econômicos. Um dos principais elementos que afetaram, e ainda afetam a questão no caso do Brasil, foi a rápida industrialização de sua economia na década de 1980, que dominou a formação do espaço urbano e fez surgir grandes centros populacionais e econômicos, acarretando alta aglomeração populacional no espaço e influenciando grandes fluxos migratórios em direção às grandes cidades e regiões metropolitanas. As diferentes reorganizações da população são percebidas por meio dos mais diversos deslocamentos espaciais, sendo esse um dos elementos mais importantes na compreensão da dinâmica demográfica e urbana.

A mobilidade populacional é influenciada tanto pela condição econômica das regiões, como pela qualidade de vida que elas são capazes de oferecer as pessoas. Assim, regiões que são economicamente mais estáveis, que detêm maior oferta de produtos e serviços quando comparadas com outras regiões (principalmente as mais próximas), que ofertam empregos diversificados e em maior quantidade e que possuem melhor qualidade de vida, são mais atrativas à população do que as que se encontram em condições inferiores nesses quesitos.

O processo de globalização e os avanços tecnológicos na comunicação e nos meios de transporte também desencadearam consequências na mobilidade espacial da população, pois facilitaram e tornaram mais acessíveis à comunicação e o deslocamento no espaço, não apenas de informações, de capitais e de produtos, mas também de pessoas (SILVA, 2008).

Uma das formas de mobilidade da população no espaço são os movimentos pendulares (ou *commuting*)<sup>1</sup>, que, em sua forma elementar, envolvem duas movimentações de uma pessoa entre dois pontos do espaço. O movimento pendular é formado por um movimento de ida para o local de trabalho ou de estudo, e outro de retorno para o local de residência, assim, ele deriva da não coincidência no território entre estes locais, e é feito para que as funções de trabalho e estudo sejam realizadas (Instituto Nacional de Estatística Portugal - INE, 2003).

---

<sup>1</sup> Beaujeu-Garnier em 1980 ressaltava: “[...] para esse movimento pendular entre o local de residência e o local de trabalho podemos empregar o termo americano ‘commuting’ [...]”. Neste trabalho, acrescenta-se ao termo *commuting* ao movimento realizada também para a finalidade de estudo.

Sendo assim, é por meio da mobilidade espacial da população e dos movimentos pendulares que muitas pessoas conseguem acessar o mercado de trabalho e também melhorarem sua qualificação. Essa dinâmica é de grande importância para a população auferir renda e também contribui para o crescimento das atividades econômicas, bem como, para o desenvolvimento das cidades e das regiões. A separação entre o local de moradia e o de realização de diferentes atividades tem relação direta com a dinâmica das regiões, com a qualidade de vida ofertada, com as mudanças sociais, com a estruturação econômica e com a própria conformação e apropriação do espaço pela propriedade privada (SILVA, 2008; STAMM, 2013).

Os fatores determinantes para que um indivíduo realize o movimento pendular são os mais diversos – como fatores econômicos, de oportunidade, familiares, entre outros – e podem variar em cada caso (STAMM, 2013). A combinação dos fatores que influenciam na decisão de realizarem ou não o movimento pendular provém, além do que foi destacado anteriormente, da situação econômica, social, cultural e educacional de cada indivíduo.

Deste modo, o movimento pendular é geralmente motivado, para as pessoas de baixa renda, por questões econômicas, e ocorre quando é mais vantajoso financeiramente o deslocamento da residência para trabalho e/ou estudo do que o valor pago pelos imóveis nos centros urbanos (CARLOS, 2001). Já para as pessoas que detêm rendas maiores, o movimento pendular pode ser motivado por melhorias na qualidade de vida, uma vez que, residir em locais mais afastados dos centros urbanos evita a convivência com seus problemas, tais como: poluição, congestionamento, violência, etc. De qualquer modo, a pendularidade vem ganhando cada vez mais força graças aos avanços tecnológicos e pelo uso cada vez mais intenso deles nos meios de transporte e nas comunicações (MOURA, 2010; FREY; DOTA, 2013).

Hoover e Giarratani (1999) destacam que a distância percorrida pelas pessoas tem relação com o meio de transporte utilizado, assim, quanto mais rápido for o meio de transporte maior poderá ser a área de deslocamento de um indivíduo. Outro fator importante no deslocamento é o custo do mesmo, quanto maior o custo, menor será o incentivo à realização do movimento pendular.

Ainda segundo os autores, o custo envolvido é tanto de quem realiza o movimento pendular quanto de quem necessita empregar pessoas que o efetuam.

Para os primeiros, estão envolvidos tanto custos monetários, como custos de oportunidade, já que o tempo gasto no deslocamento poderia ser utilizado para a realização de outras atividades rentáveis ou mesmo para o lazer. Para os empregadores o movimento pendular dos seus funcionários pode refletir em pagamento de diferenciais compensatórios de salários.

Jardim e Barcellos (2005) destacam que a quantificação dos fluxos pendulares que ocorrem entre diferentes municípios, pode servir para identificar a quantia populacional que deve ser levada em conta na formulação das políticas públicas, visto que a população que realiza esse movimento deve ser atendida tanto no município em que reside quanto no município em que trabalha e/ou estuda.

Percebe-se, portanto, uma forte relação entre o aumento do grau de urbanização com o alastramento dos movimentos pendulares. Logo, o estudo conjunto dos dois fenômenos colabora para a compreensão dos processos que ocorrem na recente urbanização, principalmente nas áreas dinâmicas onde os diferentes processos se relacionam de forma ainda mais interdependente e complexa (DOTA; CAMARGO, 2014).

Os movimentos pendulares alteram a densidade populacional dos municípios de forma provisória, podendo aumentar o tamanho da população de alguns e diminuir a de outros. Se o município tiver maior capacidade de concentrar a população, irá se deparar com o aumento da demanda por serviços e produtos e, ao contrário, se o município for dispersor de população, essa demanda será menor e a oferta poderá aumentar relativamente (ARANHA, 2005). Por conta disso, o movimento pendular faz parte do planejamento urbano e regional, e seus fluxos precisam ser coletados e analisados para que as políticas públicas implantadas sejam as mais adequadas possíveis (MOURA; CASTELLO BRANCO; FIRKOWSKI, 2005; STAMM, 2013).

Consideráveis avanços no estudo da pendularidade vêm sendo feitos no Brasil com relação às regiões metropolitanas, principalmente nos últimos anos. Entretanto, a literatura ainda é escassa quando o enfoque é voltado para o estudo dos movimentos pendulares em regiões não metropolitanas e em municípios de menor porte (médios e pequenos).

A julgar pelo elevado contingente de urbanização da atualidade, os deslocamentos da população no espaço tornam-se um dos maiores problemas das cidades, visto que o transporte público, muitas vezes, não é capaz de atender toda a parcela da população que deseja se deslocar. Além, é claro, dos demais efeitos dessa

concentração populacional, como a poluição, aumento do tempo gasto nos deslocamentos (congestionamentos) e a dificuldade das pessoas em obter um emprego, considerando a distância a ser percorrida entre a casa e o trabalho (SOBREIRA, 2005).

Stamm e Staduto (2008) e Stamm (2013), destacam que o movimento pendular também está associado com a alta especulação das áreas centrais nas grandes cidades e regiões metropolitanas para a realização das mais diversas atividades econômicas. Nesse processo, muitas pessoas de menor renda não conseguem arcar com os custos imobiliários e se veem obrigadas a migrar para as áreas de entorno dessas regiões. Deste modo, considerando que os grandes fluxos de pendularidade ocorrem em regiões metropolitanas, a maioria dos estudos sobre este tema é baseado nas mesmas.

Porém, ainda segundo estes autores, nos últimos anos ocorreu um processo de dispersão das atividades produtivas no território brasileiro, o que, dentre outras coisas, afetou o crescimento e a dinâmica das cidades de porte médio e das aglomerações não metropolitanas, distribuindo melhor os empregos e estimulando o crescimento da população nessas cidades mais do que nas outras. O crescimento econômico das regiões não metropolitanas, que também ocorreu de forma rápida, trouxe consigo os problemas já encontrados nas regiões metropolitanas e nas grandes cidades, como o aumento de moradias irregulares, redução na qualidade de vida, trânsito congestionado, aumento na criminalidade, entre outros. Assim, nas cidades de porte médias interioranas, os movimentos pendulares associam-se à consolidação da rede urbana.

Segundo Perroux (1967), os polos são caracterizados como locais nos quais se desencadeia o processo de crescimento de uma região. Isso porque, segundo o autor, o crescimento ocorre de forma desigual no espaço e no tempo, ele surge com diferentes intensidades e em pontos ou polos, se dissemina por diferentes caminhos e gera variados efeitos no conjunto da economia, de maneira que os municípios em estudo são caracterizados como polos da região Oeste paranaense por sua importância na dinâmica econômica da região, fato que pode ser verificado nos trabalhos de Rippel (1995), Alves et al. (2007), Rippel e Ferrera de Lima (2009), entre outros.

Diante deste contexto, que demonstra a relação dos movimentos pendulares com a formação e estruturação, tanto econômica como cultural e social das regiões

urbanas, o trabalho busca demonstrar a evolução recente dos movimentos pendulares intraestaduais relacionados às cidades de porte médio, no caso desse trabalho, de Cascavel e Toledo, situadas na mesorregião Oeste do Paraná, portanto, busca-se responder se os movimentos pendulares também são significativos para a dinâmica de uma região que não está baseada em grandes centros.

O trabalho se justifica pela própria falta de estudos relacionados aos movimentos pendulares em regiões e municípios menores, não relacionados a áreas metropolitanas. Outra importante questão é a de que tais movimentos permitem o acesso de muitas pessoas ao mercado de trabalho e também possibilitam sua qualificação, assim eles devem ser considerados na formulação de políticas públicas, para que futuramente sejam mais adequadas às necessidades que não estão sendo atendidas nos municípios de origem e as que são criadas nos municípios de destino.

## 1.1 OBJETIVOS

### 1.1.1 Objetivo Geral

Analisar os movimentos pendulares dos municípios paranaenses de Cascavel e Toledo, motivados por trabalho e por estudo, nos anos de 2000 e 2010.

### 1.1.2 Objetivos Específicos

a) Analisar o movimento pendular intraestadual de entrada e de saída para Cascavel e Toledo, motivado por trabalho e por estudo, em 2000 e 2010.

b) Identificar os atributos dos que realizavam movimentos pendulares como gênero, idade, estado civil, rendimento e escolaridade.

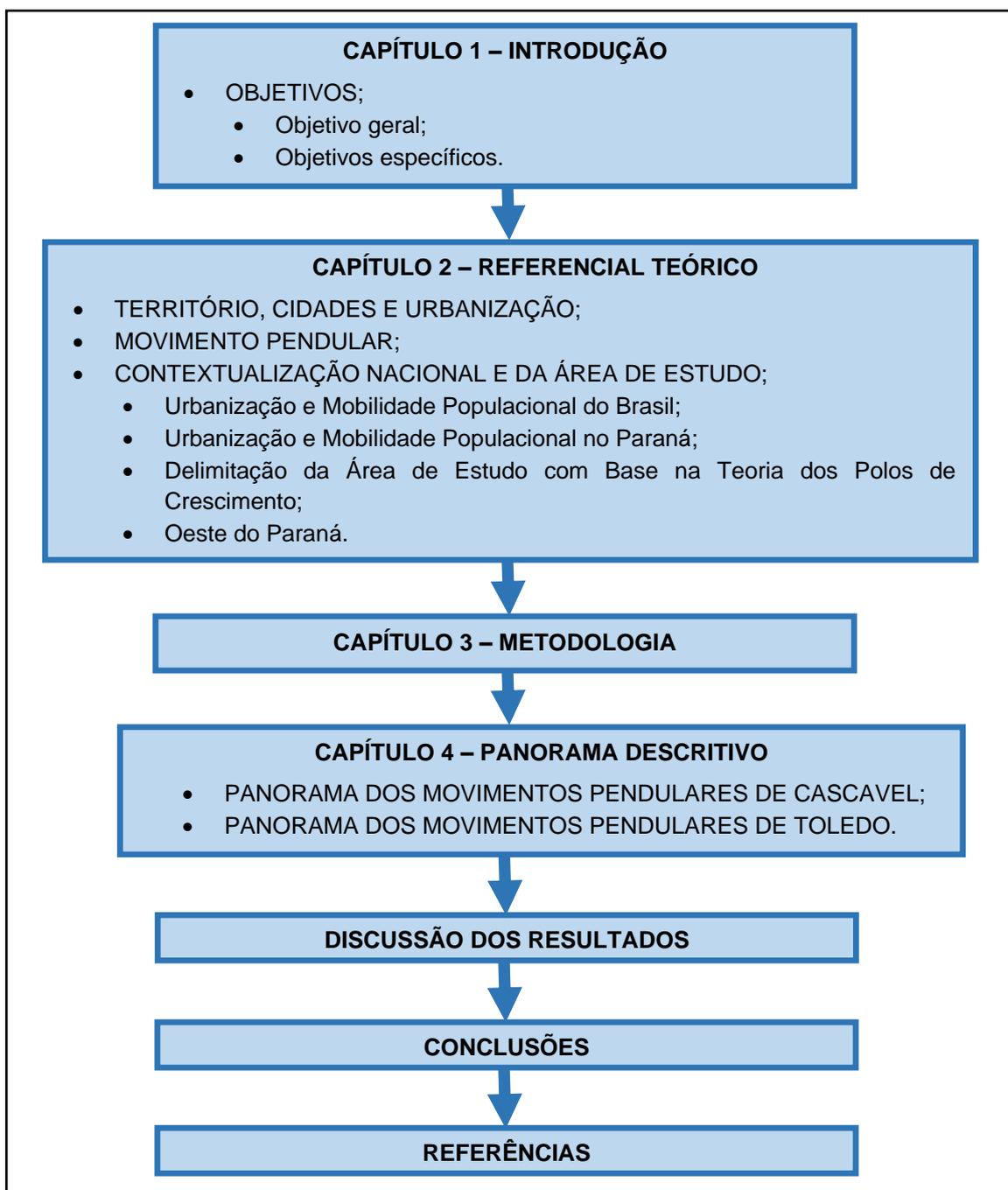
## 1.2 ESTRUTURA DO ESTUDO

O estudo está dividido em seis partes que podem ser visualizadas na Figura 1. Após a introdução são expostos os conceitos de território, de cidade e de urbano, para que, na sequência, os conceitos da dinâmica que envolve os movimentos pendulares com suas causas e consequências na economia, na sociedade e na conformação espacial da população, sejam melhor compreendidos.

Por conseguinte, é feita a contextualização da região de referência de estudo, partindo da urbanização e mobilidade populacional no âmbito nacional e estadual, passando pela conceituação dos polos de crescimento para a compreensão da área de estudo adotada e, por fim, o processo de urbanização, movimentação populacional e caracterização do Oeste do Paraná, onde estão localizados os municípios de Cascavel e Toledo.

Em seguida, a metodologia demonstra como se desencadearam as etapas do estudo, além de descrever quais são e como foram extraídos os dados utilizados. O capítulo quatro apresenta os resultados da pesquisa, separados entre os que envolveram o município de Cascavel e os relacionados ao município de Toledo. Após estão as discussões dos resultados que relacionam os resultados com o referencial adotado e, por fim, as conclusões.

Figura 1 – Estrutura do estudo



Fonte: Elaborado pela autora (2015).

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

O movimento pendular, para ser analisado, requer o estudo das cidades e do território – tanto dos conceitos em si, como da própria região de referência -, locais onde ocorre a pendularidade, nos quais são manifestados seus motivadores e consequências. Com tal característica, no referencial teórico são abordados os tópicos necessários para uma compreensão mais completa dos movimentos pendulares. Primeiramente são expostos conceitos sobre o território, cidades e a construção do tecido urbano, informações importantes para a compreensão da dinâmica atual da urbanização.

Na sequência são explicados os conceitos de movimentos populacionais, em especial, o movimento populacional estudado nessa pesquisa, que é o pendular; também são abordadas algumas de suas causas e consequências para a população. Em seguida, a questão da urbanização e da mobilidade populacional do Brasil e no Estado do Paraná é abordada, já o tópico seguinte, destaca algumas teorias de desenvolvimento regional que irão contribuir no entendimento das diferenças entre as regiões e como elas podem impactar nos movimentos pendulares, o que é importante para o entendimento da conformação da área de referência do estudo. Por fim, a região Oeste do Paraná é destacada no contexto de sua ocupação e de sua dinâmica demográfica.

### 2.1 TERRITÓRIO, CIDADES E URBANIZAÇÃO

Antes de traçar os conceitos de cidade, urbanização e mobilidade espacial da população, foi necessário adotar uma linha de pensamento sobre o significado do território em que se baseia o trabalho e onde todos esses fenômenos se manifestam e se estabelecem - considerando que ainda não há um conceito cristalizado sobre o que é o território e sua complexidade de análise.

O território é utilizado em diferentes áreas ou ciências, tais como, economia, geografia, desenvolvimento, e nas relações sociais. Há uma grande variedade de conceitos e abordagens, os quais muitas vezes confundem o conceito de território com o de espaço, entretanto, neste trabalho é adotada a concepção formulada por Santos e Silveira (2006, p. 19), que fornece um conceito mais nítido sobre o território e a mobilidade populacional.

Por território entende-se geralmente a extensão apropriada e usada. Mas o sentido da palavra *territorialidade* como sinônimo de *pertencer àquilo que nos pertence...* esse sentimento de exclusividade e limite ultrapassa a raça humana e prescinde da existência de Estado. Assim, essa ideia de territorialidade se estende aos próprios animais, como sinônimo de área de vivência e de reprodução. Mas a territorialidade humana pressupõe também a preocupação com o destino, a construção do futuro, o que, entre os seres vivos, é privilégio do homem.

Já Silveira (2011) e Serrano et al. (2015) argumentam que as diferentes formas de utilização do território demonstram que as questões vão além de sua exterioridade, de seu visual, elas demonstram suas intenções, seu dinamismo e a ação dos agentes presentes no território. Para que as transformações territoriais sejam compreendidas, é necessário o estudo das imaterialidades, da competição, dos interesses dos agentes e da disputa de poder, além da mobilidade intraterritorial, o que possibilita atrelar a movimentação populacional às questões territoriais. O território é usado conforme sua infraestrutura implantada, que determina o dinamismo econômico, os fluxos populacionais, a distribuição espacial da indústria e da agricultura. Desta forma, está presente no território a diversidade, a história humana em suas etapas construtivas até a atualidade.

O território não é caracterizado apenas como um conjunto de lugares, mas por um conjunto de movimentos que constroem ligações entre os lugares e que acabam por definir as configurações e a intensidade da apropriação do espaço urbano. Não há como ignorar a localização das pessoas e das atividades produtivas na formulação de estratégias de desenvolvimento, o território passa a ser um componente econômico de grande importância (INE, 2003).

O ser humano precisa de um lugar no espaço para viver, produzir, consumir e habitar. Sendo assim, não é simplesmente ocupar um espaço, é necessário produzi-lo para que as necessidades materiais do ser humano sejam atendidas, ou seja, é constituída uma territorialidade humana no espaço (CARLOS, 1994). As cidades são a mais concreta representação da transposição do lado animal do homem, elas foram o *locus* do pensamento, da invenção, da criação de obras. A própria cidade figura como obra do ser humano por isso não pode ser tratada apenas como um objeto, como algo material (LEFEBVRE, 2008).

As cidades são o centro da organização da sociedade e da economia. Em âmbito mundial, poucas são as que organizam, comandam e reordenam o espaço econômico global e os blocos de interesse, enquanto nas escalas menores - nacional,

regional e local -, as cidades definem como se dá o arranjo da população e a localização das atividades produtivas (MONTE-MÓR, 2006).

Já Silveira (2008, p. 29), argumenta que a cidade é “um conjunto indissociável de um meio construído e um mercado, cujos nexos com a formação socioespacial não podem ser negligenciados”. Nela, as tecnologias, finanças e informações se espalham pelo território e são absorvidas de forma desigual por diferentes grupos sociais; as relações espaciais e sociais demonstram as novas divisões do trabalho e do território.

Ela pode igualmente ser enfocada como uma manifestação da apropriação do espaço urbano produzido que se demonstra pelo uso do solo, uso esse que depende do que condicionou o seu processo de produção. Na condição de sociedade capitalista, o uso do solo será definido no mercado de terras, onde é feito o procedimento de apropriação do solo por meio da propriedade privada. O emprego do solo como um bem material faz com que a cidade seja literalmente consumida, e seu consumo será de acordo com as leis de reprodução do capital - como produto do processo, o solo é mercadoria, como condição para que seja realizada a produção de outras mercadorias e serviços, é capital fixo - (CARLOS, 1994).

De acordo com Vitte (2010 p. 84):

O arranjo do uso do solo é resultado da disputa por usos, sendo operacionalizado pelo mecanismo de mercado (preços). Esse mecanismo influencia nas densidades da cidade no todo e em parte. A disputa pelo uso e o mecanismo de compra e venda afetam o tamanho dos lotes (parcelamento), a composição e localização das moradias (apartamentos, residências unifamiliares, condomínios, favelas) e a localização dos subcentros comerciais ou de novas centralidades.

Nota-se a grande importância dos agentes imobiliários na produção do espaço, mas, ainda segundo o autor, cabe ressaltar o Estado como outro agente de valor que possui uma atuação variada e complexa. Ele pode atuar de diferentes formas, como um consumidor do espaço, como proprietário e como promotor imobiliário, todavia, sua principal função é a de regulador do uso do solo, função realizada por meio do zoneamento, do Plano Diretor, do código de obras, das leis urbanísticas, entre outros.

Historicamente, o que se vê é que as cidades tornaram-se locais de acumulação contínua – acumulação de conhecimento, técnicas, pessoas, riquezas, capital, entre outros. Lefebvre denomina a sociedade pós-industrial como sociedade urbana. Assim, o termo designa o processo que dominou e absorveu a produção

agrícola. Para o autor, cada modo de produção também produziu determinado tipo de cidade que “‘exprime’ de maneira imediata, visível e legível no terreno, tornando sensíveis as relações sociais mais abstratas, jurídicas, políticas, ideológicas.” (LEFEBVRE, 2002, p. 34).

Percebe-se que a complexidade do urbano contemporâneo é crescente e deriva de inúmeros fenômenos. O urbano é caracterizado pelas relações sociais e pelos processos produtivos que podem atingir a escala mundial, o que acaba gerando movimentos contraditórios e conflitos inerentes (ÂNTICO, 2005). A complexidade da compreensão do fenômeno urbano mostra indispensável uma cooperação interdisciplinar. Nesse sentido, Lefebvre (2002, p. 57-58) afirma:

O fenômeno urbano, tomado em sua amplitude, não pertence a nenhuma ciência especializada. Mesmo considerando-se como princípio metodológico que nenhuma ciência renuncia a si própria, mas que, ao contrário, cada especialidade deve levar a utilização de seus próprios recursos até o limite para atingir o fenômeno global, nenhuma dessas ciências pode pretender esgotá-lo. Nem governá-lo. Admitido ou estabelecido isso, as dificuldades começam.

Para a compreensão do urbano e, conseqüentemente, da dinâmica econômica e das cidades, é preciso considerar a grande importância da industrialização, já que a efetiva passagem da cidade para o urbano se deu pela tomada da cidade pela indústria trazendo a produção, ou seja, o proletariado para o espaço do poder, ficando a cidade subordinada aos fundamentos da indústria (MONTE-MÓR, 2006).

A industrialização se relaciona com a cidade destacando-a como o centro da acumulação do capital e potencializando essa função por meio da urbanização, da assimilação de regiões e de pessoas de diferentes gerações. A era urbana está apenas começando e “poder-se-ia dizer, empregando-se uma metáfora corrente, que o urbano é um continente que se descobre e que se explora à medida que é construído” (LEFEBVRE, 2008. p. 81).

Ademais, a tomada da cidade pela indústria não aconteceu de modo sereno. Ocorreram dois processos intensos nas cidades industriais e que foram destacados por Lefebvre (2002). Um deles foi denominado de implosão e o outro de explosão. O primeiro ocorreu sobre a própria cidade, sobre a centralidade do excedente produzido e do poder que se concentra e reestimula os símbolos ameaçados pela lógica industrial do capitalismo. E o segundo, por sua vez, ocorreu sobre o entorno da cidade,

e nele o método socioespacial leva as condições de produção que eram apenas da cidade para o espaço circundante e, em menor proporção, para o campo conforme as necessidades de produção.

As grandes cidades abrigam vastos estoques de população e sua área é muito mais extensa do que as que possuíam as cidades do passado e, apesar das grandes construções verticais, ainda é de forma horizontal que se dá a maior parte de sua expansão. Algumas cidades chegam a ser denominadas de cidades mundiais - termo proposto por Saskia Sassen e que passou a ser destacado nos anos 1920 -, nelas atuam os agentes mais decisivos do capitalismo internacional financeiro. As demais grandes cidades contemporâneas também reúnem atualmente infraestruturas, comércios especializados, feiras de exposição, parques de estacionamento, entre outros, dos mais complexos e aprimorados nas áreas centrais. Nelas convivem a riqueza e a pobreza, que são dinâmicas, porém excludentes e desiguais. O mercado de trabalho é desregulamentado e precarizado, e seus espaços são privatizados e segregados (MATOS, 2005).

Com a privatização dos espaços, os preços das terras passaram a ser determinados pelas condições de reprodução do espaço urbano, pela localização do terreno, pela disponibilidade da infraestrutura no local, pelos custos gerados com aglomeração e com o crescimento demográfico pelas políticas de zoneamento, pelas alterações no poder aquisitivo das pessoas, entre outros. Na maioria dos casos, as pessoas de maior renda habitarão as melhores áreas e as pessoas de menor renda ficarão nas áreas deterioradas, nas periferias com deficitária infraestrutura ou nas favelas onde, geralmente, não é estabelecido o direito de propriedade (CARLOS, 1994).

Outros fatores que implicam fortemente no valor, na forma e na velocidade da ocupação do espaço - assim como no processo de urbanização - são a demanda por habitação, por espaços comerciais e por espaços industriais. Muitas vezes, para que a demanda das pessoas por habitação seja atendida, utiliza-se da migração, já que algumas vezes não são encontradas possibilidades locacionais adequadas às necessidades e às possibilidades financeiras das pessoas. Quando isso ocorre, surgem problemas sociais e urbanos, como a ocupação de áreas inapropriadas de habitação. As áreas de ocupação habitacional que se formam, são uma “contrapartida demográfica ao economicismo do espaço urbano” (FREY; DOTA, 2013 p. 235). Ressalta-se também a importância dos movimentos pendulares que conectam as

pessoas às diversas atividades, tais como, trabalho, educação, lazer, comércio, entre outros.

A transposição dos limites e das fronteiras pela urbanização é mais uma das formas de atender às necessidades que o desenvolvimento capitalista gera. Para viabilizar o processo de espraiamento da urbanização, o movimento dos trabalhadores no espaço é crucial, já que permite a flexibilização na localização das pessoas, graças à disseminação dos produtos urbanos. Em meio a esse processo o movimento pendular - assim como os demais movimentos populacionais - é tanto resultado como condição indispensável para que a transposição dos limites espaciais aconteça (DOTA; CAMARGO, 2014).

A existência da propriedade privada e da acumulação do mercado de terras nas cidades capitalistas produz exclusão e segregação das pessoas no espaço, o que acaba induzindo a geração de diferentes rendas, a especialização do uso do solo em residencial ou não, a segregação dos espaços conforme o poder aquisitivo, a etnia e a condição social das pessoas, a necessidade de intervenção do Estado na tentativa de revalorizar áreas e beneficiar determinados atores pelo mercado de imóveis e a saída forçada para as periferias de pessoas que moravam no centro da cidade e que, graças à redinamização do espaço urbano, não são mais capazes de pagar o ônus das novas centralidades (MATOS, 2005).

Tendo em vista todo esse contexto, a compreensão de como ocorre o processo de urbanização e de como se desenvolvem as relações entre mercadorias, serviços, capitais e pessoas no território das cidades, são de suma importância, pois têm impacto direto nos diferentes movimentos populacionais. A decisão das pessoas em realizar algum tipo de movimento no espaço, se dá por um conjunto de fatores e, geralmente, um dos mais determinantes é o econômico. Além da condição econômica das pessoas em si, entram quesitos relacionados ao território habitado, assim, a dinâmica socioeconômica e a condição de crescimento e de desenvolvimento em que se encontram diferentes regiões, impacta fortemente nos movimentos populacionais e, conseqüentemente, no movimento pendular; assunto do próximo tópico.

## 2.2 MOVIMENTO PENDULAR

A demografia consiste no estudo das populações humanas e sua evolução temporal com relação ao seu tamanho, sua composição e sua distribuição no espaço.

Desta maneira, aborda tanto a perspectiva estatística de uma população em determinado período, como o seu tamanho e sua composição, bem como sua evolução no tempo e a dinâmica das inter-relações entre as variáveis demográficas (CARVALHO; SAWYER; RODRIGUES, 1998).

A demografia está voltada para os fenômenos que podem afetar o tamanho das populações. Esses fenômenos podem ser: taxa de natalidade, taxa de fecundidade, taxa de mortalidade, migração, entre outros. Além disso, a demografia se preocupa com a composição dessas populações, como a distribuição por idade, sexo, estrutura populacional segundo estado civil, região geográfica de nascimento ou residência, entre outros, principalmente porque são dados que ajudam a compreender acontecimentos não só demográficos como também sociais e econômicos (CERQUEIRA; GIVISIEZ, 2004).

A mobilidade da população no espaço, como elemento demográfico, acaba refletindo as oscilações econômicas e as movimentações da sociedade contemporânea, fenômenos responsáveis pela criação de espaços territoriais e divisões societárias tanto no lugar de origem, ou seja, do domicílio, como no de destino, que pode ser o local de trabalho, ensino ou lazer. Como a mobilidade da população é influenciada pela divisão social do trabalho, o surgimento de atividades novas, afeta o deslocamento da população no espaço, que acaba por traduzir as novas percepções, concepções e representações desses fenômenos dinâmicos (JARDIM, 2011).

Analisando esse complexo cenário, Cunha (2010) reforça a ideia de que a movimentação da população no espaço não acontece de forma aleatória, mas desencadeada por diferentes condições. Como exemplo, cita o caso dos Estados Unidos e da América Latina, onde a localização das pessoas no território é fortemente influenciada, no primeiro caso, pela raça e etnia e, no segundo caso, pela posição social. Assim, de modo geral, o que termina por ocorrer é a junção de “semelhantes” no espaço, o que pode afetar diretamente o modo de vida dessas pessoas e gerar desigualdades no acesso às oportunidades, já que não criam apenas distâncias físicas, mas também distâncias sociais.

Desta maneira, é notável que a mobilidade espacial da população é um atributo que sempre esteve presente na evolução da humanidade e em qualquer modo de produção. Pelos mais variados motivos, as pessoas foram instigadas a se movimentar, porém, é no modo de produção capitalista que a movimentação

populacional ostentou maior relevância. A mobilidade populacional torna-se cada vez mais importante, principalmente com a globalização, que fez os fluxos populacionais se intensificarem e aumentaram seu ritmo (PERPETUA, 2010).

O movimento pendular - mais conhecido na literatura internacional como *commuting* - é uma das formas de movimentação populacional e faz parte do estudo demográfico. Caracteriza-se pelo deslocamento das pessoas de seu município de residência para outro município a fim de realizar atividades como trabalho e/ou estudo, envolvendo nesse processo fatores econômicos e sociais. Segundo Moura, Delgado e Costa (2013), tal mobilidade é muito importante para os municípios e regiões, pois permite que as pessoas participem do mercado de trabalho e consigam acesso aos serviços de educação, o que é essencial para a população e para a realização das atividades econômicas.

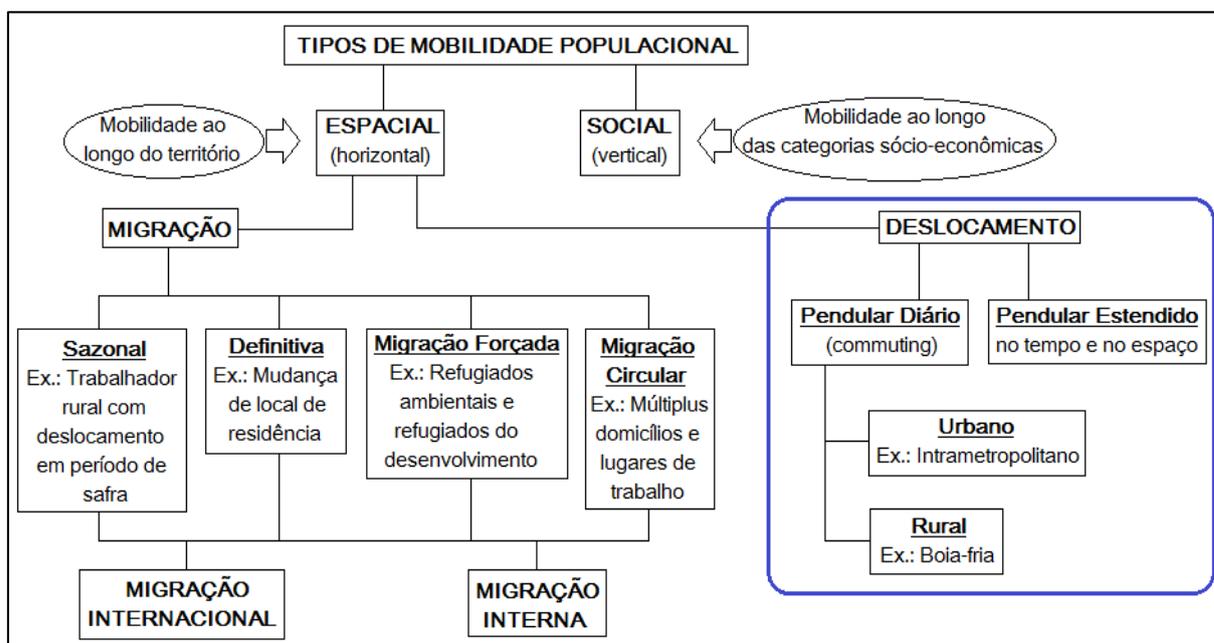
Como características do movimento pendular, estão o uso de algum meio de transporte mecânico, uma distância razoável e algum grau de convergência (BEAUJEU-GARNIER, 1980). Segundo Moura, Castelo Branco e Firkowski (2005), as características das pessoas que fazem esse movimento revelam as interações espaciais que ocorrem entre o mercado de trabalho e a região de residência das mesmas, mostrando quais são as funções, o grau de acessibilidade e a separação social que acontece no espaço e entre essas regiões.

Ou seja, o movimento pendular é uma das formas de deslocamento da população no espaço como destacado na Figura 2. Percebe-se que existem diferentes tipos de mobilidade populacional e que a divisão mais significativa se dá entre a mobilidade vertical, caracterizada pelo deslocamento das pessoas em diferentes classes sociais e econômicas, e a mobilidade horizontal, ou seja, a mobilidade da população no espaço. Por sua vez, a mobilidade horizontal é subdividida em duas: migração e deslocamento.

A migração mais conhecida é a definitiva e ocorre quando um indivíduo estabelece residência permanente em outro local. Outro tipo de migração é a sazonal, ou seja, ocorre de tempos em tempos, como por exemplo, a migração realizada por trabalhadores rurais que deixam seus domicílios para trabalhar em determinada cultura no período de safra. Contudo, existem também pessoas que possuem múltiplos domicílios e trabalham em diferentes locais, o que faz com que mudem sua residência constantemente, e esse tipo de migração é conhecida como circular. Por

fim, cabe destacar as migrações que podem acontecer forçadamente, como as realizadas por refugiados de guerras civis.

Figura 2 - Tipos de mobilidades populacionais



Fonte: BECKER, O. (2009) *apud* FARIAS (2012).

A mobilidade tratada no presente trabalho é horizontal, especificamente a pendular, também conhecida como movimento pendular, deslocamento pendular ou pelo termo *commuting* (destacado na Figura 2). Com os avanços dos meios de transporte e comunicação, o movimento pendular apresenta, cada vez mais, diferentes motivações e características, mas pode ser basicamente diferenciado entre o movimento pendular diária ou o pendular estendido, tanto no tempo como no espaço.

Ântico (2003), estudando este processo no Estado de São Paulo, reforça a ligação entre o movimento pendular e as transformações no espaço urbano, para a autora, esse movimento caracterizaria uma das manifestações da organização e da alocação das atividades econômicas que derivam, em grande medida, da maneira pela qual a ocupação e expansão da população no espaço urbano e a distribuição das atividades urbanas ocorrem.

Segundo Silva (2008), os diferentes tipos de mobilidade, como a de residência e a pendular, não ocorrem de forma isolada, mas são relacionadas e afetadas por elementos em comum e fazem parte da distribuição da população no espaço. Sendo assim, os termos adotados nesse trabalho sobre a pendularidade estão associados

ao conceito de mobilidade, já que é mais amplo que o de deslocamento e movimentação, pois engloba causas e consequências - e não apenas o deslocamento em si - como as vantagens e entraves ao deslocamento, as condições sociais e econômicas de quem o realiza, as regiões envolvidas no processo, os impactos territoriais, entre outros. Porém adota-se a expressão movimento pendular por ser a tradução literal do termo original em inglês *commuting*.

O estudo da pendularidade que ocorre para que as pessoas trabalhem e/ou estudem, demonstra aspectos da dinâmica territorial e dos processos de urbanização das diferentes regiões. Em sua maioria, o movimento pendular ocorre pela alta procura que envolve os maiores municípios, que, via de regra, encontram-se mais preparados para fins de produção e consumo de diversificados bens e serviços. Essa grande procura acaba separando o local de trabalho e/ou estudo – que, pela grande demanda, torna-se muito caro para a moradia de pessoas de baixa renda - do local de residência - mais acessível, porém mais distante e, geralmente, com infraestrutura e serviços inferiores (BEAUJEU-GARNIER, 1980).

Percebe-se então que o movimento pendular está relacionado, e também é caracterizado, como uma das formas de interações espaciais. As interações espaciais são constituídas por um vasto e complexo conjunto de deslocamentos no espaço geográfico; esses deslocamentos são tanto de pessoas como de mercadorias, de capital e de informações e apresentam diferentes volumes, meios, intensidades, frequências, distâncias, direções e velocidades. Diante disso “as interações espaciais devem ser vistas como parte integrante da existência (e reprodução) e do processo de transformação social e não como puros e simples deslocamentos de pessoas, mercadorias, capital e informação no espaço” (CORRÊA, 2006, p. 280).

Entre os elementos que estão ligados ao movimento pendular, destaca-se a dinâmica do mercado imobiliário e de terras, as alterações do perfil econômico e a desconcentração industrial para além dos municípios centrais e distritos industriais, bem como a diferenciação de acesso ao mercado de trabalho e aos estudos entre pessoas de classes sociais distintas e de diferentes regiões, da qualidade e o custo dos meios de transporte e o tempo gasto no deslocamento (MOURA; CASTELLO BRANCO; FIRKOWSKI, 2005).

É importante ressaltar que outros fatores, além dos ligados aos econômicos, são determinantes para a tomada de decisão das pessoas em realizarem movimentos pendulares. Como destacou Stamm (2013), a preferência em residir em determinado

município, aspectos familiares, relacionados aos transportes e a violência também, são fatores de grande importância nessa questão.

O autor também destaca, em seu estudo sobre os determinantes de trabalhadores pendulares na aglomeração urbana do nordeste do Rio Grande do Sul, que, inicialmente, como um determinante de estímulo, o fator econômico foi o que exerceu o maior peso na decisão dos trabalhadores em se deslocar, porém como determinante de continuidade do movimento, os fatores sociais passam a exercer maior influência.

O desenvolvimento dos meios de transporte contribui muito no deslocamento das pessoas no espaço. A influência dos transportes passa pelo setor econômico, mas também colabora com a miscelânea de sujeitos que acaba impactando na fisionomia da humanidade. Os meios de transporte permitem que as pessoas conheçam diferentes ambientes, o que, por sua vez, afeta suas escolhas individuais que passam a ser baseadas na comparação de diferentes ambientes. Os transportes criam, e também fornecem, os meios de atender novas necessidades (BEAUJEU-GARNIER, 1980).

Jardim (2011), na análise desse tipo de movimento, argumenta que a pendularidade, assim como as demais mobilidades da população, também é influenciada pelo aumento do território metropolitano, pois esse cria novas territorialidades e espaços sociais, tanto no lugar do domicílio como no de trabalho, estudo e lazer. Entendem-se os movimentos da população como demonstrações de fenômenos variados, que podem ser metropolitanos ou não, podendo ultrapassar as esferas da expansão da cidade ou apenas do mercado de trabalho.

Esse aumento do território metropolitano que Lefebvre chama de “produção do urbano” faz surgir, por um lado, a necessidade de expandir as atividades econômicas e, por outro, intensifica a especulação imobiliária, de maneira que as moradias dos trabalhadores são dispersas e distanciadas dos centros urbanos, fazendo surgir uma segregação econômica, social e cultural no espaço e tornando o movimento pendular cada vez mais acentuado (LEFEBVRE, 2008).

Destarte, o movimento pendular, até mais do que as migrações, evidencia a força do tecido social no espaço metropolitano, o qual se expande e amplia a distância entre o lugar de trabalho/estudo do lugar de moradia (BRITO; SOUZA, 2005). Portanto, considerando a inter-relação do movimento pendular com os diferentes fatores que determinam a movimentação populacional, evidenciam-se - direta ou

indiretamente - a integração, as carências e as necessidades da população no cotidiano, além de justificar a complexidade e necessidade de analisar este fenômeno (JARDIM, 2011).

Os autores Moura, Castello Branco, Firkowski (2005) destacam, além disso, que os movimentos pendulares também são usados para identificar os limites das grandes áreas urbanas. Na década de 1960, um grupo do IBGE denominado Grupo de Áreas Metropolitanas, utilizou os movimentos pendulares como uma das variáveis que determinariam esse tipo de área, assim, para que um município fizesse parte dessa área seria necessário que pelo menos 10% de sua população realizasse movimentos pendulares com o município central. Mas, ainda segundo os autores, foi apenas no Censo Demográfico de 1970 que as variáveis relacionadas a movimentos pendulares foram introduzidas na pesquisa. O objetivo principal era cobrir essa lacuna e quantificar a proporção da população que morava em determinado município, mas que trabalhava e/ou estudava em outro.

No Censo Demográfico de 1980 ampliou-se a pesquisa sobre os movimentos pendulares, nele era possível identificar o município de destino para trabalho e estudo, porém, o estudo em nível de municípios só era possível nas regiões metropolitanas, pois nas demais regiões só existiam dados para as sedes regionais. Em contrapartida, no Censo seguinte (1991), as perguntas referentes aos movimentos pendulares foram excluídas do questionário, retornando apenas nos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (BAENINGER, 1996; CUNHA, 1995).

A retomada das questões referentes à pendularidade demonstrou que os movimentos pendulares no Brasil, em 2000, foram realizados por 7,4 milhões de pessoas, já em 2010, por mais de 14 milhões de pessoas. Com relação ao Paraná, os movimentos pendulares foram feitos por 478.649 pessoas em 2000, e por 845.627 pessoas em 2010. Deste modo, os dados evidenciam a intensificação dos movimentos pendulares ao longo dessa década e sua dinâmica com o processo de urbanização (INSTITUTO MAURO BORGES DE ESTATÍSTICAS E ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS – IMB, 2012; CINTRA; DELGADO; MOURA, 2012a).

### 2.3 CONTEXTUALIZAÇÃO NACIONAL E DA ÁREA DE ESTUDO

Este tópico consiste na contextualização da área de estudo do presente trabalho, porém, para uma compreensão mais completa da região Oeste do Paraná e

dos municípios de Cascavel e Toledo, primeiramente, é necessário enquadrá-los no contexto nacional e do Estado do Paraná, até porque, muitos acontecimentos ao longo de sua história são efeitos de decisões e fatos ocorridos em escala nacional ou estadual. De natureza igual, a primeira parte deste tópico traça algumas considerações sobre a urbanização e a mobilidade populacional do Brasil, enquanto que a segunda parte trata dos mesmos quesitos em relação ao Estado do Paraná. Na sequência, as teorias de polos de crescimento e de hierarquização são abordadas a fim de justificar a escolha dos municípios em questão, e por último há uma descrição da região em que se encontram os municípios de Cascavel e Toledo, de sua urbanização e da dinâmica demográfica e econômica.

### 2.3.1 Urbanização e Mobilidade Populacional do Brasil

A urbanização do Brasil ocorreu de forma mais intensiva na segunda metade do século XX, período caracterizado pelo surgimento das grandes cidades industriais que dinamizaram a economia do país, no qual foi modificado o centro da economia nacional, ao sair da agro-exportação para a substituição das importações no mercado interno, fenômeno especialmente concentrado no Estado de São Paulo, que se tornou o polo industrial brasileiro (MONTE-MÓR, 2006).

Até o começo do século XX o Brasil tinha sua economia baseada fortemente no setor agrícola, por outro lado, no final do século XIX fatores importantes colaboraram para a ampliação do setor cafeeiro, principal base da economia brasileira da época, ao mesmo tempo em que a produção cafeeira internacional, que competia com a brasileira, passava por uma crise, houve ampla inflação nos créditos que, conseqüentemente, financiaram a ampliação da cultura cafeeira com a incorporação de mais terras na atividade, além de elevar os preços do café em moeda nacional com a depreciação cambial (FURTADO, 1980).

Porém, a quebra da bolsa de valores norte-americana em 1929, e a conseqüente crise econômica mundial, afetaram profundamente a produção cafeeira do Brasil. A queda abrupta nos preços do café e dos produtos agrícolas brasileiros, além da grande dívida externa contraída no bom período da economia cafeeira, fez o país focar seu próprio mercado. A opção encontrada para superar a crise foi a industrialização via substituição de importações, mas, para tanto foi necessário realizar investimentos em infraestrutura, transporte e comunicação com o objetivo de

integrar os diferentes mercados regionais que existiam na época (MARTINE; MCGRANAHAN, 2010).

Brandão (2007, p. 114) explica em sua obra como se deu a integração do território nacional brasileiro a partir da crise de 1929 e destaca que nesse período:

*A economia nuclear da acumulação de capital no país expande os circuitos de sua reprodução ampliada, partindo para a conquista de mercados consumidores e de produção e colocando à disposição do mercado nacional novos e variados valores de uso. Conquista a multiplicação de mercados para colocação de suas mercadorias, ganhando escala de produção e reduzindo custos. Em suma, logra dar coerência mercantil ao conjunto de atividades produtivas no espaço nacional, criando potência para, a partir da integração do mercado, acionar e modelar as economias periféricas, permitindo redefinir, sob seu domínio, posições hierárquicas no contexto geral da economia brasileira.*

Segundo Garcia (2002) e Martine e Mcgranahan (2010), outra causa da rápida industrialização foi a ocorrência da Segunda Guerra Mundial, que envolveu também o Brasil, e que acabou por promover a modernização dos processos de produção, acelerou as atividades industriais e aumentou a oferta de emprego no setor secundário. Toda essa transformação refletiu na população e gerou dois fluxos migratórios importantes entre 1940 e 1950: o primeiro, formado por pessoas que tinham o objetivo de ocupar a fronteira agrícola que havia no Centro-Oeste, na Amazônia e no Estado do Paraná, outro grande fluxo migratório foi o das áreas rurais para as urbanas.

Já nos anos 1950, para atender os requisitos do padrão de industrialização brasileiro, foi criado o Plano de Metas que, no geral, objetivava reforçar o setor industrial. Providências para ampliar as relações entre a agropecuária e a indústria também foram realizadas e, a principal delas, foi a “Revolução Verde”<sup>2</sup>, que caracterizava-se por um pacote tecnológico baseado no uso intensivo de sementes melhoradas, de inovações químicas (como novos adubos e agrotóxicos) e o uso cada vez maior de maquinários agrícolas. A modernização da agricultura alterou rapidamente a base da produção agrícola, que se voltou, principalmente, para as culturas de soja e milho (MAGALHÃES, 2003).

O processo de urbanização brasileiro também foi favorecido pelo grande crescimento vegetativo da população e pelo Regime Militar instaurado em 1964. O

---

<sup>2</sup> Para maiores informações sobre a “Revolução Verde”, ver: Piffer (1997); Rippel (2005); Albergoni; Pelaez (2007), entre outros.

Regime deu continuidade ao Plano de Metas do governo Kubitschek com a finalidade de modernizar os setores produtivos além de realizar investimentos na infraestrutura do país, melhorando a mobilidade populacional e as trocas comerciais inter-regionais (GARCIA, 2002). Paralelamente ao Plano de Metas, o Regime Militar também optou por incentivar a modernização da agricultura, a opção escolhida para isso foi a concessão de crédito subsidiado do qual os pequenos proprietários não tinham acesso, obrigando muitos a abandonar o campo, fato que fortaleceu o fenômeno do êxodo rural (MARTINE; MCGRANAHAN, 2010).

Monte-Mór descreve a origem do tecido urbano brasileiro a partir das políticas adotadas ao longo da história do país:

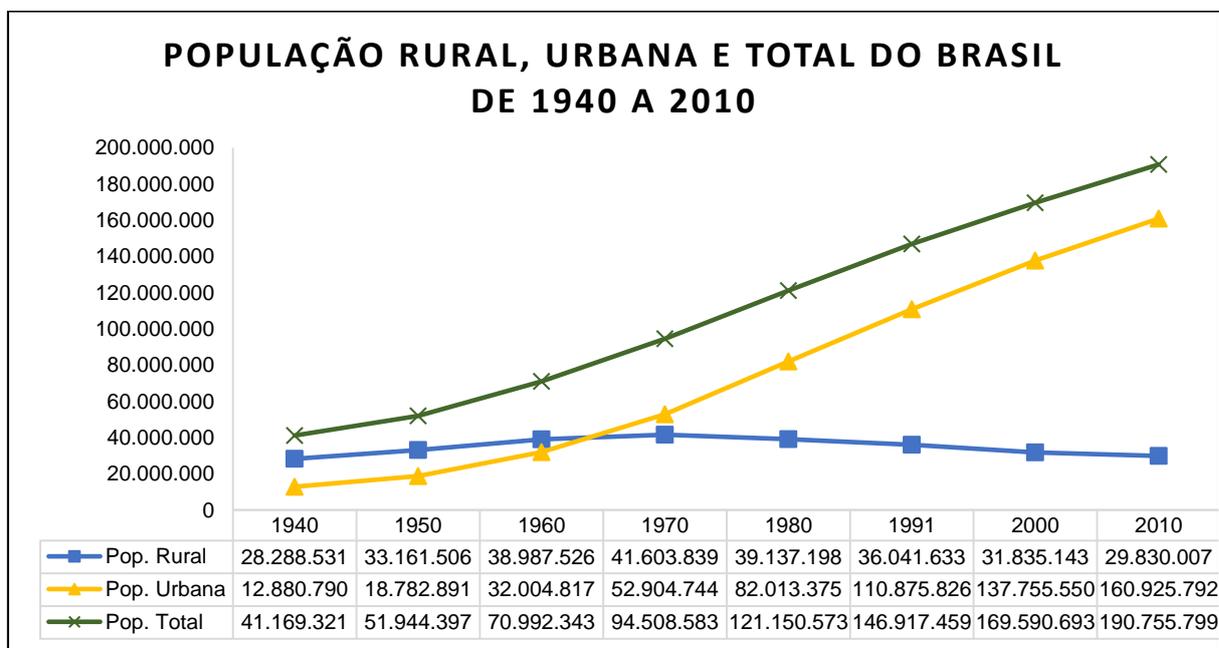
O tecido urbano, no Brasil, teve sua origem na política territorial ao mesmo tempo concentradora e integradora dos governos militares em sequência à centralização e expansionismo do período Vargas e às ações de interiorização do desenvolvimento do período Juscelino. O velho binômio “Energia e Transporte” transformou-se nos anos 70 em investimentos em infra-estrutura (rodovias, hidrelétricas), comunicações, serviços financeiros, entre outros. Os capitais internacionais que demandaram o Brasil associaram-se à construção civil, ao latifúndio subsidiado e à agro-empresa, que constituíram alguns dos acordos das elites econômicas nacionais e regionais para apoio ao militarismo (inter)nacional. Através do tecido urbano estenderam-se o (aparato do) Estado, a legislação (trabalhista e previdenciária), redes de comunicação, serviços urbanos e sociais (produção e consumo), potencialmente por todo o país, dos centros dinâmicos às fronteiras de recursos naturais (MONTE-MÓR, 2006. p. 11).

Foi nos anos 1970, portanto, que a urbanização brasileira expandiu-se e integrou diferentes regiões do território nacional. À medida que a concentração industrial começou a reduzir, a centralidade urbana e industrial de São Paulo passou por um processo de desconcentração para o interior do próprio Estado e para o restante do país. Essa urbanização do território, Monte-Mór (2006) denomina “urbanização extensiva”, por ter atingido praticamente todo o território brasileiro, saindo das metrópoles e encadeando-se com os centros industriais e seguindo a direção da infraestrutura de transporte, da localização das matérias primas e dos meios de comunicação.

O Gráfico 1 apresenta dados referentes à população total, urbana e rural brasileira de 1940 a 2010. Percebe-se que a população rural brasileira cresceu até a década de 1970, quando alcançou um total de mais de 41,5 milhões pessoas, porém de 1980 a 2010 seu total passou a cair, estando, em 2010, com apenas 29,830 milhões (população rural inferior à registrada em 1950). Já a população urbana

apresentou incrementos em seu tamanho desde 1940, quando era composta por pouco mais do que 12,88 milhões de pessoas, assim, em 2010, do total de 190,755 milhões de pessoas, mais de 160,925 milhões residiam em áreas urbanas.

Gráfico 1 - População rural, urbana e total brasileira de 1940 a 2010



Fonte: IBGE (2000b) para os dados referentes a 1940 e IBGE(2010).

Deste modo, até 1970 a população urbana brasileira passou por uma elevada concentração e o país deixou de ter sua maior parte da população nas áreas rurais e obteve uma composição populacional majoritariamente urbana. Pelos dados dos Censos Demográficos, observa-se que a população rural, em 1960, ainda representava 54,92% da população total, porém, já no Censo Demográfico de 1970, houve a superação do rural pelo urbano, uma vez que nesse ano 55,98% da população residia em áreas urbanas. Percebe-se uma contínua concentração da população nessas áreas, chegando, em 2010, a representar mais de 84% da população brasileira.

Como ressalta Garcia (2002), essa transição se deu principalmente por conta dos fluxos migratórios das pessoas que saíram do meio rural em direção ao meio urbano, principalmente com destino às grandes cidades. Ademais, é notório que a migração esteve no centro dos processos de urbanização e industrialização brasileira.

A rápida transição do rural para o urbano revelou suas deficiências por meio das conurbações<sup>3</sup> que manifestaram um perfil centralizado no urbano, mas com uma organização urbana nacional profundamente debilitada. O urbano se estendeu pelo território caracterizado pela falta de habitações, de estruturas coletivas, pela baixa demanda no mercado de trabalho – considerando os grandes movimentos migratórios e o crescimento populacional –, o que alimentou o círculo vicioso da pobreza, do desemprego e da informalidade (SILVEIRA, 2008).

Martins (2008) também ressalta que a formação social do Brasil demonstra que a valorização da terra, em especial dos espaços anteriormente considerados deteriorados, não é destinada para as pessoas de menor renda que habitavam esses espaços, já que ela cria uma monetização das relações sociais, o que acaba na expulsão das pessoas que não têm capacidade de compor a demanda por esse espaço reformado e, em consequência, de valor elevado.

Sendo assim, as aglomerações urbanas foram e são caracterizadas por complexas estruturas espaciais, posto que acabam por incorporar municípios vizinhos e formar grandes manchas urbanas compostas por sub-núcleos residenciais, industriais e de prestação de serviços localizados em distintos pontos espaciais. Por serem regiões de grande concentração populacional, há a atuação de diversos agentes sociais, coexistindo, também, diversos problemas inerentes a essa alta aglomeração (CASTELLO BRANCO, 2006).

Neste processo de transformação demográfica, econômica e social, o acelerado movimento de urbanização brasileiro também afetou os deslocamentos populacionais que passaram a ser, em sua grande maioria, entre áreas urbanas. A predominância dos movimentos urbanos desencadearam mudanças expressivas na conformação desses espaços e fizeram surgir novas espacialidades por meio da redistribuição interna da população, que passou a definir e redefinir as áreas que configuram as territorialidades (BAENINGER, GONÇALVES, 2000).

Baeninger (2010) resume a urbanização brasileira por seu ponto de inflexão na década de 1980. Antes disso, a urbanização esteve focada na concentração da dinâmica econômica, na concentração da população nas grandes metrópoles e na concentração das migrações. A partir da década de 1980 surgiram novas

---

<sup>3</sup> A conurbação é um processo no qual uma cidade absorve núcleos urbanos localizados no seu entorno, pertencentes ou não a outros municípios. O processo de conurbação pode ocorrer de diferentes formas, mas é caracterizado por envolver fortes relações socioeconômicas e causar transformações tanto na cidade que absorve os núcleos urbanos como nos próprios núcleos (VILLAÇA, 1998).

reorganizações da população e também da dinâmica econômica, houve disseminação da indústria no território – processo iniciado nos anos 1970 –, o ritmo de crescimento das metrópoles diminuiu e a população se redistribuiu no espaço.

Por conta dos fatores citados acima, foi a partir da década de 1980 que as migrações internas brasileiras tornam-se mais complexas, principalmente pela da intensificação dos movimentos urbanos que contribuíram para o elevado grau de urbanização do país (CUNHA; BAENINGER, 2006). Os principais fluxos de deslocamento da população no Brasil passam a se alterar e antigos locais de atração de migrantes começam a perder expressão. Novos locais de movimentos populacionais com grandes fluxos de pessoas surgiram, com destaque para a inversão nos principais fluxos dos Estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, a redução da atratividade do Estado de São Paulo, elevação da permanência das pessoas na região Nordeste, o surgimento de novos eixos de movimentos pendulares e grande migração de retorno para o Estado do Paraná (OLIVEIRA, 2011).

A década de 1990 confirmou o processo de desconcentração populacional e revelou o crescimento das cidades pequenas e médias. As cidades médias chegaram a apresentar um incremento anual de seus habitantes, próximo ao que ocorre nas grandes cidades desde os anos 1980 – entre 1991 e 2000 as cidades médias tiveram um incremento de 991 mil pessoas enquanto as cidades grandes de 921 mil pessoas (BAENINGER, 2010).

Os movimentos migratórios interestaduais do Brasil dos anos 1990 sofreram algumas inversões em suas tendências. Os fluxos direcionados para as áreas de fronteiras se reduziram, tanto no Centro-Oeste (em particular no Mato Grosso) como no Norte, principalmente em Rondônia, que teve a maior redução no fluxo de imigrantes entre 1980 e 1990. A região nordeste demonstrou diversidades em seus movimentos migratórios interestaduais; os Estados da Bahia e Maranhão apresentaram as maiores perdas populacionais enquanto que os Estados do Ceará, Paraíba e Pernambuco tiveram reduções de suas perdas populacionais. Já a região Sul registrou uma queda na evasão populacional, principalmente por conta dos fluxos migratórios paranaenses, onde a emigração sofreu redução e as imigrações aumentaram consideravelmente (CUNHA; BAENINGER, 2006).

A partir do relatório do IBGE: Censo Demográfico de 2000 – resultados da amostra que apresenta informações sobre migração e deslocamento, constatou-se que:

A população brasileira que trabalhava ou estudava na semana de referência, segundo o Censo Demográfico, atingiu um total de 111.178.989 pessoas e destas 7.403.362 trabalhavam ou estudavam fora do município de residência (6,7%). Deste total, 6.655.162 (89,9%) deslocavam-se para outro município da mesma Unidade da Federação, enquanto 671.879 (9,1%) o faziam para outra unidade e 51.955 (0,7%) deslocavam-se para outro país. Da população que se deslocava para fora de seu município de residência, os que só trabalhavam totalizavam 5.339.606 pessoas (72,1%), já os que apenas estudavam atingiam 1.341.707 (18,1%) enquanto aqueles que tanto trabalhavam quanto estudavam somavam 721.992 (9,8%) (IBGE, 2000a, p. 67).

Em 2010, porém, o número de pessoas que trabalhavam em um município diferente do que o de residência saltou para 10,1 milhões (11,8% da população) e das 59,6 milhões de pessoas que frequentavam escola ou creche, 4,4 milhões se deslocavam para outro município para estudar. Com a finalidade de trabalhar, 41,6% dos movimentos pendulares originaram-se nos municípios das Regiões Metropolitanas de São Paulo e Rio de Janeiro. A região Sul do Brasil concentrou 11% desses movimentos e o Paraná 5,8% (IMB, 2012).

### 2.3.2 Urbanização e Mobilidade Populacional do Paraná

No século XVII o Paraná passou a pertencer à Coroa de Portugal e nesse período surgiram as primeiras cidades. Na região Leste do Estado, a ocupação foi relacionada com a mineração do ouro, que se localizava no litoral. Nesse processo de ocupação a Vila de Curitiba foi fundada e houve o surgimento de Paranaguá. Foi também no século XVII que se deu a ocupação da Mesorregião Centro-Oriental, que primeiramente era caracterizada pela atividade pecuária de forma extensiva, atividade que se integrou ao caminho boiadeiro, passando a região a trabalhar com a invernagem do gado que vinha do Rio Grande do Sul para posterior revenda no interior de São Paulo (SWAIN, 1988; IPARDES, 2004b).

De modo geral, até o início do século XVIII as atividades paranaenses estavam centradas na agricultura para a subsistência e, em sua maioria, eram praticadas em latifúndios e realizadas por mão de obra escrava. Aos poucos foram surgindo vilarejos e cidades nos redores das estradas, como por exemplo: Palmas, Ponta Grossa, Lapa, Castro, Jaquaraíva e Guarapuava (SWAIN, 1988).

À medida que isso ocorria no Estado, no cenário nacional, especificamente, o comércio se intensifica com a Independência do Brasil (1822), e o capital gerado volta-se para a produção de café. O direcionamento da economia para o setor cafeeiro

acelera a divisão social do trabalho e a mercantilização da economia, além de promover a acumulação de capital nas atividades ligadas ao setor. Posteriormente os capitais investidos no café se direcionaram para outras áreas, principalmente a industrial e a bancária. A nova dinâmica conduziu a melhorias e construções nos sistemas de transporte e também estimulou o crescimento das cidades (IPARDES, 1981).

Na segunda metade do século XIX, segundo Furtado (1980), a economia brasileira estava dividida em três setores principais, sendo eles:

- i) A economia ligada ao açúcar e ao algodão, desenvolvida desde o Maranhão até o Sergipe (com exceção da Bahia que se direcionaria para a produção de cacau), região que detinha um terço da população brasileira da época;
- ii) A economia cafeeira, compreendida nos estados de Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, que era no século XIX o motor da economia brasileira, e;
- iii) A economia basicamente de subsistência, beneficiada de forma indireta pelo aumento das exportações. Alguns setores dessa economia de subsistência conseguiram ampliar suas remunerações com a venda de seus excedentes no mercado interno. Um exemplo ocorreu no Paraná, onde parte dos imigrantes agricultores passou a se dedicar, além da agricultura para a subsistência, à extração de folhas de erva-mate, produção que passava por grande expansão com o aumento das exportações do produto.

Por conseguinte, no século XIX, como destaca SWAIN (1988), o comércio de erva-mate atuou como polo dinâmico do Estado do Paraná, o que favoreceu o seu povoamento e aumentou suas riquezas. Nesse período também houve significativa imigração, que se firmou, principalmente, em pequenas e médias propriedades com o propósito de abastecer de alimentos as cidades. A imigração foi incentivada pelo próprio governo, que, enquanto a atividade econômica estava focada na produção de erva-mate e na exportação de gado, faltavam alimentos internamente.

A autora ainda destaca que houve o surgimento de grandes propriedades nesse período, graças às concessões de terras que foram feitas às companhias privadas. A colonização comandada pelo governo foi deixada em 1880 e, a partir desse momento, ocorreu apenas a colonização privada, fazendo com que as pessoas ocupassem áreas próximas às cidades mais antigas. No Estado do Paraná, em meados do século XX, a concessão de terras ainda era uma atividade comum, posto

que a arrecadação do governo estava, em grande parte, apoiada nos impostos sobre as exportações de erva-mate e de madeira, que eram feitas, em sua maioria, pelas companhias privadas de colonização. A grilagem<sup>4</sup> era outra prática comum à época e chegou a representar a ocupação de um quarto do território paranaense até a terceira década do século XX.

Assim, percebe-se que até o começo dos anos 1940 a população do Paraná era pequena e sua maioria estava concentrada nas áreas ocupadas por europeus nas grandes propriedades pecuárias. A forte atração exercida pela cultura do café desencadeou significativos fluxos migratórios do rural para o rural. O Estado passou a se sobressair como uma importante região de fronteira e de absorção de migrantes inter-regionais e, particularmente, dos migrantes interestaduais. Essa situação se conservou na década de 1950 e início da década seguinte. Entre 1940 e 1965 estima-se que houve, aproximadamente, a imigração de 2 milhões e 700 mil pessoas para o Estado (RIPPEL, 2005).

No início da década de 1960, analisando apenas as atividades econômicas principais, pode-se considerar que existiram “dois paranás”, sendo eles: o norte cafeeiro, que se destacava por estar conectado com a economia paulista, porém sem muito destaque no setor industrial – já que concorria diretamente com as indústrias paulistas bem mais dinâmicas –, e o restante do Estado, de ocupação mais antiga e ainda com uma economia agrícola pouco diversificada, sem infraestrutura de qualidade e nem meios de transporte eficientes (IPARDES, 1981).

Desta maneira, o Estado manteve-se como um importante destino de migração para a área rural até a década de 1970, dinâmica que acabou por não estimular o desenvolvimento da área urbana paranaense, que não apresentou crescimento significativo de 1940 a 1970. Algumas das características que explicam a falta da dinâmica urbana foram o caráter eminentemente agrícola do desenvolvimento econômico da época, as características da produção de café, as qualificações dos imigrantes paranaenses e a natureza das políticas de redistribuição de terras e de colonização (GRAHAM; HOLANDA FILHO, 1973).

Já na década de 1970, o que se verificou no Estado foi a ocorrência de grandes transformações. O Paraná saiu de uma economia agrícola tradicional para uma economia de acelerada industrialização, houve um intenso processo de

---

<sup>4</sup> A grilagem caracteriza-se pelo processo de tomada de posse de terras por meio de falsos títulos de propriedade.

modernização agrícola que desenvolveu fortemente a agroindústria, bem como o estabelecimento de um moderno complexo metal-mecânico centrado na região Metropolitana de Curitiba. Essas alterações na dinâmica produtiva paranaense causaram mudanças na estrutura ocupacional, provocando altas taxas de desemprego e de evasão populacional do meio rural e incremento do emprego urbano (IPARDES, 1996).

Assim sendo, a partir dos anos sessenta, e principalmente nos anos setenta, houve intensa integração da agricultura com a indústria, o que provocou grande parte da modernização da mesma. Conquanto, além destes, outros fatores também foram encarregados pela modernização da agricultura do País, tais como:

[...] o Sistema Nacional de Crédito Rural, com o objetivo de expandir a produção agrícola, bem como modernizar a agricultura; os estímulos dados pela União e Estados, com a finalidade de difusão das inovações técnicas na agricultura através da assistência técnica principalmente a criação da Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural-EMBRATER, em 1974; a fase de expansão da economia (milagre econômico) no período de 1968/73; a implementação do segundo Plano Nacional de Desenvolvimento-II PND, cujo objetivo foi a ampliação do setor de bens de capital e principalmente de insumos básicos, ente os quais se destacam os produtos químicos e fertilizantes (PIFFER, 1997, p. 23).

O intenso êxodo rural desencadeado pela modernização da agricultura acabou por solidificar e aumentar a rede de centros paranaenses existente na época, por consequência. Porém, a evasão do meio rural não foi totalmente absorvida pelo meio urbano e o Estado passou de receptor para expulsor populacional. Fluxos emigratórios foram formados principalmente com destino ao Sudeste brasileiro e para as áreas agrícolas pioneiras do Norte e Centro-Oeste (DESCHAMPS et al, 2008).

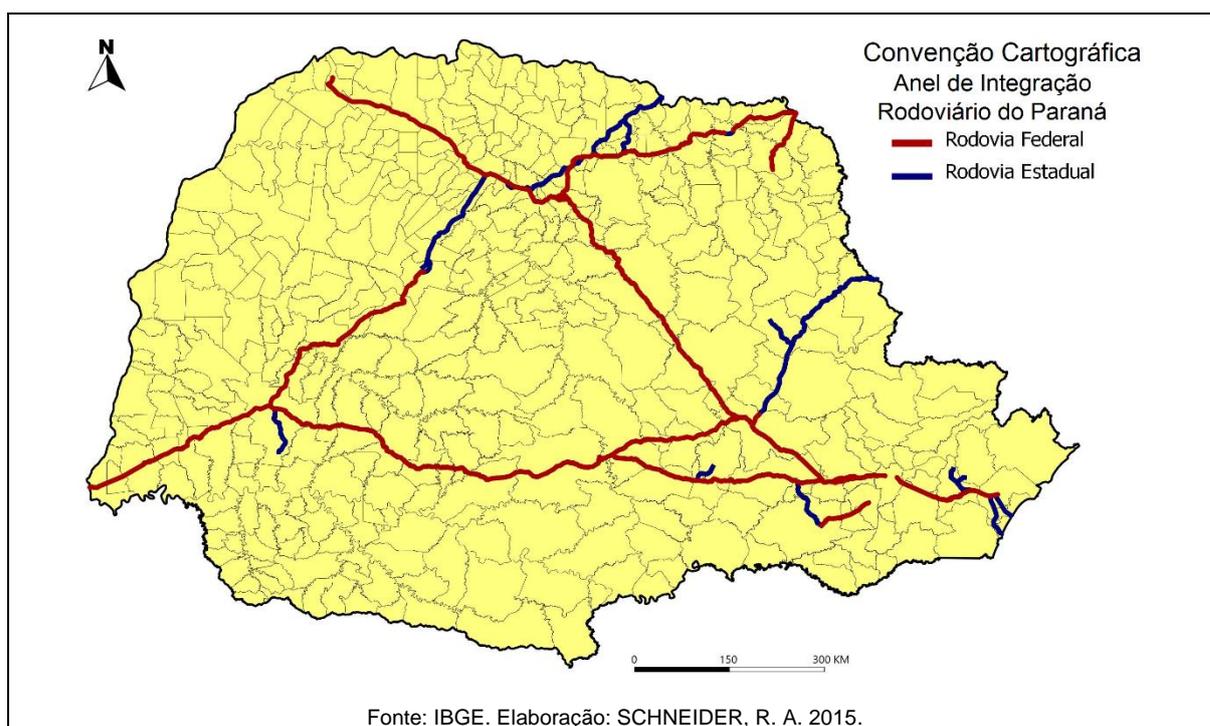
Ademais, a indústria paranaense se desenvolveu muito nesse período e como resultado houve a superação das atividades primárias pelas secundárias. O crescimento do setor secundário ocorreu por financiamentos do extinto Banco de Desenvolvimento do Paraná (Badep) e pelo Fundo de Desenvolvimento Econômico (FDE). Investimentos, esses, que aprimoraram a estrutura industrial do Estado, principalmente na região Metropolitana de Curitiba (IPARDES, 2004c).

A década de 1980 reuniu as condições necessárias para a manutenção do bom desempenho da economia paranaense. De tal forma que, nos anos 1990, com o Plano Real, com a implementação da indústria automobilística e com a ampliação das atividades ligadas à madeira e ao papel, a estrutura do Paraná se alterou e criou nova

dinâmica ao Estado. Em parte, graças aos fluxos dos Investimentos Externos Diretos (IED) destinados, principalmente, para as grandes montadoras de automóveis concentradas na região Metropolitana de Curitiba. Por conta disso, a participação da população dessa região com relação ao Estado mais que dobrou de 1970 até 2000 (BITTENCOURT, 2003; MORETTO et al, 2012).

Também na década de 1990 implantou-se no Estado o anel de integração (Figura 3), que se deu por meio da recuperação, modernização e manutenção das rodovias que conectavam os principais polos do Paraná. Segundo Silva (1996), o anel de integração atuaria como um eixo de desenvolvimento, por onde incidiriam os fluxos de capitais, de bens e de serviços, e também por onde o desenvolvimento se disseminaria para as demais cidades do Paraná.

Figura 3 – Anel de Integração Rodoviário do Paraná



Fonte: Adaptado do IBGE (2010).

Segundo Abrahão, Caneparo e Abrahão (2012), a finalidade do anel de integração foi a de reduzir as carências de infraestrutura, principalmente no interior do Estado, e possibilitar que as atividades industriais se desenvolvessem em todo o território paranaense. O anel de integração paranaense conecta os grandes centros urbanos e econômicos à região Metropolitana de Curitiba e ao Porto de Paranaguá,

assim, os polos do Estado se ligam com a região portuária o que favorece o desenvolvimento do Paraná.

O anel é formado por rodovias que interligam as cidades polos de Ponta Grossa, Londrina, Maringá, Campo Mourão, Cascavel, Toledo e Guarapuava e também possui eixos para Curitiba, Paranaguá e Foz do Iguaçu. O objetivo do anel foi o de constituir um moderno sistema de transporte e tornar o Paraná o principal acesso brasileiro do Mercosul e também direcionar as atividades econômicas para essas rodovias de modo que nenhuma cidade do Estado estaria a mais de duas horas de distância das cidades polos citadas (SILVA NETO, 2005).

O desenvolvimento recente da economia paranaense foi e é baseado em uma intensa modernização da base produtiva, porém concentrada em alguns polos regionais, o que acabou intensificando as disparidades tanto regionais quanto internamente às regiões. Por conta disso ocorreu uma ampliação da desigualdade social, crescentes restrições para a inserção no mercado de trabalho e ampla disparidade na apropriação da renda (IPARDES, 2004a; PIFFER, 2009). Fenômenos que impactam diretamente nos diferentes movimentos espaciais e no aumento da movimentação pendular da população que busca oportunidades em diferentes locais.

Com relação aos movimentos migratório, Schneider (2013), utilizando os dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010, demonstrou que os saldos migratórios negativos do Paraná – observado desde o forte movimento do êxodo rural da década de 1970 – reduziram-se significativamente de 2000 para 2010, especialmente em razão da diminuição da emigração. Além disso, o Estado tem acompanhado a tendência verificada no país, que seja a intensificação de deslocamentos de curta distância, da migração interna e dos movimentos pendulares.

Diante destas modificações, Deschamps e Cintra (2008) afirmam que o movimento pendular paranaense foi e é um acontecimento importante relacionado ao desenvolvimento das migrações e da urbanização dos municípios centrais como Curitiba e regiões com crescimento mais destacado dentro do Paraná que se transformaram em aglomerações urbanas. Os autores, analisaram o movimento pendular na região Metropolitana de Curitiba por meio do Censo Demográfico de 2000, já destacavam a tendência da pendularidade ocorrer principalmente nos núcleos urbanos paranaenses e em especial nessa região Metropolitana.

Cintra, Delgado e Moura (2012b) também analisaram a dinâmica do movimento pendular nessa região metropolitana no ano de 2010, e constataram que

2,4 milhões de pessoas estudavam e/ou trabalhavam na região Metropolitana de Curitiba (RMC), e que cerca de 16% desse contingente deslocava-se do município de moradia para outro a fim de realizar essas atividades. Os autores também compararam a intensidade da pendularidade nessa região pelos dados dos Censos de 2000 e 2010 e constataram um aumento de 62% de 2000 para 2010 no movimento de entrada de pessoas que moravam em outros municípios da RMC e que trabalhavam e/ou estudavam em Curitiba. Já no sentido oposto houve o incremento de 158% no movimento pendular nesse período, demonstrando o fortalecimento econômico dos municípios do entorno de Curitiba.

Ainda os mesmos autores, em outro trabalho, analisaram os movimentos pendulares do Estado do Paraná como um todo e, pelos dados do Censo Demográfico de 2000, constataram que 357.603 pessoas foram contabilizadas como realizando movimento pendular de saída para trabalho e 326.580 pendular de entrada. Nesse mesmo período o movimento de saída para estudo foi feito por 121.046 pessoas e o de entrada por 121.042. Já no ano de 2010, 602.432 pessoas realizavam movimento pendular de saída de seu município para trabalho enquanto 577.897 realizaram o movimento de entrada, com o objetivo de estudar, 243.195 pessoas saíram do seu município de residência para outro, enquanto 258.469 realizaram movimento de entrada (CINTRA; DELGADO; MOURA, 2012a).

### 2.3.3 Delimitação da Área de Estudo com Base na Teoria dos Polos de Crescimento

O Oeste do Paraná foi a última região a ser ocupada e explorada no Estado. Há, por consequência, uma agroindústria dinâmica responsável por grandes impactos fundiários e populacionais, que possibilitaram o estabelecimento de uma densa rede de cidades, o que caracteriza a região como um dos três espaços de maior relevância do Estado do Paraná. As principais atividades econômicas estão vinculadas à agroindústria e aos serviços. Sua posição de fronteira com o Paraguai também estabelece relação internacional e permite atividades de comércio e turismo (IPARDES, 2008).

Os municípios de Cascavel, Toledo e Foz do Iguaçu destacam-se perante os demais da mesorregião Oeste paranaense, e isso ocorre porque o desenvolvimento capitalista é caracterizado por rupturas, por conflitos, por desequilíbrios e forças assimétricas. A riqueza que produz encontra-se, em sua maioria, espacialmente

concentrada (BRANDÃO, 2007). Deste modo, para compreender a formação e conformação dos municípios e de sua região de influência é necessário estudá-los por meio das teorias de desenvolvimento não equilibrado, das quais faz parte a Teoria dos Polos de Crescimento.

A teoria do desenvolvimento não equilibrado surgiu em reação à ideia de que o crescimento das economias se dava de forma equilibrada, sua base principal é a ideia de que é necessário implantar políticas desequilibradas para que as economias atrasadas se desenvolvam (RIPPEL; FERRERA DE LIMA, 2009). Segundo Stamm (2013), François Perroux foi o idealizador da Teoria dos Polos de Crescimento, o desenvolvimento de sua teoria se deu na década de 1950 e sua construção surgiu a partir da análise da concentração das empresas em Paris (França) e ao longo do Vale do Ruhr (Alemanhã).

A teoria de crescimento – e de desenvolvimento – de Perroux obteve grande repercussão internacional e foi o cerne de muitos trabalhos, além de também ter guiado políticas econômicas regionais em diversos países. Na área do desenvolvimento regional, é uma das teorias mais importantes e difundidas, representa tanto a que explica o crescimento das regiões quanto a que demonstra como ocorre a formação das desigualdades espaciais (BENKO, 1999).

Segundo Perroux (1967), o crescimento ocorre de forma desigual no espaço e no tempo, ele surge com diferentes vigos e em pontos ou polos, se dissemina por diferentes caminhos e gera variados efeitos no contíguo da economia. A estrutura de uma economia é variável porque é influenciada, dentre outras coisas, pela criação e desaparecimento das indústrias, pelos diferentes tamanhos de indústrias, por gerarem diferentes impactos no produto industrial global ao longo do tempo, por apresentarem diferentes taxas de crescimento em um mesmo período, entre outros. Os polos de crescimento seriam formados por unidades motrizes que transmitem encadeamentos a outras unidades.

Ainda segundo o autor, as unidades motrizes – indústrias ou empresas - se desenvolvem nos moldes das grandes indústrias modernas, com separação dos fatores de produção, concentração de capital, mecanização e separação técnica dos trabalhos. Seu produto apresenta, em determinados períodos, crescimento superior ao crescimento médio do produto industrial e da economia nacional. Por seu papel de destaque, as unidades motrizes podem gerar economias externas ao restante da economia.

Essas economias, por sua vez, ocorrem, por exemplo, quando o lucro de uma empresa não se dá apenas por seu volume de produção, mas também pelo volume de produção de outras empresas. Assim, a empresa motriz afeta a produção das empresas movidas por ela, ou seja, daquelas que detêm alguma relação com o volume de produção da empresa motriz. Dentre as unidades motrizes, destaca-se a indústria-chave que é caracterizada por sua capacidade de gerar um crescimento da produção global superior ao próprio crescimento de sua produção dentro de determinada região ou mesmo em esfera nacional (PERROUX, 1967).

A concentração espacial de um polo industrial complexo amplia a atividade econômica, já que estimula a concentração populacional e faz surgir diferentes necessidades e consumos progressivos – tais como, moradia, transporte, serviços públicos, etc. -, consumos que não seriam possíveis, ou não teriam a mesma intensidade, nas áreas agrícolas. Toda essa concentração gera disparidades inter-regionais; o polo modifica o seu entorno ou, quando forte o suficiente, sua economia nacional; tanto sua concentração como a acumulação de recursos capitais e humanos promove o surgimento de outros centros, que posteriormente podem interligar-se por meio dos transportes – matérias e intelectuais – e remodelar o plano econômico de determinada região, ou mesmo nação (PERROUX, 1967).

Deste modo, a economia nacional é caracterizada por componentes ativos – indústrias motrizes, polos de indústrias e atividades concentradas – e por componentes comparativamente passivos – indústrias movidas e regiões dependentes dos polos – sendo que os primeiros induzem o crescimento (ou retração) dos segundos (PERROUX, 1967). A economia, na concepção de Perroux, é desequilibrada, nela existem conflitos e assimetrias, formam-se hierarquias entre dominantes (ativos) e dominados (passivos). As relações sofrem efeitos de domínio entre os agentes, empresas e nações (GUILLÉN ROMO, 2008).

Tendo em vista que o desenvolvimento desequilibrado elaborado por Perroux acaba não sendo favorável a todas as regiões, é necessário que seja feito um ordenamento consciente do meio de propagação dos efeitos positivos e negativos desencadeados pelos polos de atividades nas demais localidades, é preciso que o desenvolvimento organizado seja induzido. Os efeitos positivos seriam os efeitos de arrastamento, que facilitam a transmissão do crescimento às demais localidades, por outro lado, os efeitos negativos seriam os de travagem que acabam agravando as desigualdades regionais. Para que haja o desenvolvimento da região como um todo é

preciso que os efeitos de arrastamento superem os efeitos de travagem (BENKO, 1999).

Myrdal (1995), também descreve os efeitos ocasionados pela expansão econômica dos polos, ele denomina os efeitos negativos de “efeitos regressivos” e os positivos de “efeitos propulsores”. Segundo ele, a expansão de uma localidade pode produzir “efeitos regressivos” (*back-wash effects*) em outras. A movimentação populacional, de capitais e do comércio proporcionariam, em sua maioria, efeitos positivos nas regiões afortunadas e efeitos negativos nas regiões desafortunadas. O fluxo migratório direcionado às regiões que encontram-se no processo de expansão econômica é um exemplo disso, pois acabam favorecendo essas em função das demais regiões. Por sua vez, os movimentos de capitais também se direcionam para as regiões em expansão, à medida que essas passam por aumento da demanda que estimula os investimentos e, conseqüentemente, aumenta as rendas e a demanda novamente, e assim por diante.

Mas, ainda segundo o autor, a expansão de uma localidade também pode produzir implicações positivas às demais, os denominados “efeitos propulsores” (*spread effects*). As regiões que se encontram próximas ao centro se beneficiam de algum modo da expansão dos mercados dele, já que, estimulando a produção de matérias primas para suplementar a sua indústria, podem estimular o surgimento de indústrias de bens de consumo em outras localidades e, em alguns casos, podem surgir novos centros.

Posto que o crescimento regional é dependente do crescimento que se inicia nos centros urbanos e da distribuição dele pela região não existe um mecanismo nacional de crescimento, pois esse depende do desempenho econômico das regiões, que por sua vez dependem do crescimento dos centros urbanos que as formam; compondo, assim, uma hierarquia urbana (BENKO, 1999).

Neste cenário, Ferrera de Lima (2003) destaca que os polos podem ser tanto de crescimento como de desenvolvimento. Os primeiros estimulam o crescimento do produto e da renda, porém não ocasionam significativas transformações nas estruturas dos espaços polarizados, enquanto que os de desenvolvimento desencadeiam mudanças estruturais em toda a região polarizada.

É necessário ressaltar que o desenvolvimento não deve ser confundido com crescimento econômico. Ele deve ser compreendido como um processo que gere progresso tanto econômico como social e cultural. Portanto, o desenvolvimento ocorre

quando a qualidade de vida das pessoas é aumentada, quando o intercâmbio de atributos mentais e sociais faz com que a população consiga aumentar, de forma sustentável, seu produto real global (GUILLÉN ROMO, 2008).

A compreensão do processo de hierarquia de uma região também é importante, dado que a concepção de polos regionais pressupõe que exista uma relação de hierarquia entre as cidades que compõem uma região. A hierarquia regional se demonstra pela localização das atividades econômicas e pela estrutura produtiva de cada cidade que revela o papel da mesma dentro da hierarquia regional (COLLA; ALVES; SCHNEIDER, 2012).

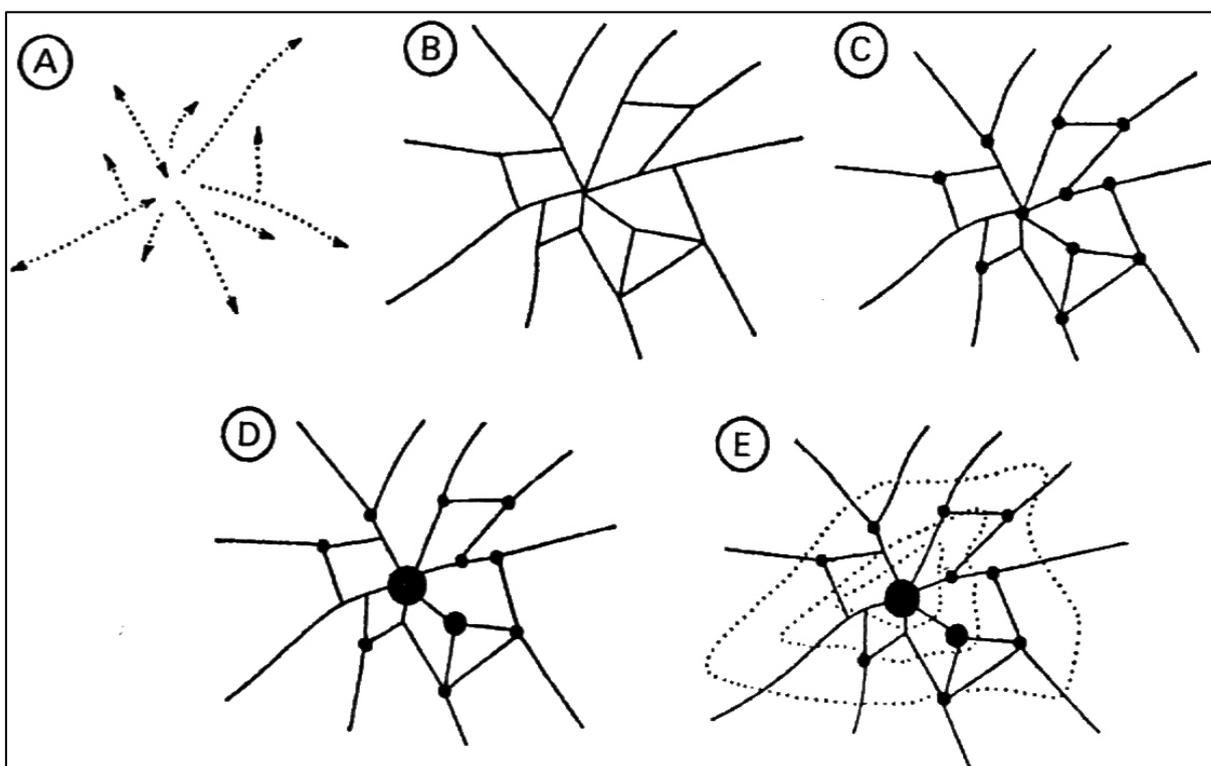
O espaço econômico se organiza em torno dos lugares centrais e a economia das regiões se desenvolveria por conta da área de atuação dos mercados desses lugares, e cada localidade possui níveis diferentes de integração econômica com esses mercados. Mesmo os lugares centrais podem ser de diferentes tamanhos e exercerem funções variadas; consolidando, assim, uma hierarquia nodal, onde o maior centro concentra e disponibiliza serviços especializados aos centros menores e seus entornos (LEMOS et al, 2003).

Em âmbito mais geral, a polarização deriva dos processos de concentração e centralização do capital e de seus desdobramentos no espaço, embora entre um e outro, inúmeras mediações sejam requeridas. Na verdade, ela é decorrente da heterogeneidade estrutural e da própria cumulatividade e das forças aglomerativas presentes no espaço geográfico capitalista (BRANDÃO, 2007, p. 82).

Haggett (1973) traça um modelo que descreve a evolução regional baseada na polarização espacial urbana. Todo o processo de polarização da região é dividido pelo autor em etapas que descrevem como a evolução da polarização e da urbanização de uma região acontece. A Figura 4 demonstra as etapas da análise dos sistemas regionais, o processo de polarização e urbanização se inicia pelos movimentos e fluxos (A); posteriormente, esses movimentos e fluxos formam uma rede (B), rede que acaba desencadeando a formação de nós e/ou polos (C); após a formação dos polos surgem as hierarquias das cidades (D); por fim, a última etapa configura uma região, que dispõe de polos marcantes e apresenta hierarquias já definidas (E). Percebe-se que a organização de uma região se dá pelos fluxos constantes de mercadorias, capital, informações e pessoas dentro do território da mesma e que a formação das regiões urbanas e polarizadas ocorre nas três últimas

etapas. Quanto mais intenso os fluxos, maior será a expansão e o desenvolvimento das cidades, enquanto que a redução dos fluxos provoca retrações das cidades.

Figura 4 - Etapas de Polarização, Urbanização e Movimentação Populacional



Fonte: Haggett (1973).

Rippel (2005) faz uma junção da teoria desenvolvida por Haggett com a evolução da região Oeste do Paraná, onde se localizam os municípios polos em estudo – Cascavel e Toledo, considerando que a região apresentou processo similar ao exposto:

Isto porque, o esquema “A” de certo modo retrata a expansão extensiva da ocupação do Oeste paranaense por parte da população, notadamente migrante. Nosso pressuposto é o de que este esquema mais o “B” indicam o processo de evolução da área. O primeiro representa a chegada dos colonos que se espalham pela região mediante a aquisição de propriedades notadamente rurais.

Com o tempo, seja por questões de relacionamentos pessoais antecedentes (redes sociais anteriores), seja pela proximidade da atividade econômica ou pela interferência das colonizadoras formaram-se diversos núcleos urbanos na região, na forma de distritos e vilas, todos eles pertencentes a um único município, Foz do Iguaçu, como já exposto. O esquema “B” apontaria então o estabelecimento das rotas de comunicação e transporte entre estes pequenos núcleos populacionais e a sede do município, que serviram para a circulação de pessoas, transporte de mercadorias e de produtos, etc.

A etapa “C”, analogicamente, aponta o estabelecimento de núcleos urbanos mais estruturados, que servem de apoio às necessidades dos indivíduos, principalmente daqueles alocados em áreas rurais mais distantes. Tal

comportamento é condizente com o processo de colonização ocorrido no Oeste do Paraná, que levou ao surgimento de cidades que se hierarquizaram fazendo surgir na etapa “D”, os polos regionais (Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo). A etapa “E” apresentaria então justamente a maturação desse processo, quando se vê o surgimento de um polo econômico demográfico regional central, que, via de regra, influi em todo o comportamento da região, que, no caso do Oeste do Paraná, vem a ser Cascavel (RIPPEL, 2005, p. 182-183).

Deste modo, o crescimento desigual dos municípios da região Oeste do Paraná foi e é respaldado na teoria do desenvolvimento não equilibrado e se encaixa na teoria dos polos de crescimento de Perroux (1967). A polarização possibilita que vantagens locacionais sejam criadas para as cidades ou regiões, influenciando até na estrutura produtiva e na base de exportação das mesmas, o que são variáveis cruciais para o crescimento e o desenvolvimento da região analisada como um todo (COLLA et al., 2011).

O município de Cascavel é o polo principal da Região Oeste desempenhando funções de média e alta complexidade nas áreas de serviços e transformação, sua posição tornou-se estratégica por ser ponto de acesso às fronteiras internacionais e também com conexões fortes com a capital do Estado, o que favoreceu sua centralidade (MOURA; WERNECK, 2001; IPARDES, 2004a).

Já a cidade de Toledo localiza-se próxima a de Cascavel, cerca de 46 quilômetros, o que favoreceu seu crescimento e contribuiu para a diversificação de suas atividades econômicas que são principalmente relacionadas a agroindústria e a indústria farmacêutica e química (IPARDES, 2008; COLLA et al., 2011). Segundo Rippel (1995), Ferrera de Lima e Borges (2007) a consolidação do município como polo por meio de sua estruturação produtiva se deu por meio de encadeamentos produtivos que se iniciaram por meio dos efeitos ocasionados da instalação do parque agroindustrial da SADIA de Toledo, que entre as década de 1970 e 1980 se afirmou como indústria-chave da região.

Deste modo a escolha dos municípios de Cascavel e Toledo está relacionada com a importância dos mesmos para a região Oeste paranaense, e até mesmo fora dela, mesmo estes municípios não sendo de grande porte e, também, por sua recente colonização, permitindo observar a relação entre o seu crescimento econômico e a das atividades econômicas desenvolvidas por eles em outras localidades por meio do estudo dos movimentos pendulares.

Outra questão a ser explicada diz respeito ao município polo de Foz do Iguaçu, apesar de sua posição como um dos polos do Oeste paranaense, optou-se por excluí-lo da análise como município de referência do movimento pendular. Essa decisão foi pautada por duas condições: sua localização e suas atividades econômicas, pois Foz do Iguaçu encontra-se na fronteira com o Paraguai e Argentina e detém relações econômicas importantes com os mesmos, em especial, vinculados ao comércio e ao turismo.

De modo que tais características não permitiriam uma adequada análise de seus movimentos pendulares, uma vez que os dados dos Censos Demográficos não disponibilizam a identificação dos movimentos pendulares de entrada para Foz do Iguaçu que se originavam de municípios estrangeiros, ou seja, não é possível captar os movimentos pendulares das pessoas que residiam em cidades próximas do Paraguai e da Argentina e que trabalhavam e/ou estudavam em Foz do Iguaçu.

Feitas as devidas considerações sobre a escolha dos municípios de referência para o estudo do movimento pendular, o próximo tópico tem o objetivo de descrever como se deu a formação da região Oeste do Paraná a fim de demonstrar o desenvolvimento dos municípios de referência e dos demais municípios que concentram as maiores relações de movimentação pendular com eles, observadas suas proximidades.

#### 2.3.4 Oeste do Paraná

A região Oeste do Paraná começou a ser efetivamente povoada apenas no início do século XIX, até esse momento a região encontrava-se isolada do restante do Brasil. Mas, como destacam Silva, Bragagnollo e Maciel (1988, p. 29), mesmo antes de seu povoamento, as primeiras invasões ao Oeste paranaense ocorreram entre 1500 e 1600 e foram efetuadas mais como um “empreendimento de caçadores de gente, de índio” do que um movimento efetivo de colonização ou até de ocupação.<sup>5</sup>

Ainda segundo os autores, primeiramente a área foi explorada por estrangeiros: nos séculos XV e XVI os exploradores se originavam da Europa (como os espanhóis e os portugueses); já nos séculos XIX e XX, eles chegavam tanto da

---

<sup>5</sup> Para mais detalhes sobre a colonização da região Oeste do Paraná ver: Wachowicz (1982); Wachowicz (1988); Silva, Bragagnollo e Maciel (1988); Niederauer (2004); Maccari (1999); Gregory (2002); Ferrera De Lima, Piacenti e Piffer (2001); Rippel (2005), entre outros.

Europa (como os ingleses), quanto da América do Sul, principalmente da Argentina e do Paraguai. Até 1600 a divisão entre o domínio português e espanhol no Sul e no Oeste da colônia não era definida e mudava conforme novos tratados se firmavam. No início de século XV destacava-se o trabalho dos jesuítas espanhóis que tinham o objetivo de catequisar os índios sendo que, em 1610, foi criada a redução Jesuítica do Guaíra.

Porém, o trabalho realizado pelos jesuítas espanhóis não passou despercebido e a Coroa Portuguesa ficou atraída tanto pela localização estratégica da região, quanto pela grande mão de obra indígena. O objetivo dos portugueses era capturar os índios e vendê-los aos senhores dos engenhos que produziam açúcar no Noroeste do Brasil. Assim, após muitas derrotas, os espanhóis tiveram que deixar essa região, e com a partida dos espanhóis de Guaíra, rapidamente a população indígena foi reduzindo e os portugueses também acabaram abandonando a região. Posteriormente a essa desocupação, foi apenas no início do século XIX que a região voltou a ser efetivamente ocupada (RIPPEL, 2005).

Segundo Niederauer (2004), em meados do século XVII, com a saída dos jesuítas, os índios que ainda encontravam-se na região eram os Gês, vindos do Tibagi, Leste de Santa Catarina, ou Norte do Rio Grande do Sul. O uso da erva-mate pelos jesuítas e os índios guaranis havia se difundido e, tanto a procura como o preço da mesma, incentivaram a formação de pequenos grupos de produtores da mesma. Destarte, quando a Guerra do Paraguai acabou (1865-1870), a atividade cresceu e desenvolveram-se empresas no Paraguai.

Com a fundação da Colônia Militar de Foz do Iguaçu, por volta de 1889, fortaleceu-se a relação da região com a Argentina e o Paraguai, já que a maioria das pessoas pertencentes à Colônia Militar eram argentinos e paraguaios. Além disso, em 1905, uma grande área de terras que se localizavam à margem esquerda do Rio Paraná foram compradas por ingleses, terras que passaram a ser denominadas de Fazenda Britânia. O objetivo dos ingleses com a compra dessas terras era a extração de madeira, erva-mate e até mesmo erva-cidreira, produtos que eram exportados para a Argentina. Porém, em 1939, com o início da II Guerra Mundial, inicia-se a decadência da Fazenda Britânia, que posteriormente é adquirida pela Indústria Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A – MARIPÁ, que colonizou as áreas onde se encontram atualmente os municípios de Toledo, Quatro Pontes, Marechal Cândido

Rondon, Entre Rios do Oeste, Mercedes e Pato Bragado (SILVA; BRAGAGNOLLO; MACIEL, 1988).

No período pós-Segunda Guerra Mundial destacam-se algumas colonizadoras que atuavam no Oeste paranaense, são elas: a MARIPÁ, a Pinho e Terras, a Colonizadora Gaúcha Ltda., a Colonizadora Matelândia Ltda., a Colonizadora Criciúma Ltda., a Indústria Agrícola Bento Gonçalves Ltda., entre outras. As colonizadoras atuavam comprando e vendendo terras para colonizadores migrantes, vindos, principalmente do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina (Gregory, 2002).

A conjuntura mundial em crise e as incertezas das companhias estrangeiras que operavam no Oeste do Paraná fizeram com que fossem desativados seus empreendimentos ou entrassem em falência, abrindo fabulosos espaços para o investimento de capitais nacionais no pós-Segunda Guerra Mundial. Esses fatos foram fundamentais para criar as condições de colonização da região. Outro fato importante já tinha dado sinais vigorosos no contexto da história do sul do país: a migração de colonos, num processo de expansão das fronteiras agrícolas. As velhas colônias de imigrantes europeus do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina já tinham excedentes populacionais suficientes dispostos a tentar reproduzir suas condições de colonos. Nos primeiros anos da década de 1930, num processo de ocupação de terras, aqui chegaram os primeiros colonos desse período intermediário entre a ocupação esporádica e a colonização propriamente dita. Além dos primeiros colonos, descendentes de imigrantes, na década de 1930, famílias que antes residiam nas fazendas da sociedade campeira dos Campos Gerais, ocupando as margens da Rodovia Estratégica, chegaram ao Oeste do Paraná, onde passaram a cultivar roças de subsistência. No período de 1943/45, madeireiros de outras regiões implantaram as primeiras serrarias com objetivos comerciais (GREGORY, 2002, p. 92).

Foi a partir da década de 1940 que a região passou a fazer parte do modelo de desenvolvimento nacional que estava direcionado para a ocupação das fronteiras, denominado Marcha para o Oeste. Esse movimento consistiu em uma política nacional realizada no período do Governo Novo de Getúlio Vargas e tinha como objetivo coincidir as fronteiras econômicas com as fronteiras políticas; objetivo que seria alcançado pela ocupação do território por meio da colonização. Nesse momento, diferentes interesses se cruzaram e propiciaram uma efetiva marcha nacionalista, cujos interesses originavam-se tanto do Governo que via a colonização como uma forma de assegurar o território brasileiro, como pelos empreendedores de empresas colonizadoras e de madeireiras que obteriam novas possibilidades de negócios e, assim como os colonos, que poderiam reconstruir espaços coloniais (LOPES, 2002).

A Marcha para o Oeste coincidiu com dois fatores que também estimularam a imigração para o Oeste paranaense nesse período. De um lado estavam ocorrendo mudanças no meio rural do Rio Grande do Sul, visto que muitas pessoas não conseguiam mais se sustentar e necessitaram migrar para outras regiões brasileiras (principalmente pela sub-divisão das terras por herança). Do outro lado estava o processo de ampliação das terras destinadas à pecuária no Centro-Sul do mesmo Estado que também desencadeou a liberação de muitos trabalhadores rurais (MAGALHÃES, 2003).

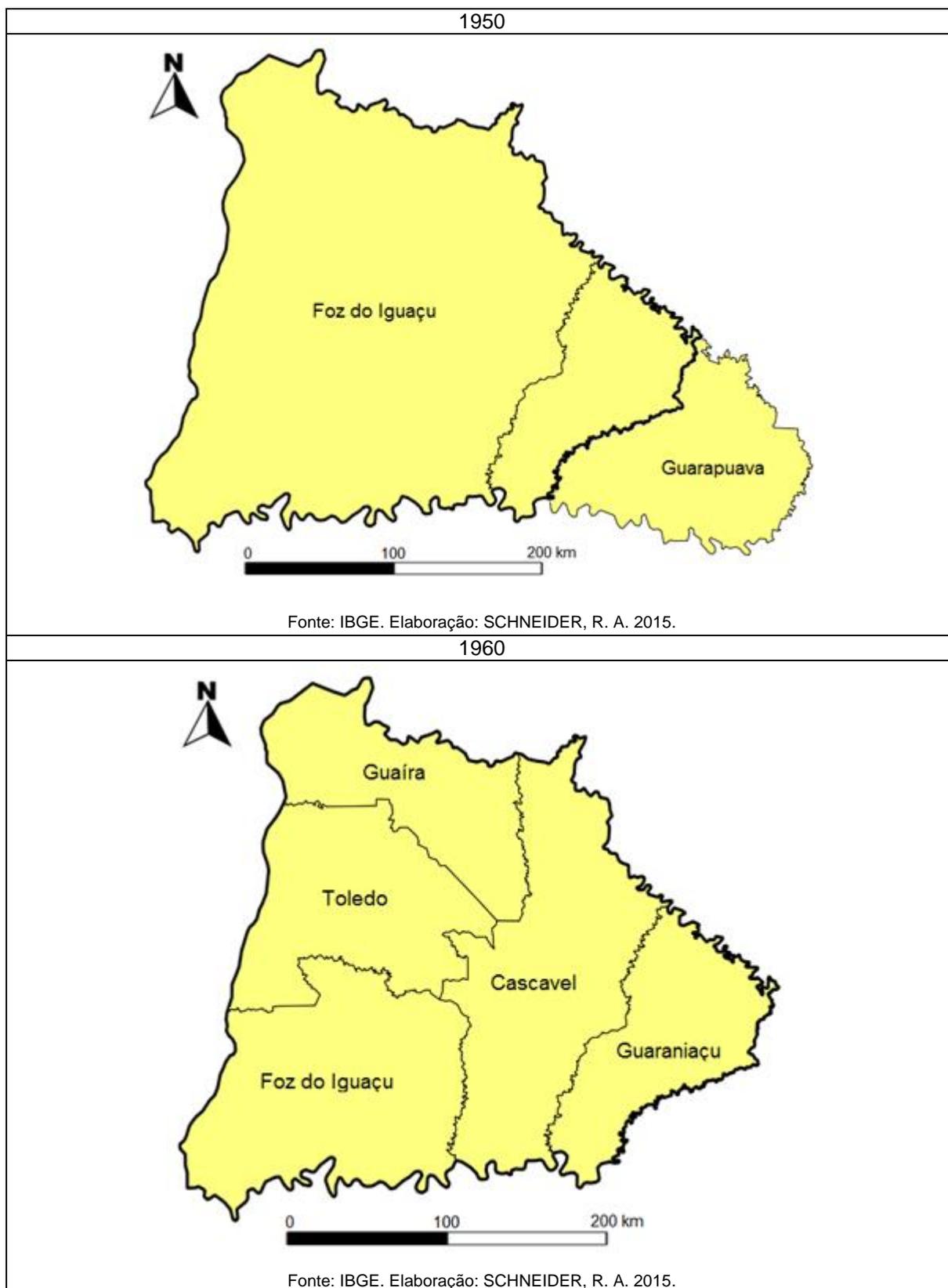
Ainda segundo a autora, a produção cafeeira de São Paulo se estendeu em direção ao Oeste do Paraná, o que contribuiu para acelerada ocupação da região entre 1940 e 1960 e também promoveu a criação de centros urbanos. A ocupação era formada, principalmente, por fluxos originados de São Paulo, Minas Gerais e do Nordeste brasileiro. Outro aspecto relevante para a ocupação do Oeste paranaense foram os projetos de colonização da área, tanto públicos como privados, que atraíram muitos gaúchos e catarinenses que adquiriram pequenas propriedades na região e reproduziram o modo de produção agrícola que realizavam em seus Estados.

Assim, dos anos de 1950 até 1970 houve crescimento anual da população do Oeste paranaense, de maneira muito mais elevada do que no restante do Estado e do País.

Não por acaso foram esses 20 anos que configuraram o período de maior imigração na região, e o período no qual ocorreu o efetivo desbravamento e colonização da área. Tal período deteve a capacidade de se constituir no esteio do grande crescimento econômico que a região vivenciou, pois à base econômica que se constitui na área nos anos 50 e 60, agrega-se o fato de a mesma ser, à época, uma fronteira agrícola, elemento que se soma a uma série de eventos no cenário agroexportador estadual e nacional que impactaram no desenvolvimento do Oeste do Paraná (RIPPEL, 2005, p. 87).

Até o início da década de 1950 observa-se, pela Figura 5, que a região Oeste do Paraná era constituída, em sua maior parte, pelo município de Foz do Iguaçu, dele faziam parte os núcleos urbanos de Cascavel, Guaíra, Santa Helena, Toledo, Medianeira e Matelândia. Rippel (2005) ressalta que nesse período a região era pouco habitada, tanto que foi denominada pelo IBGE como o Extremo Sertão do Oeste do Paraná. Segundo os Censos Demográficos de 1940 e 1950 observa-se que a população da região era muito pequena, em 1940, havia 7.645 habitantes na área e, em 1950, passou para 16.421 habitantes.

Figura 5 - Municípios do Oeste do Paraná em 1950 e em 1960



Fonte: Elaborado pela autora a partir das malhas digitais dos municípios brasileiros do IBGE de 1950 e de 1960 (2015).

Na área, até o começo de 1960 já haviam se emancipado como municípios os núcleos urbanos de Guaíra, Toledo e Cascavel, além de ser criado o município de Guaraniaçu. Pieruccini, Tschá e Iwake (2003, p. 86) descrevem que os novos municípios eram formados por “extensa área territorial, os caminhos mal traçados, que configuravam uma quase inexistente estrutura viária, as comunicações deficitárias e, conseqüentemente, o acesso precário aos outros centros políticos” (PIERUCCINI, TSCHÁ E IWAKE, 2003, p. 86).

Pelos dados do Censo de 1960, constatou-se que existiam 135.697 habitantes no Oeste Paranaense. A maior concentração estava no município de Cascavel que reunia 39.598 habitantes, o que representava pouco mais que 29% da população. Na seqüência estavam os municípios de Foz do Iguaçu com 28.212 habitantes (20,8%), Toledo com 24.959 (18,4%), Guaíra com 21.486 (15,83%) e Guaraniaçu com 21.442 (15,8%).

Sobre estes municípios, Rippel (2005) destaca que os movimentos populacionais nacionais, que se deram entre 1930 e 1970, caracterizaram três grandes fenômenos. O primeiro constitui no grande fluxo de migração do rural para o urbano (êxodo rural), que colaborou fortemente para o esvaziamento das zonas rurais. O segundo foi representado pelas migrações que se destinaram às fronteiras agrícolas, que começaram a se esgotar, com relação a fronteira agrícola do Paraná, no começo da década de 1980. Por fim encontrava-se a crescente e rápida concentração urbana da população relacionada diretamente com a ampliação dos movimentos populacionais com origem e destino em áreas urbanas.

Estes fenômenos populacionais brasileiros citados, influenciaram diretamente na conformação do Oeste paranaense, pois contribuíram para a ocupação da região, para a formação e solidificação da produção agrícola, para a consolidação de sua economia e para a urbanização e conexão da região com o restante do Brasil.

Outra contribuição para a economia da região foi a construção da BR-277, que ligou o Oeste ao restante do Paraná e ao Brasil, possibilitando e estimulando a produção de excedentes para a comercialização externa à região. Assim, a construção da mesma acarretou no aumento da produção agropecuária, o que resultou em maior renda e a expansão da dinâmica comercial da região (ALVES, et al, 2007).

As transformações ocorridas na agricultura da Região estavam associadas à modernização agrícola nos anos 70 a nível nacional. A modernização agrícola foi um processo de transformação da estrutura agrária decorrente das inovações técnicas introduzidas no processo de produção nacional e que se ampliou para as novas regiões do País e do Estado do Paraná. A origem, no entanto, advém da crescente inserção da reprodução agrícola ao movimento de reprodução do capital, no qual a agricultura exerce o papel de subordinação aos setores de concentração e centralização do capital, em especial ao setor industrial. A agricultura apresenta-se como um crescente mercado para os meios de produção do setor industrial (máquinas, tratores, equipamentos, fertilizantes defensivos, etc.), e este setor passa a demandar os produtos agropecuários, os quais constituem-se em matérias-primas (PIFFER, 1997, p. 11).

Com a ampliação da produção agrícola, ocorreu a criação e ampliação das indústrias cooperativas e a indústria local se fortificou direcionada ao agronegócio. A crescente urbanização da região também desenvolveu as atividades de comércio e serviços nas cidades. Assim, na década de 1980 a região se integrou definitivamente a economia nacional. Porém, o desenvolvimento da economia não se deu em toda a região Oeste paranaense, sendo que alguns municípios tiveram sua posição central e polarizante intensificada, enquanto que outros permaneceram na “periferia regional” (ALVES et al, 2007).

De forma que, com a forte concentração da atividade econômica do Oeste paranaense na agropecuária, os empregos no setor industrial já se demonstravam relevantes em 1970 e 1980, porém apenas nos municípios de Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, o que já demonstrava a importância deles dentro da região (FERRERA DE LIMA; ANSCHAU, 2013).

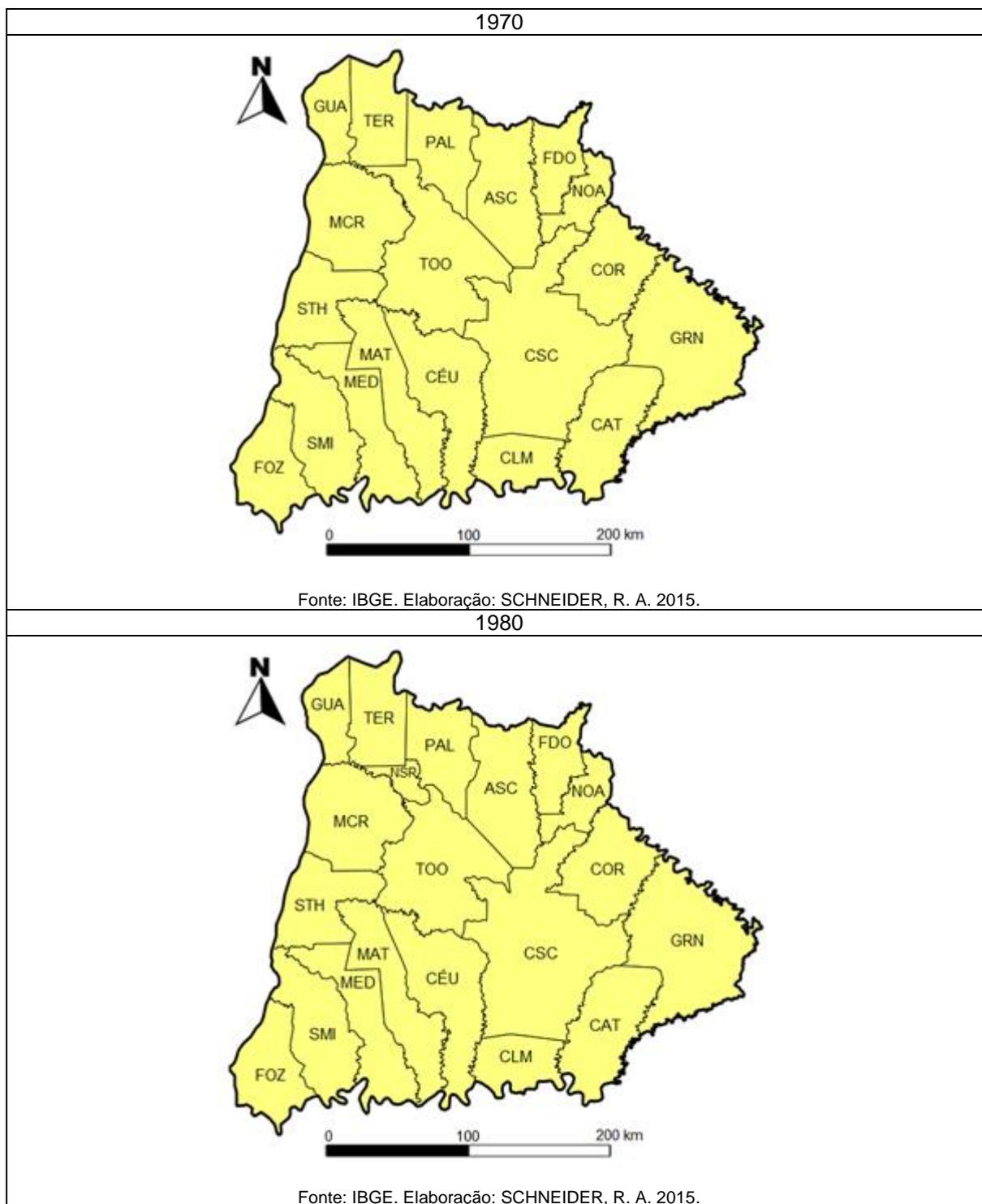
O período seguinte, 1980, foi marcado por uma crise nacional que resultou em grande redução dos subsídios ao setor agrícola, muitos agricultores e pecuaristas, principalmente de pequeno porte, não conseguiram arcar com os novos custos e formaram grandes fluxos emigratórios das áreas rurais para as urbanas. Foi também nessa década que se iniciou a abertura do comércio nacional pelo governo federal, o que ampliou a relação da região com o restante da economia brasileira. Essa relação se deu, principalmente, pela expansão da produção de soja e trigo na região Oeste paranaense, culturas que com a modernização da agricultura passaram a ser a base agrícola de região. Todo esse processo trouxe enriquecimento econômico para a região, porém, desencadeou problemas sociais, como a desordenada urbanização, o êxodo rural e grande fluxo emigratório (RIPPEL, 2005).

Magalhães (2003) demonstra em seu trabalho que durante a década de 1970 o Oeste do Paraná teve um saldo migratório rural negativo na magnitude de 354.638

peessoas, enquanto que na área urbana o saldo migratório demonstrou uma imigração líquida de 298.458 pessoas. Assim sendo, a região expulsou 56.179 pessoas a mais do que atraiu. Na década seguinte a região teve uma emigração líquida ainda maior, chegando a pouco mais de 200 mil pessoas, na área rural houve uma pequena queda no número de emigrantes líquidos, mas ainda saíram mais de 293.925 pessoas do que entraram e, enquanto isso, na área urbana o saldo migratório ainda foi positivo, mas inferior a um terço do que o observado na década anterior (93.871 pessoas).

A partir da Figura 6 percebe-se a configuração da região Oeste paranaense na década de 1970 e início da década de 1980. Nota-se que até o início da década de 1970 o Oeste do Paraná já contava com 19 municípios e que entre 1970 e 1980 foi criado apenas o município de Nova Santa Rosa.

Figura 6 - Municípios do Oeste do Paraná em 1970 e em 1980



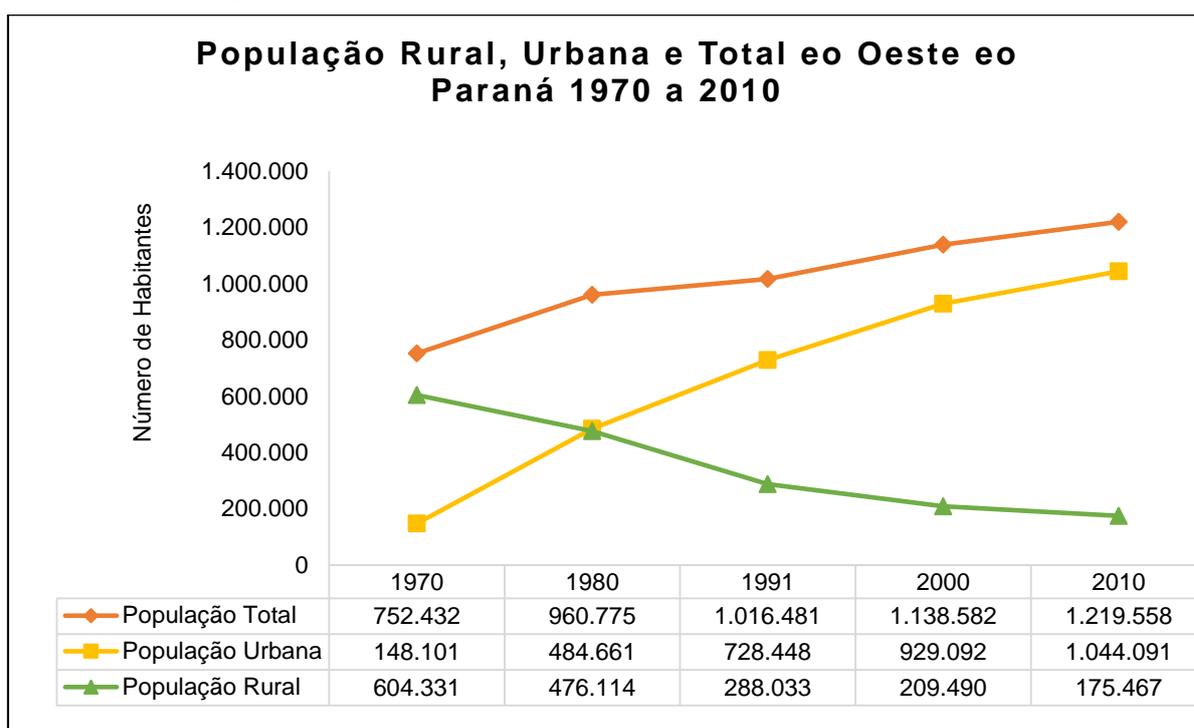
Fonte: Elaborado pela autora a partir da malha digital dos municípios brasileiros do IBGE de 1970 e de 1980 (2015).

Obs.: GUA – Guaíra; TER – Terra Roxa; PAL – Palotina; ASC – Assis Chateaubriand; FDO – Formosa do Oeste; NOA – Nova Aurora; COR – Corbélia; GRN – Guaraniaçu; CAT – Catanduvas; CSC – Cascavel; TOO – Toledo; NSR – Nova Santa Rosa; MCR – Marechal Cândido Rondon; STH – Santa Helena; FOZ – Foz do Iguaçu; SMI – São Miguel do Iguaçu; MED – Medianeira; MAT – Matelândia; CÉU – Céu Azul; CLM – Capitão Leônidas Marques.

Pelo Gráfico 2, que traz a evolução da população total, urbana e rural no Oeste do Paraná de 1970 a 2010, percebe-se que até 1980 a maior parte dos habitantes do Oeste residia em áreas rurais, situação que se inverteu com o êxodo rural e, a partir de 1980, a população predominante passou a ser a urbana.

Assim, de 1980 em diante, a população urbana passou a crescer em detrimento da população rural. Destaca-se que em 1980 residiam em áreas urbanas 8.547 pessoas a mais do que as que residiam em áreas rurais, diferença que aumentou substancialmente daí por diante chegando, em 2010, a residirem 868.624 pessoas a mais em áreas urbanas do que em áreas rurais, sendo que a população urbana contabilizava mais de 1 milhão e 44 mil pessoas e a rural era composta por apenas 175.467 pessoas.

Gráfico 2 – População total, urbana e rural do Oeste do Paraná de 1970 a 2010



Fonte: IBGE (2015a).

Já a Tabela 1 apresenta os dados da população urbana, rural e total dos municípios do Oeste paranaense em 1970 e 1980. Em 1970, a região contava com 752.432 habitantes, desse total, pouco mais de 80% ainda residiam na área rural. Os municípios mais populosos da época eram Cascavel, Assis Chateaubriand e Toledo com, respectivamente, 89.921, 78.600 e 68.885 habitantes e, os demais municípios, detinham menos de 45 mil habitantes. Até esse ano apenas o município de Foz do

Iguaçu exibiu maior parte dos seus habitantes residindo na área urbana - do total de 33.966 habitantes, 20.064 residiam na área urbana.

No ano de 1980, a população da região passou para 960.775 habitantes e os municípios que concentravam mais pessoas foram Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo, que já se estruturavam como os municípios mais dinâmicos do Oeste paranaense, e com respectivamente, 163.470, 136.352 e 81.287 habitantes. Os municípios que detinham mais habitantes na área urbana eram Assis Chateaubriand, Cascavel, Foz do Iguaçu, Guaíra e Toledo.

Tabela 1 – Municípios e população urbana, rural e total do Oeste do Paraná em 1970 e 1980

Município	População 1970			População 1980		
	Urbana	Rural	Total	Urbana	Rural	Total
Assis Chateaubriand	11.239	67.361	78.600	28.379	26.250	54.629
Capitão Leônidas Marques	3.454	19.802	23.256	10.316	30.516	40.832
Cascavel	34.950	54.971	89.921	123.656	39.814	163.470
Catanduvas	2.187	23.539	25.726	8.625	27.700	36.325
Céu Azul	4.175	19.044	23.219	11.792	13.649	25.441
Corbélia	3.014	36.658	39.672	13.967	21.931	35.898
Formosa do Oeste	3.976	40.302	44.278	10.005	25.997	36.002
Foz	20.064	13.902	33.966	101.538	34.814	136.352
Guaíra	11.261	21.614	32.875	19.599	9.571	29.170
Guaraniaçu	3.430	25.219	28.649	7.607	26.858	34.465
Marechal Cândido Rondon	7.166	36.610	43.776	25.039	31.171	56.210
Matelândia	2.352	22.209	24.561	10.000	23.440	33.440
Medianeira	7.289	23.853	31.142	24.368	24.999	49.367
Nova Aurora	2.831	27.757	30.588	6.316	12.075	18.391
Nova Santa Rosa	-	-	-	1.752	5.143	6.895
Palotina	5.214	37.791	43.005	12.854	15.399	28.253
Santa Helena	2.108	24.726	26.834	7.215	27.667	34.882
São Miguel do Iguaçu	2.214	23.028	25.242	7.897	26.344	34.241
Terra Roxa	6.137	32.100	38.237	10.707	14.518	25.225
Toledo	15.040	53.845	68.885	43.029	38.258	81.287
Total	148.101	604.331	752.432	484.661	476.114	960.775

Fonte: IBGE (2015b).

Rippel (2005) destaca que até a década de 1980 as taxas de crescimento anual da população do Oeste paranaense foram superiores as observadas quando se considera o Estado como um todo. Foi no período de 1980 a 1991 que a situação se inverteu e a região Oeste passa a ter taxas de crescimento inferiores a do Estado do Paraná. Segundo ele, uma das variáveis que afetou esses resultados foram os movimentos migratórios; já no final da década de 1980, houve grande redução dos movimentos migratórios destinados às regiões de fronteira agrícola, caso da região Oeste do Paraná.

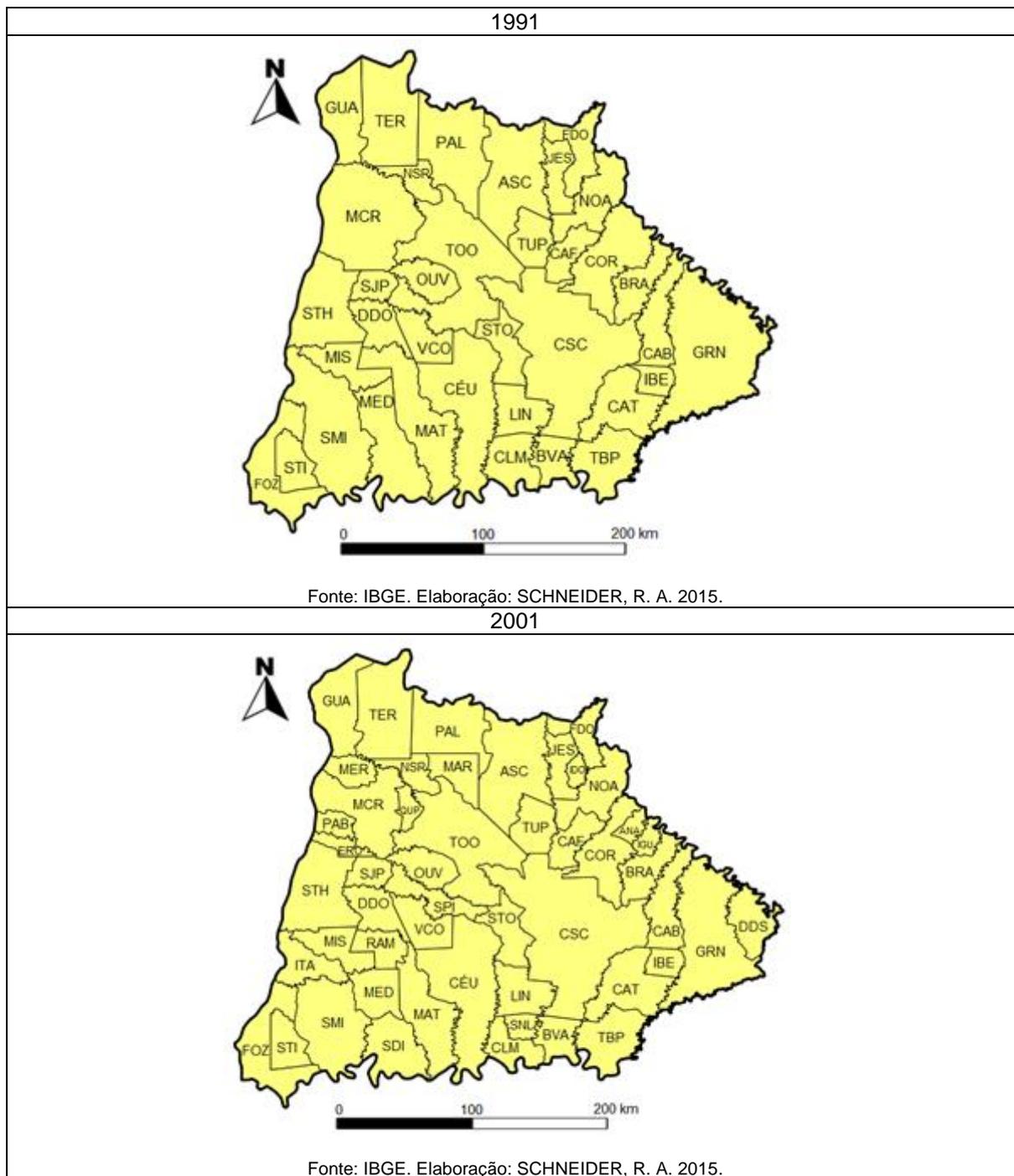
Entre 1995 e 2000, pelos dados de data fixa do Censo Demográfico de 2000, estima-se que a região teve um saldo migratório negativo e que saíram 33.844 pessoas a mais do que entraram (IPARDES, 2004a). O resultado aponta que a região ainda era caracterizada como expulsora da população, porém, esse valor caiu consideravelmente, o que demonstra uma estabilização dos fluxos migratórios regionais que acompanhou a tendência geral do Estado.

Em 1994, o governo estadual direcionou sua política para as cidades polos com a intenção de interligar as cidades e suas regiões às demais, foram dadas prioridades às agroindústrias, ao desenvolvimento e potencialização das vocações das regiões e do Estado. Outros setores também passaram a se desenvolver nas cidades polos situadas ao longo do “anel de integração”, como o metal-mecânico, transporte, hotelaria, mineração, moveleiro, madeireiro e têxtil. O crescimento dos municípios polos acabou afetando o crescimento dos municípios próximos, graças à circulação de capital, bens e serviços dos polos com as demais cidades (RIPPEL, FERRERA DE LIMA, 2009).

Entre 1991 e 2000, há a dispersão do ramo industrial na região Oeste do Paraná, que se deu de forma heterogênea no espaço. Cabe destacar a evolução da configuração desse ramo na região, que inicialmente surgiu pela necessidade de máquinas para a produção agrícola e também para atender às demandas das agroindústrias. No entanto, essa configuração lentamente se alterou e algumas empresas, que não eram ligadas ao agronegócio surgiram - assim como as já existentes se diversificam e passam a atender outros ramos de atividade -, como, por exemplo, empresas de fabricação de peças automotivas, fundição e indústria de máquinas, equipamentos e embalagens (FERRERA DE LIMA; ANSCHAU, 2013).

Observa-se, pela Figura 7, que, em 1991, o Oeste paranaense contabilizava um total de 36 municípios, ou seja, de 1980 para 1991 houve a consolidação de 16 municípios. Já de 1991 para 2001 foram criados mais 14 municípios e, no total, a região contabilizou 50 municípios, configuração que perdura desde então.

Figura 7 - Municípios do Estado do Paraná em 1991 e em 2001 - com destaque para os municípios que formavam a região Oeste paranaense



Fonte: Elaborado pela autora a partir da malha digital dos municípios brasileiros do IBGE de 1991 e de 2001 (2015).

Obs.: GUA – Guaira; TER – Terra Roxa; PAL – Palotina; ASC – Assis Chateaubriand; JES – Jesuítas; FDO – Formosa do Oeste; IDO – Iracema do Oeste; NOA – Nova Aurora; COR – Corbélia; ANA – Anahy; IGU – Iguatu; BRA – Braganey; CAF – Cafelândia; TUP – Tupãssi; CAB – Campo Bonito; GRN – Guaraniaçu; DDS – Diamante do Sul; IBE – Ibema; CAT – Catanduvas; CSC – Cascavel; STO – Santa Tereza do Oeste; SPI – São Pedro do Iguaçú; OUV – Ouro Verde do Oeste; TOO – Toledo; QUP – Quatro Pontes; NSR – Nova Santa Rosa; MAR – Maripá; MER – Mercedes; PAB – Pato Bragado; MCR – Marechal Cândido Rondon; ERO – Entre Rios do Oeste; SJP – São José das Palmeiras; SPI – São Pedro do Iguaçú; STH – Santa Helena; ITA – Itaipulândia; MIS – Missal; DDO – Diamante D'Oeste; VCO – Vera Cruz do Oeste; Foz – Foz do Iguaçú; STI – Santa Terezinha do Itaipu; SMI – São Miguel do Iguaçú; MED – Medianeira; SDI – Serranópolis do Iguaçú; MAT – Matelândia; CÉU – Céu Azul; SNL – Santa Lúcia; LIN – Lindoeste; CLM – Capitão Leônidas Marques; BVA – Boa Vista da Aparecida; TBP – Três Barras do Paraná.

O Censo Demográfico de 1991 revelou que a população da região ultrapassou, nesse mesmo ano, pouco mais de 1 milhão de habitantes (Tabela 2). Dos 36 municípios da época 20 já apreendiam a maior parte da sua população na área urbana, com destaque para Foz do Iguaçu e Cascavel onde a população na área urbana representava mais de 90% de suas populações totais<sup>6</sup>. Já pelo Censo Demográfico de 2000, percebe-se que houve um aumento de 122.101 habitantes na região com relação a 1991. Neste ano, os municípios de Foz do Iguaçu e Cascavel continuaram a ser os únicos com sua população urbana representando mais de 90% da total, todavia, dos 50 município, 37 já detinham mais população na área urbana do que na rural.

Por fim, pelos dados do último Censo Demográfico, expostos na Tabela 2, a população do Oeste do Paraná alcançou 1.219.558 habitantes no ano de 2010. Do total de habitantes, apenas os três municípios polos regionais concentravam mais de 50% do total. Além disso, mais de 90% da população residia na área urbana - os municípios de Guaíra e Santa Terezinha do Itaipu, além dos municípios polos, também tiveram mais de 90% de seus habitantes residindo na área urbana - e, do total dos 50 municípios, apenas 4 ainda concentravam mais pessoas na área rural, sendo eles, Diamante do Sul, Lindoeste, Mercedes e Ramilândia.

Ressalta-se que de 2000 para 2010, apenas 26 municípios detiveram incrementos em suas populações e, dentro os municípios polos, Foz do Iguaçu foi o único que perdeu população, mais de 2.400 pessoas, enquanto nos municípios polos de Cascavel e Toledo ocorreu considerável aumento de população, no primeiro houve o incremento de mais de 40 mil pessoas, e no segundo de mais de 21 mil pessoas. Dados esses, que podem indicar uma perda de representatividade do polo de Foz do Iguaçu com relação a Cascavel e Toledo.

---

<sup>6</sup> Dados sobre percentual da população urbana e seu percentual com relação à população total dos município do Oeste do Paraná de 1991, 2000 e 2010 encontram-se no APÊNDICE A.

Tabela 2 – Municípios e população do Oeste do Paraná em 1991, 2000 e 2010

<b>Município</b>	<b>População em 1991</b>	<b>População em 2000</b>	<b>População em 2010</b>
Anahy	-	3.011	2.874
Assis Chateaubriand	39.737	33.317	33.025
Boa Vista da Aparecida	10.370	8.423	7.911
Braganey	8.069	6.191	5.735
Cafelândia	8.093	11.143	14.662
Campo Bonito	5.059	5.128	4.407
Capitão Leônidas Marques	17.843	14.377	14.970
Cascavel	192.990	245.369	286.205
Catanduvas	9.821	10.421	10.202
Céu Azul	10.586	10.445	11.032
Corbélia	22.813	15.803	16.312
Diamante do Sul	-	3.659	3.510
Diamante D'Oeste	9.253	4.878	5.027
Entre Rios do Oeste	-	3.328	3.926
Formosa do Oeste	15.196	8.755	7.541
Foz do Iguaçu	190.123	258.543	256.088
Guaíra	30.000	28.659	30.704
Guaraniaçu	26.012	17.201	14.582
Ibema	6.106	5.872	6.066
Iguatu	-	2.255	2.234
Iracema do Oeste	-	2.951	2.578
Itaipulândia	-	6.836	9.026
Jesuítas	12.841	9.832	9.001
Lindoeste	6.877	6.224	5.361
Marechal Cândido Rondon	49.430	41.007	46.819
Maripá	-	5.889	5.684
Matelândia	17.329	14.344	16.078
Medianeira	38.665	37.827	41.817
Mercedes	-	4.608	5.046
Missal	10.372	10.433	10.474
Nova Aurora	15.494	13.641	11.866
Nova Santa Rosa	7.042	7.125	7.626
Ouro Verde do Oeste	6.330	5.472	5.692
Palotina	30.705	25.771	28.683
Pato Bragado	-	4.049	4.822
Quatro Pontes	-	3.646	3.803
Ramilândia	-	3.868	4.134
Santa Helena	18.861	20.491	23.413
Santa Lúcia	-	4.126	3.925
Santa Tereza do Oeste	6.118	10.754	10.332
Santa Terezinha de Itaipu	14.149	18.368	20.841
São José das Palmeiras	5.596	4.102	3.830
São Miguel do Iguaçu	24.721	24.432	25.769
São Pedro do Iguaçu	-	7.277	6.491
Serranópolis do Iguaçu	-	4.740	4.568
Terra Roxa	19.820	16.300	16.759
Toledo	94.879	98.200	119.313
Três Barras do Paraná	14.982	11.822	11.824
Tupãssi	8.829	8.018	7.997
Vera Cruz do Oeste	11.370	9.651	8.973
<b>Total</b>	<b>1.016.481</b>	<b>1.138.582</b>	<b>1.219.558</b>

Fonte: IBGE (2015a).

Diante de todo o exposto até aqui, compreende-se que há diferentes tipos de configurações existentes dentro do Oeste do Paraná, principalmente como efeito das

transformações tecnológicas/industriais pelas quais a região passou. Os municípios de Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo foram os grandes beneficiados do processo já que desde 1970 diversificaram suas bases produtivas e se transformaram nos polos econômicos da região. Os municípios lindeiros à Hidrelétrica de Itaipu<sup>7</sup> passam por transição e desenvolvem o setor de turismo, enquanto que os municípios próximos ao corredor viário das BRs 277 e 467 estão se destacando no contexto geral e, por fim, os demais municípios estão totalmente subordinados e ficaram à margem do processo de desenvolvimento econômico da região (ALVES et al, 2007).

Os trabalhos realizados por Piffer (1997), Rippel (2005), Rippel e Ferrera de Lima (2012), Colla, Alves e Schneider (2012), entre outros, confirmam as características citadas acima, demonstrando que a estrutura produtiva da maioria dos municípios do Oeste paranaense é pouco diversificada e que, em boa parte deles, o setor primário e a administração pública são os setores de maior relevância. Ter como uma das bases a administração pública, segundo os autores, gera dificuldades significativas, uma vez que o setor não provoca efeitos de encadeamento na economia local, e a base no setor primário reflete o fato da região ser baseada, principalmente, no setor agroindustrial e que muitos municípios fornecem matérias primas para esse setor, enquanto que apenas os mais dinâmicos concentram a industrialização da produção agropecuária.

Com relação a base de exportação do Oeste do Paraná, que se desenvolveu desde sua colonização, verifica-se que ela é centrada na agropecuária e na indústria, principalmente nas agroindústrias, a região tem sua exportação baseada, principalmente, nas *commodities* de soja, milho e proteína animal. Pelo desenvolvimento da região descrito até aqui, é visível que as atividades econômicas desenvolvidas, principalmente as industriais, se deram baseados na exportação. A região Oeste do Paraná lidera a produção de milho no Estado desde 2004, chegando, em 2013, a responsável pela produção de 29% do milho de todo o Paraná, o que representou mais de 5 milhões de toneladas<sup>8</sup>.

Com relação à produção de soja, o Oeste do Paraná se destaca como maior produtor do Estado desde 2000, com exceção de 2012, quando a maior produção foi da Mesorregião Norte Central. Em 2013 a região Oeste produziu 3.456.540 de

---

<sup>7</sup> Os municípios lindeiros a Hidrelétrica de Itaipu são: Diamante do Oeste, Entre Rios do Oeste, Foz do Iguaçu, Guaíra, Itaipulândia, Marechal Cândido Rondon, Medianeira, Mercedes, Missal, Pato Bragado, Santa Helena, Santa Terezinha do Itaipu, São José das Palmeiras, São Miguel do Iguaçu e Terra Roxa (PIACENTI et al, 2003).

<sup>8</sup> Os dados referentes à produção de soja, milho, suínos, frangos e leite tem como fonte o IBGE (2015a).

toneladas de soja, o que representou 21,7% da produção do Estado. Dentro da região, foi o município de Cascavel o que mais produziu soja, seguido de Assis Chateaubriand e Toledo, os municípios produziram, respectivamente, 324.068, 238.240 e 229.680 toneladas.

Considerando a produção de proteína animal, a produção de frango é a que mais se destaca. O Paraná exporta cerca de 1/3 do frango produzido no Brasil, que é o maior produtor mundial. A região Oeste do Paraná se destaca no efetivo de galináceos (galinhas, frangos, frangas e pintos) do Estado, em 2013 representava 25% (6.146.740) do efetivo total, ficando atrás apenas da região Sudoeste Paranaense que detinha 32%. Outro destaque da base de exportação da região é a produção de suínos que é a maior do Estado desde 1990. A produção, em 2013, foi de 2.395.360 suínos, o que representou 45% da produção total do Paraná. A produção de leite da região também deve ser destacada, já que o Paraná foi o terceiro maior produtor de leite do Brasil em 2013, atrás apenas de Minas Gerais e Rio Grande do Sul, e, da produção paranaense, o Oeste do Paraná representou 23,8%, perdendo apenas para a produção do Sudoeste do Estado que foi de 25%.

Já os dados expostos na Figura 8 e 9 apresentam o panorama atual da região, na primeira figura estão expostos o grau de urbanização dos municípios do Oeste do Paraná e o Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (IFDM) ambos referentes ao ano de 2010. Ressalta-se que os municípios de Foz do Iguaçu, Cascavel, Guaíra, Toledo e Santa Terezinha de Itaipu detinham os maiores graus de urbanização - superiores a 90% - do Oeste do Paraná. Do total, 18 municípios estavam com grau de urbanização entre 90% e 70%, enquanto 23 tiveram um grau de urbanização entre 70% e 50% e, por fim, quatro municípios ainda apresentavam um grau de urbanização inferior a 50%, são eles: Mercedes, Ramilândia, Lindoeste e Diamante do Sul.

Por sua vez, o Índice FIRJAN<sup>9</sup> de Desenvolvimento Municipal, é composto por três variáveis relacionadas ao desenvolvimento humano, são elas, Emprego & Renda, Educação e Saúde. O IFDM varia de zero a um, e quanto mais próximo de um, mais desenvolvido é considerado o município. Os municípios são enquadrados em quatro categorias: resultados de 0 a 0,4 indicam municípios de baixo desenvolvimento; de 0,4 a 0,6 de desenvolvimento regular; de 0,6 a 0,8 de desenvolvimento moderado e; de 0,8 a 1 de alto desenvolvimento (FIRJAN, 2016).

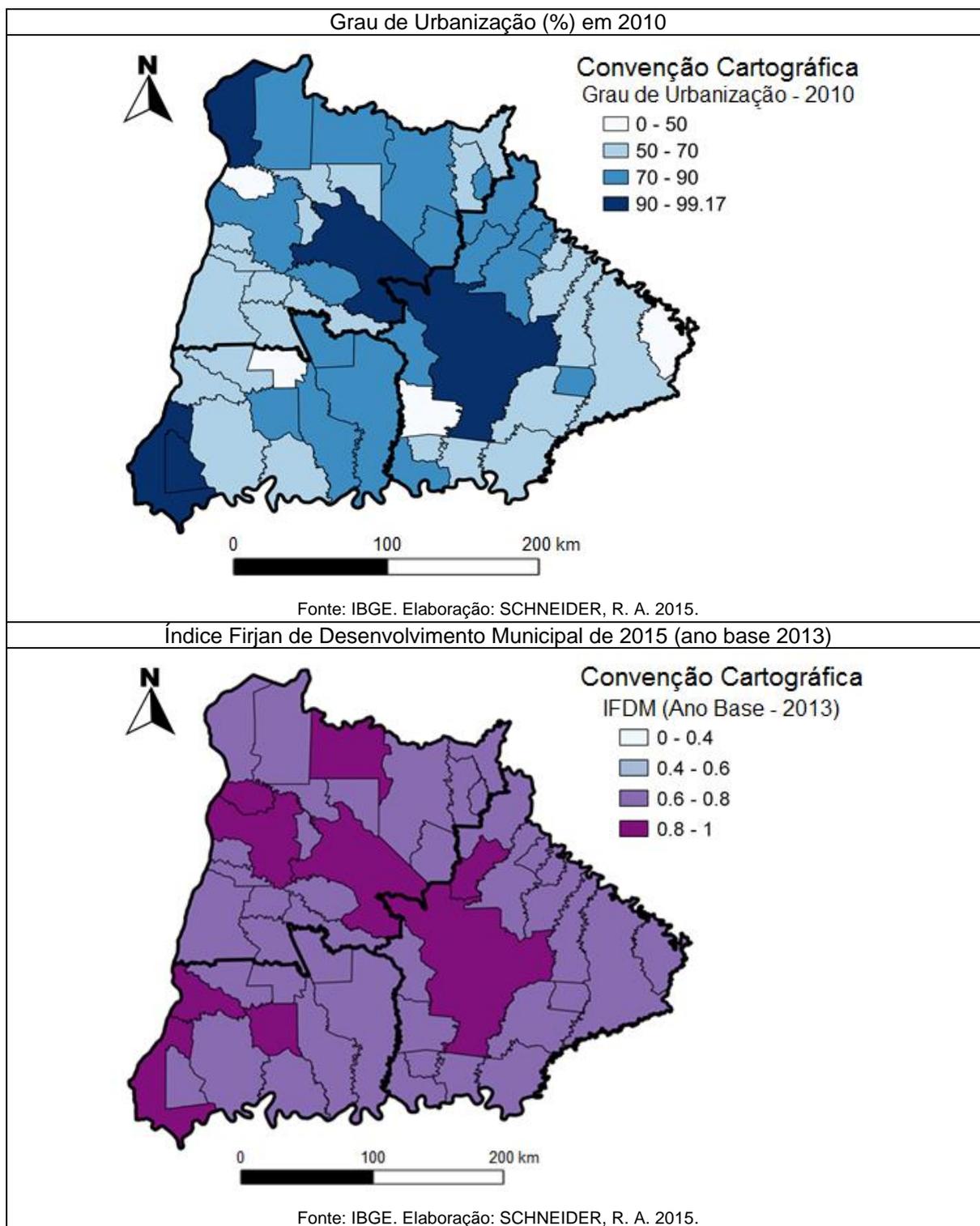
---

<sup>9</sup> Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro.

O IFDM é inspirado no Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M), porém, pode ser considerado mais completo, já que faz uma análise mais profunda das três categorias que o formam. Na categoria Emprego & Renda, as variáveis utilizadas são: geração de emprego formal, absorção de mão de obra local, geração de renda formal, salários médios do emprego formal e desigualdade. Já na categoria Educação, matrículas na educação infantil, abandono no ensino fundamental; distorção idade-série no ensino fundamental, docentes com ensino superior no ensino fundamental, médias de horas aula diárias no ensino fundamental e resultado do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) no ensino fundamental são os aspectos analisados. Por fim, a categoria Saúde é composta por: número de consultas pré-natal, óbitos por causas mal definidas, óbitos infantis por causas evitáveis e internação sensível à atenção básica (ISAB) (FIRJAN, 2015).

Pelo segundo mapa da Figura 8 é possível perceber que todos os municípios do oeste paranaense apresentaram bom desempenho no IFDM, ficando na categoria de desenvolvimento moderado ou alto. Os municípios com alto desenvolvimento foram os municípios de Palotina, Mercedes, Marechal Cândido Rondon, Corbélia, Itaipulândia, Medianeira, e os polos Cascavel, Foz do Iguaçu e Toledo.

Figura 8 - Grau de Urbanização e IDH-M dos municípios do Oeste do Paraná em 2010

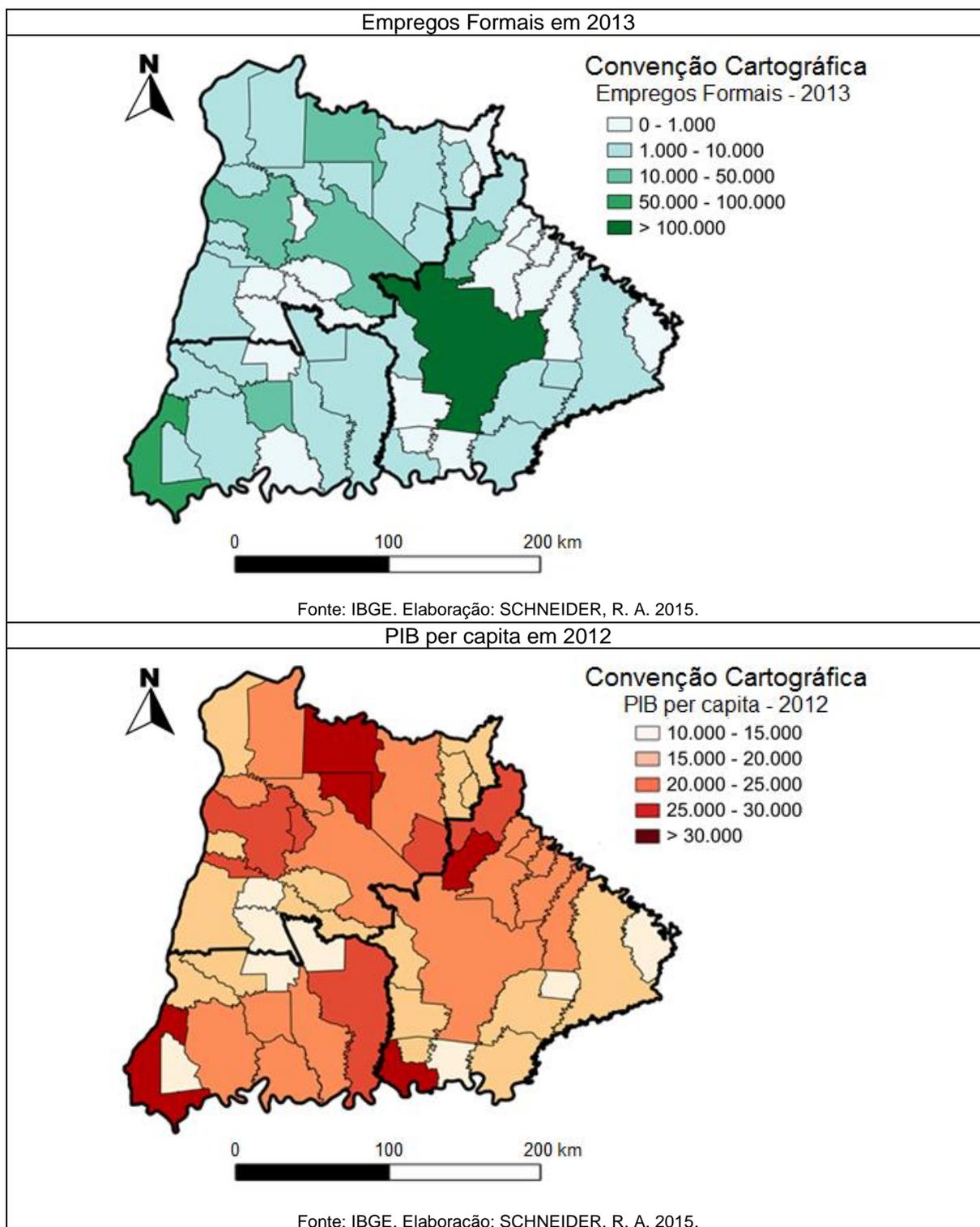


Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do IBGE (2015a) e FIRJAN (2016).

Na sequência, a Figura 9 demonstra os dados sobre o número de empregos formais de 2013. Observa-se que município que concentrou mais empregos formais, em 2013, foi o de Cascavel, único que empregou mais de 100 mil pessoas. Seguido por Foz do Iguaçu e Toledo, com 61.377 e 45.965 empregos formais,

respectivamente. Já os municípios de Medianeira, Marechal Cândido Rondon, Palotina e Cafelândia, detinham entre 10 mil e 50 mil empregos formais. Do restante, 25 municípios estavam na categoria de mil a 10 mil empregos formais, e 18 não chegaram a empregar formalmente mais de mil pessoas.

Figura 9 - Empregos Formais (2013) e PIB per capita (2012) dos municípios do Oeste do Paraná



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados do IBGE (2015a); IPARDES (2015) e MTE (2015).

A Figura 9 também exhibe o PIB per capita, que é a soma dos bens e serviços produzidos em cada município do Oeste do Paraná dividido pelo número de habitantes do município. O PIB per capita de 2012 foi a variável que demonstrou a menor relação com a hierarquia da região, por terem sido os municípios de Cafelândia, Palotina, Maripá, Capitão Leônidas Marques e apenas o município polo de Foz do Iguaçu que exibiram PIBs per capita superiores a 30 mil reais; seus valores foram, respectivamente, R\$ 46.614,00, R\$ 38.641,00, R\$ 34.852,00, R\$ 30.343,00 e R\$ 30.390,00.

Em seguida estavam os municípios de Céu Azul, Nova Aurora, Entre Rios do Oeste, Quatro Pontes, Marechal Cândido Rondon e Tupãssi, com PIBs per capita entre R\$ 25.000,00 e R\$ 30.000,00. Os municípios polos de Cascavel e Toledo se enquadraram apenas na categoria seguinte com PIBs per capita entre R\$ 20.000,00 e R\$ 25.000,00 acompanhados de mais 13 municípios. Já na faixa de R\$ 15.000,00 a R\$ 20.000,00 encontravam-se 16 municípios e, com os menores PIBs per capita – entre R\$ 15.000,00 e R\$ 10.000,00 - ficaram Boa Vista da Aparecida, Diamante D'Oeste, Diamante do Sul, Ibema, Ramilândia, Santa Terezinha do Itaipu, São José das Palmeiras e Vera Cruz do Oeste.

Alguns trabalhos sobre o movimento pendular na região Oeste do Paraná já foram realizados. Entre eles encontra-se o trabalho de Stamm (2005). O autor efetivou uma pesquisa *survey* sobre as pessoas que realizavam movimento pendular por meio do ônibus metropolitano entre as cidades de Cascavel e Toledo. A maior movimentação foi a das pessoas que realizavam o movimento no sentido Toledo-Cascavel, o que ressalta a hierarquia da região. A maior motivação para a realização da pendularidade foi para finalidades de negócio/trabalho correspondendo, praticamente, a 43% do total do movimento. Outras motivações significativas foram visitas familiares, estudo, turismo/passeio e saúde.

Já Reolon (2007) analisou o processo de metropolização e a criação das unidades regionais no Brasil, especialmente o estudo de Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil que conferiu ao Oeste do Paraná uma aglomeração urbana composta, basicamente, por Cascavel, Toledo e Santa Tereza do Oeste, que seria utilizada para estabelecer unidades regionais polarizadas por Cascavel e por Toledo. O autor, diante da generalização do projeto Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil, utilizou novos elementos para caracterizar e mapear as aglomerações urbanas, e o principal foi o movimento pendular.

O autor definiu, por meio dos movimentos pendulares, a existência da aglomeração urbana da soja, bipolarizada por Cascavel e Toledo, já que as identificou como cidades médias contíguas e fortemente relacionadas, agregando nessa aglomeração Corbélia, Ouro Verde do Oeste, Santa Tereza do Oeste e Sede Alvorada, além das áreas de expansão formadas por Cafelândia, Ibema, Marechal Cândido Rondon, Quatro Pontes, Rio do Salto, São José das Palmeiras, São Pedro do Iguaçu e Vera Cruz do Oeste.

Por sua vez, o trabalho de Deschamps et al. (2008), analisou o movimento pendular relacionado aos municípios paranaenses com base no Censo Demográfico de 2000 e, com relação à Mesorregião Oeste do Paraná, o destaque foi do município de Foz do Iguaçu, que apresentou a maior pendularidade, tanto de origem como de destino. Ao todo, mais de 16 mil pessoas se movimentaram com o objetivo de trabalhar e/ou estudar, tanto que o maior movimento foi o de saída realizado por 12,9 mil pessoas – é preciso ressaltar que os dados do Censo não captam os movimentos originários de outros países com destino para os municípios brasileiros. Seguindo Foz do Iguaçu estão os municípios de Cascavel e Toledo, os quais apresentaram movimentos pendulares de entrada de respectivamente 5.238 e 1.859 pessoas e de saída de 3.338 e 1.749 pessoas.

Cintra, Delgado e Moura (2012a), que também estudaram a pendularidade do Estado do Paraná, por meio dos Censos Demográficos de 2000 e 2010, destacam que no ano de 2000, 14.539 pessoas realizaram movimento pendular de entrada no Oeste do Paraná com a finalidade de trabalho e 29.537 realizaram o de saída pelo mesmo motivo. Em 2010, os movimentos passaram a se formar, respectivamente, por 30.069 e 37.237 pessoas. Com relação ao movimento para estudo, houve a entrada de 7.611 pessoas e a saída de 11.409 pessoas, em 2000 e, em 2010, realizaram a pendularidade de entrada no Oeste paranaense para estudar, 27.915 pessoas, e a de saída 25.973 pessoas.

Os autores ressaltaram que o Oeste do Paraná foi responsável, em 2010, por 10,8% e 10,68%, respectivamente, dos movimentos pendulares de entrada e de saída para a finalidade de estudo com relação a todo o Estado. E com relação ao movimento pendular para trabalho, o Oeste paranaense foi responsável por 5,2% da entrada e 6,18% da saída.

Considerando todo o contexto exposto até aqui é perceptível que a importância do movimento pendular aumentou com o passar do tempo, e que o Oeste

paranaense acompanhou essa tendência, demonstrando a relação desse fenômeno com a dinâmica de crescimento e desenvolvimento da região e evidenciando a importância do estudo desse fenômeno também em regiões menores, como é o caso da presente pesquisa enfocada em municípios de porte médio. Isto posto, na sequência serão apresentados os procedimentos metodológicos necessários para o estudo do movimento pendular na região de referência.

### 3 METODOLOGIA

A metodologia corresponde ao conjunto de métodos que são percorridos para que determinado conhecimento seja obtido. O método, por sua vez, é aqui entendido como o procedimento, a linha de raciocínio adotada quanto ao plano geral do trabalho. Ao considerar uma pesquisa com relação à abordagem de seu problema, o método pode ser de caráter quantitativo, qualitativo ou utilizar as duas abordagens (ANDRADE, 2010; MORESI, 2003).

As pesquisas qualitativas investigam e descrevem mais a fundo a complexidade do comportamento humano, geralmente as amostras de dados utilizadas são menores quando comparadas com as do método quantitativo, justamente pela análise mais detalhada dos dados obtidos. Nas pesquisas quantitativas busca-se demonstrar e destacar a evolução das relações entre as variáveis, ele destaca-se pela intenção em garantir a precisão dos resultados, por amostra de dados mais amplos, e o uso de estatísticas, desde as mais simples às mais robustas, possibilitando uma segurança maior sobre as inferências feitas sobre os dados (RAUPP; BEUREN, 2003; MARCONI; LAKATOS, 2011).

Desta forma, a presente pesquisa é caracterizada como quantitativa por se utilizar de amostras amplas dos dados sobre movimentos pendulares nos anos de 2000 e 2010, e também pelo uso de estatísticas simples em suas análises. Pode ser considerada como descritiva e comparativa por demonstrar a distribuição espacial do fenômeno e por analisar algumas características das pessoas que realizam movimentos pendulares. No método descritivo os fatos são observados ou coletados, analisados e interpretados sem nenhuma interferência do pesquisador em qualquer etapa. Por sua vez, o método comparativo permite ressaltar as semelhanças e diferenças entre o fenômeno do movimento pendular considerando os anos analisados (ANDRADE, 2010; MORESI, 2003; GIL, 2000).

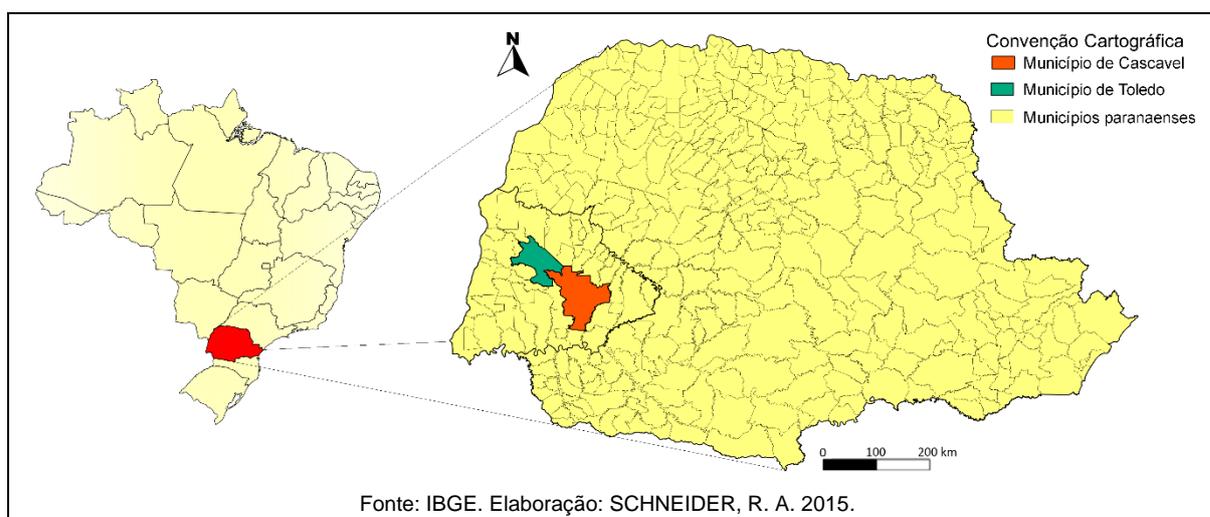
A pesquisa, quando analisada por seus meios de investigação, tem como finalidade demonstrar de que forma o estudo será conduzido, em consequência, como serão obtidos os dados (RAUPP; BEUREN, 2003). Sendo assim, é importante ressaltar que os dados sobre movimentos pendulares utilizados nesse trabalho foram obtidos pelo desmembramento dos microdados dos Censos Demográficos de 2000 e de 2010, ou seja, a fonte da pesquisa consiste em dados numéricos secundários disponibilizados pelo IBGE.

Para a melhor compreensão do fenômeno, o estudo dos materiais já publicados sobre o assunto em livros, revistas, redes eletrônicas, periódicos, etc. também é fundamental. Além disso, a pesquisa é uma investigação *ex post facto*, já que utiliza dados de fatos que já ocorreram e que não podem ser manipulados ou controlados (RAUPP; BEUREN, 2003).

Feitas as devidas delimitações e orientações dos procedimentos adotados serão levantados e analisados os movimentos pendulares que se originam nas cidades polos de Cascavel e Toledo com destino às demais cidades do Estado do Paraná e também o contrário, as pessoas que saíam dos municípios que residiam para trabalhar e/ou estudar nos municípios polos. Desta forma, o foco principal do estudo são os municípios polos de Cascavel e Toledo localizados na Mesorregião Oeste paranaense, destacados na Figura 10, porém, a região de análise se estende para todos os municípios paranaenses que detiveram relações de pendularidade com tais municípios.

Esses municípios foram os escolhidos por sua importância para a mesorregião Oeste Paranaense e até mesmo para todo o Estado, mesmo não sendo municípios de grande porte. Juntamente com Foz do Iguaçu, são os polos dinamizadores da mesorregião, são os municípios mais dinâmicos economicamente, concentrando grande população, empregos e atividades econômicas.

Figura 10 - Municípios do Estado do Paraná com destaque para os municípios polos da mesorregião Oeste



Fonte: Adaptado do IBGE (2010).

Os dados obtidos sobre pendularidade, um referencial envolvendo os conceitos de território, cidade, tecido urbano, mobilidade populacional e movimentos pendulares, além de um breve levantamento de como se deu o processo de urbanização no Brasil, no Estado do Paraná e no Oeste paranaense, foi realizado por meio de livros, artigos, periódicos, relatórios, meios eletrônicos, entre outros.

Na sequência foram desmembradas as informações de interesse da pesquisa dos microdados dos Censos Demográficos do IBGE do Estado do Paraná dos anos de 2000 e 2010. Os microdados são o menor nível de desagregação dos dados dessa pesquisa, são apresentados na forma de números que correspondem às respostas do questionário. Os dados vêm acompanhados de uma documentação que descreve cada variável correspondente ao seu código - pergunta - e o significado de cada número como resposta (IBGE, 2015a).

Entre os Censos de 2000 e 2010 ocorreram alterações nas perguntas relacionadas aos movimentos pendulares. No Censo de 2000 não houve distinção entre quem realizava o movimento pendular para estudo e quem o realizava para trabalho, já no Censo de 2010 essa distinção foi realizada e perguntas sobre o tempo habitual gasto - com relação ao movimento para fins de trabalho - e se o movimento era realizado diariamente foram acrescentadas.

Assim, nos dados de 2000, as pessoas que estudavam e trabalhavam foram consideradas duplamente, como se realizassem os dois tipos de movimentos, para possibilitar comparar com os dados de 2010 e para que os movimentos pendulares fossem analisados individualmente, tanto para a finalidade de trabalho como para a de estudo. Cintra, Delgado e Moura (2012a), observam que esse ajuste abrangeu 10% das pessoas residentes no Paraná que realizaram esse movimento em 2000. A Tabela 3 apresenta as principais variáveis utilizadas para o estudo dos movimentos pendulares.

Pela tabela é possível perceber que há algumas diferenças entre as variáveis escolhidas, o que ocorreu para que os dados dos dois Censos Demográficos pudessem ser comparados. Como no ano de 2000 não houve distinção na pergunta relacionada à pendularidade com relação a quem se deslocava para trabalhar e quem o fazia para estudar foi necessário utilizar as variáveis – “Frequenta escola ou creche” e “Quantos trabalhos tinha na semana de 23 a 29 de julho de 2000”.

Tais variáveis serviram como filtros do movimento pendular total, as pessoas que responderam à pergunta “frequenta escola ou cresce” de forma afirmativa e que

indicaram um código do município que estudavam diferente do código de residência, foram contabilizados como realizando movimento pendular para a finalidade de estudo.

O mesmo procedimento foi adotado para identificar as pessoas que realizavam movimentos pendulares para a finalidade de trabalho, agora utilizando a variável “quantos trabalhos, tinha na semana de 23 a 29 de julho de 2000”. Aqui todas as pessoas que responderam a questão foram consideradas, já que apenas quem não respondeu à pergunta não estava empregado.

Esse procedimento não foi necessário na extração dos dados do Censo Demográfico de 2010, haja vista que a questão da pendularidade nele foi abordada de forma separada com relação à finalidade para trabalho e para estudo, o que pode ser observado pela variável V6364 [“Município que frequentava escola (ou creche)”] e pela variável V6604 (“Em que município trabalhava”).

Tabela 3 – Principais variáveis utilizadas dos Censos Demográficos de 2000 e 2010

<b>CENSO DEMOGRÁFICO DE 2000</b>	
<b>CÓDIGO</b>	<b>VARIÁVEL</b>
V0103	Município
V0401	Sexo
V4752	Idade calculada em anos completos – a partir de um ano
V4276	Código do município e UF ou país estrangeiro que trabalha ou estuda
V0429	Frequenta escola ou creche
V0430	Curso que frequenta
V0438	Estado civil
V0444	Quantos trabalhos, tinha na semana de 23 a 29 de julho de 2000
V4526	Total de rendimentos em todos os trabalhos, em salários mínimos
<b>CENSO DEMOGRÁFICO DE 2010</b>	
<b>CÓDIGO</b>	<b>VARIÁVEL</b>
V0002	Código do município
V0601	Sexo
V6036	Variável auxiliar da idade calculada em anos
V0629	Curso que frequenta
V6364	Município que frequentava escola (ou creche)
V0640	Estado civil
V6526	Rendimento em todos os trabalhos em número de salários mínimos
V6604	Em que município trabalhava

Fonte: Elaborado a partir do layout dos microdados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

As demais questões utilizadas têm o objetivo de demonstrar o perfil das pessoas que realizaram movimentos pendulares tanto para trabalho como para estudo (respectivamente as variáveis V0401, V4752 e V0438 em 2000 e V0601, V6036 e V0640 em 2010). Já a variável “curso que frequenta” foi utilizada para identificar o nível de instrução das pessoas que se deslocavam para estudar, enquanto a variável

associada ao rendimento em todos os trabalhos em número de salários mínimos demonstrou qual foi o rendimento mensal das pessoas que se deslocavam para trabalhar.

Nota-se que as informações utilizadas para estimar os movimentos pendulares são o cruzamento das informações do município de residência das pessoas com o município de trabalho e/ou estudo, assim, quando os municípios são distintos considera-se que a pessoa em questão realizava movimento pendular entre os mesmos, deste modo, para o IBGE, o movimento pendular não está relacionado a intensidade do deslocamento (se é diário ou não, apesar de apresentar tal informação para o deslocamento feito para a finalidade de trabalho no Censo Demográfico de 2010) o que resulta em movimentações de longas distâncias, que dificilmente deveriam ser realizadas diariamente, mas que de todo modo serão contabilizadas.

Outra observação importante é a de que os dados disponíveis não permitem abranger outras motivações para a realização do movimento pendular além do trabalho e do estudo. Essa limitação vincula os movimentos pendulares unicamente à inserção, qualificação e requalificação do trabalho, produzindo modelos e resultados que não conseguem captar totalmente a realidade, já que implicam na exclusão de outras dimensões do cotidiano da população - como interação social, lazer, compras, entre outros (JARDIM, 2007).

Porém, mesmo com essa limitação, as informações obtidas são importantes para identificar as relações espaciais entre diferentes regiões, também para demonstrar como se manifesta a dinâmica da população que necessita inserir-se no mercado de trabalho e/ou estudar para aprimorar suas qualificações em busca, tanto de subsistência, como de melhorias na qualidade de vida, o que pode refletir até a impossibilidade de muitas regiões de atender as necessidades do total de suas populações.

Diante disso, os dados obtidos na pesquisa são apresentados na forma de tabelas, gráficos e figuras destacando a distribuição espacial dos mesmos no Paraná. Para analisar espacialmente as informações, é utilizado o Sistema de Informação Georreferenciada (SIG) Quantum Gis que permite demonstrar as informações dos Censos Demográficos.

O próximo capítulo traz os resultados obtidos da análise dos movimentos pendulares dos municípios de Cascavel e Toledo. O panorama descritivo está dividido em duas sessões, a primeira apresenta as informações referentes ao movimento

pendular do município de Cascavel, e a segunda sessão, as informações referentes ao movimento pendular que envolveu o município de Toledo. Nas duas seções o movimento é analisado de forma total e individualmente com relação a sua motivação: trabalho ou estudo. Após os resultados, segue as considerações finais e as referências.

#### 4 PANORAMA DESCRITIVO

Como já destacado, o Estado do Paraná apresentou, no ano de 2000, um movimento pendular de saída de pouco mais de 478 mil pessoas e um movimento pendular de entrada de pouco mais de 447 mil pessoas. No ano de 2010 houve grande incremento na pendularidade, sendo que o movimento de saída foi feito por mais de 845 mil pessoas, o que representa um aumento de 76% entre 2000 e 2010, enquanto isso, o movimento de entrada passou a ser realizada por, aproximadamente, 836 mil pessoas, resultando em um aumento de praticamente 87%.

A grande maioria dos movimentos pendulares ocorreram internamente ao Paraná, que no ano de 2000 foi formada por 373.505 pessoas e, no ano de 2010, por 756.401 pessoas.<sup>10</sup> A Figura 11 apresenta o Índice de Eficácia da Pendularidade (IE) dos municípios do Estado do Paraná para 2000 e 2010 que tem a finalidade de quantificar a atração e repulsão dos municípios com relação ao movimento pendular.<sup>11</sup>

Esse índice varia de -1 a 1 e quando apresenta um valor negativo significa que há mais saída de pessoas do que entrada, e quando é positivo significa que atrai mais pessoas do que perde, de modo que, quanto mais próximo de -1, maior é a saída líquida de pessoas do município para trabalharem ou/e estudarem em outro, já quanto mais próximo de 1, maior é a entrada líquida de pessoas para o município e próximo a zero indica um equilíbrio entre o movimento pendular de entrada e de saída (FREY; DOTA, 2013).

Pela análise da Figura 11 percebe-se que na maioria dos municípios do Paraná o movimento pendular de saída é maior do que o de entrada (municípios destacados em tons de vermelho) para os dois anos de análise. No ano de 2000 foram 301 municípios que apresentaram um IE negativo e, no ano de 2010, foram 313 municípios. Destacam-se os municípios polos das microrregiões do Paraná, em sua maioria, recebiam mais pessoas para trabalhar e/ou estudar do que perdiam - em 2000, 18 municípios polos apresentaram IE negativo e, em 2010, apenas 9. Na mesorregião Oeste do Paraná todos os municípios polos – Cascavel, Toledo e Foz do

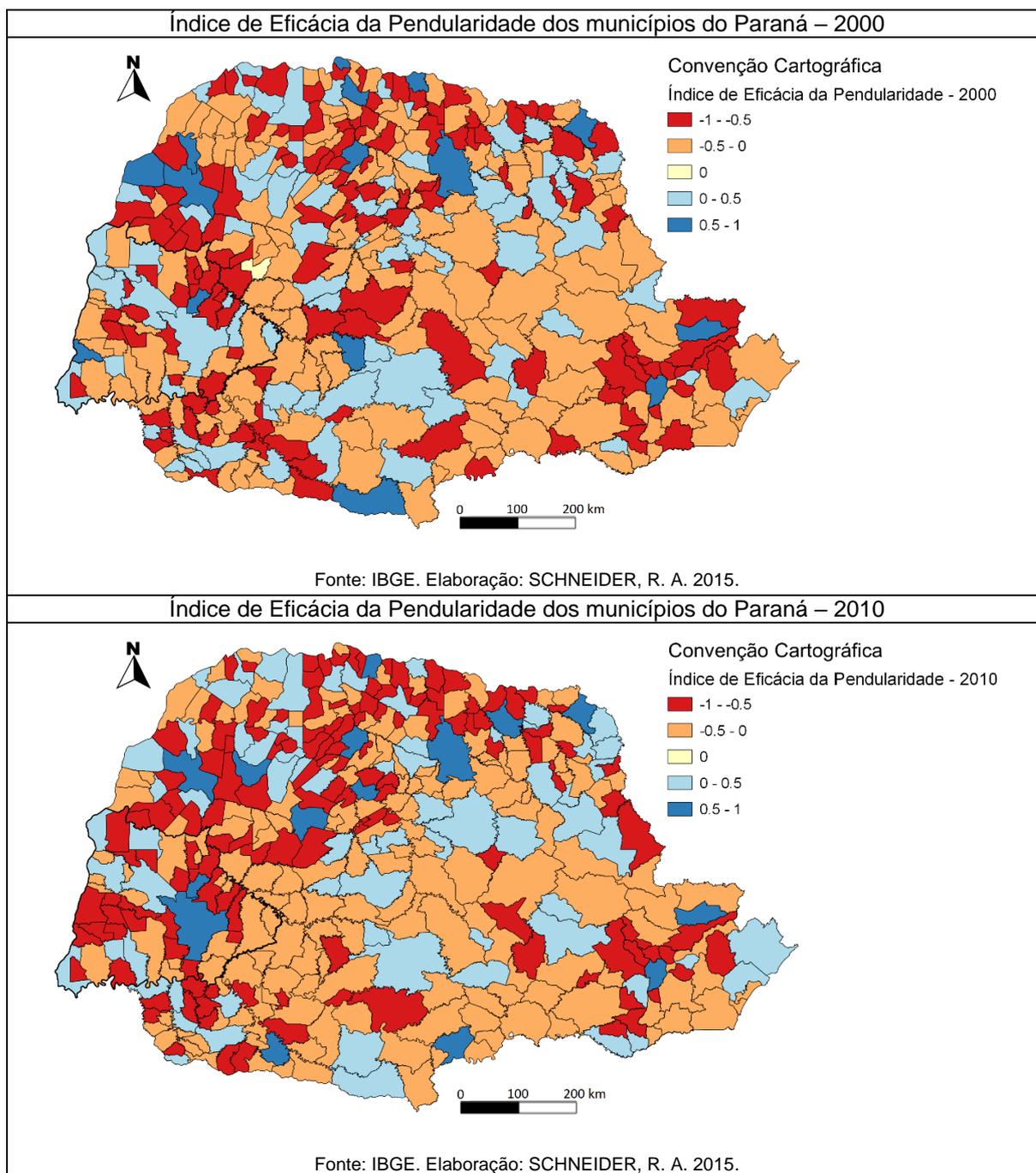
<sup>10</sup> O valor do movimento para entrada e saída é o mesmo, já que envolve apenas os municípios do Paraná, sendo o indivíduo contabilizado duplamente: como realizando o movimento pendular de saída, quando deixa seu município e o movimento pendular de entrada quando chega a determinado município para trabalhar e/ou estudar.

<sup>11</sup> O IE foi calculado a partir da seguinte fórmula:  $IE = \frac{(E-S)}{E+S}$

Onde: E = número de pessoas que entraram em determinado município e; S = número de pessoas que saíram do mesmo município.

Iguaçu – apresentaram IE positivos, no ano de 2000 o maior IE foi de Foz do Iguaçu (0,39), seguido de Cascavel (0,36) e Toledo (0,14), já no ano de 2010, Cascavel demonstra maior atratividade (IE de 0,54), seguido de Foz do Iguaçu (0,38) e Toledo (0,29).

Figura 11 – Índice de Eficácia da Pendularidade dos municípios do Estado do Paraná – 2000 e 2010



\* No cálculo do IE foram considerados apenas os movimentos intraestaduais.

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos Censos de 2000 e 2010 (2015).

No ano de 2000 a mesorregião Oeste do Paraná contribuiu com 9,43% do movimento de saída para estudo (realizado por cerca de 11 mil e 400 pessoas) e 6,29% do de entrada para estudo (aproximadamente 7 mil e 600 pessoas), já com relação ao movimento realizado para trabalho a região representou 8,26% do total de saída (pouco mais de 29 mil e 500 pessoas) e 4,45% do movimento de entrada (cerca de 14 mil e 500 pessoas) de toda pendularidade envolvendo o Paraná nesse período.

No Censo de 2010, a participação da mesorregião Oeste do Paraná no movimento para estudo aumentou, passando a representar 10,68% da saída (próximo a 26 mil pessoas) e 10,8% da entrada (cerca de 28 mil), enquanto a participação percentual no movimento pendular de saída para trabalho caiu para 6,18% (mais de 37 mil) e do movimento de entrada aumentou para 5,2% (aproximadamente 30 mil).

Nos dois períodos, e com relação a todos os tipos de movimentos levantados pelos Censos, a mesorregião Oeste do Paraná ficou com a terceira maior participação no Estado, também nos dois períodos, a maior concentração dos movimentos se deu na mesorregião Metropolitana de Curitiba, seguida da mesorregião Norte Central. A mesorregião Metropolitana de Curitiba representou em 2000, mais de 40% do movimento pendular realizado para estudo do Paraná e mais de 50% do realizado para trabalho. No ano de 2010 sua participação no movimento pendular de estudo total caiu para a faixa dos 30% e para a finalidade de trabalho permaneceu superior a 50%<sup>12</sup>.

Na sequência estava a mesorregião Norte Central que representou, nos dois períodos e com relação aos dois movimentos, próximo a 20% do total envolvendo o Estado do Paraná. Demonstra-se assim, a relação do movimentos pendulares com a concentração das atividades econômicas, da população e com a alta urbanização.

Já com relação à região específica do presente estudo (Cascavel e Toledo) apresentam-se os próximos tópicos; a análise dos resultados será dividida em duas partes: a primeira trata dos movimentos pendulares de entrada e saída relacionados ao município de Cascavel e a segunda parte é sobre os movimentos pendular de entrada e saída que envolveram o município de Toledo.

---

<sup>12</sup> Os percentuais referem-se tanto ao movimento pendular de entrada como o de saída. Em 2000 a participação da mesorregião Metropolitana de Curitiba no movimento pendular total do Paraná foi de 42,34% de saída e 44,18% de entrada para estudo e, 53,08% de saída e 58,10% de entrada para trabalho. No ano de 2010, sua participação no movimento pendular para estudo foi de 38,24% de saída e 33,63% de entrada, por fim, para trabalho, a participação foi de 54,37% do movimento de saída e 57,66% do movimento de entrada.

#### 4.1 PANORAMA DOS MOVIMENTOS PENDULARES DE CASCAVEL

O presente tópico tem a finalidade de analisar os movimentos pendulares, de 2000 e 2010, relacionados apenas com o município de Cascavel, deste modo serão demonstradas informações referentes ao movimento pendular total, e sua separação entre o realizado para trabalho e o para estudo. Também serão separados entre movimento pendular de entrada para Cascavel e de saída do município para outros municípios paranaenses.

Como o movimento pendular é caracterizado pela ligação do indivíduo com o município de residência, a distância entre o local de trabalho e/ ou estudo e o de moradia influencia diretamente nesse movimento, assim como pode ser observado na Tabela 4, a maior parte do movimento pendular de entrada para Cascavel é feito dentro do próprio Estado do Paraná.

Em 2000, o movimento pendular de entrada para o município de Cascavel foi formado por 5.983 pessoas e, desse total, quase 93% envolvia municípios de residências paranaenses. Dos demais estados brasileiros, os que apresentaram relação com Cascavel foram: Bahia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pará, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Com destaque para São Paulo com 2,22% do total, Rio Grande do Sul com 1,52% e Santa Catarina com 1,47%.

No ano de 2010, o movimento pendular de entrada para Cascavel envolveu 15.947 pessoas, um incremento de 166% comparado com o registrado no ano de 2000. A grande maioria do movimento continuou concentrado no Estado do Paraná (14.399 deslocamentos), mas seu percentual com relação ao total caiu para 90,29%.

Os demais estados que apresentaram relação com Cascavel foram, em ordem decrescente, São Paulo (3,09%), Santa Catarina (2,92%), Mato Grosso (1,12%), Mato Grosso do Sul (0,56%), Minas Gerais (0,54%), Rio Grande do Sul (0,45%), Rondônia (0,29%), Bahia (0,21%), Tocantins (0,17%), Espírito Santo (0,13%), Pará (0,1%), Acre (0,07%) e Sergipe (0,06%).

O aumento do número de pessoas realizando movimento pendular de entrada para Cascavel, juntamente com a diminuição da participação do Paraná no total do movimento e o aumento dos estados envolvidos - de 10 em 2000, para 13 em 2010 - demonstram que esse movimento apresentou um aumento, tanto em densidade como em território de abrangência.

Tabela 4 – Movimento pendular de entrada para Cascavel por estado brasileiro – 2000 e 2010<sup>13</sup>

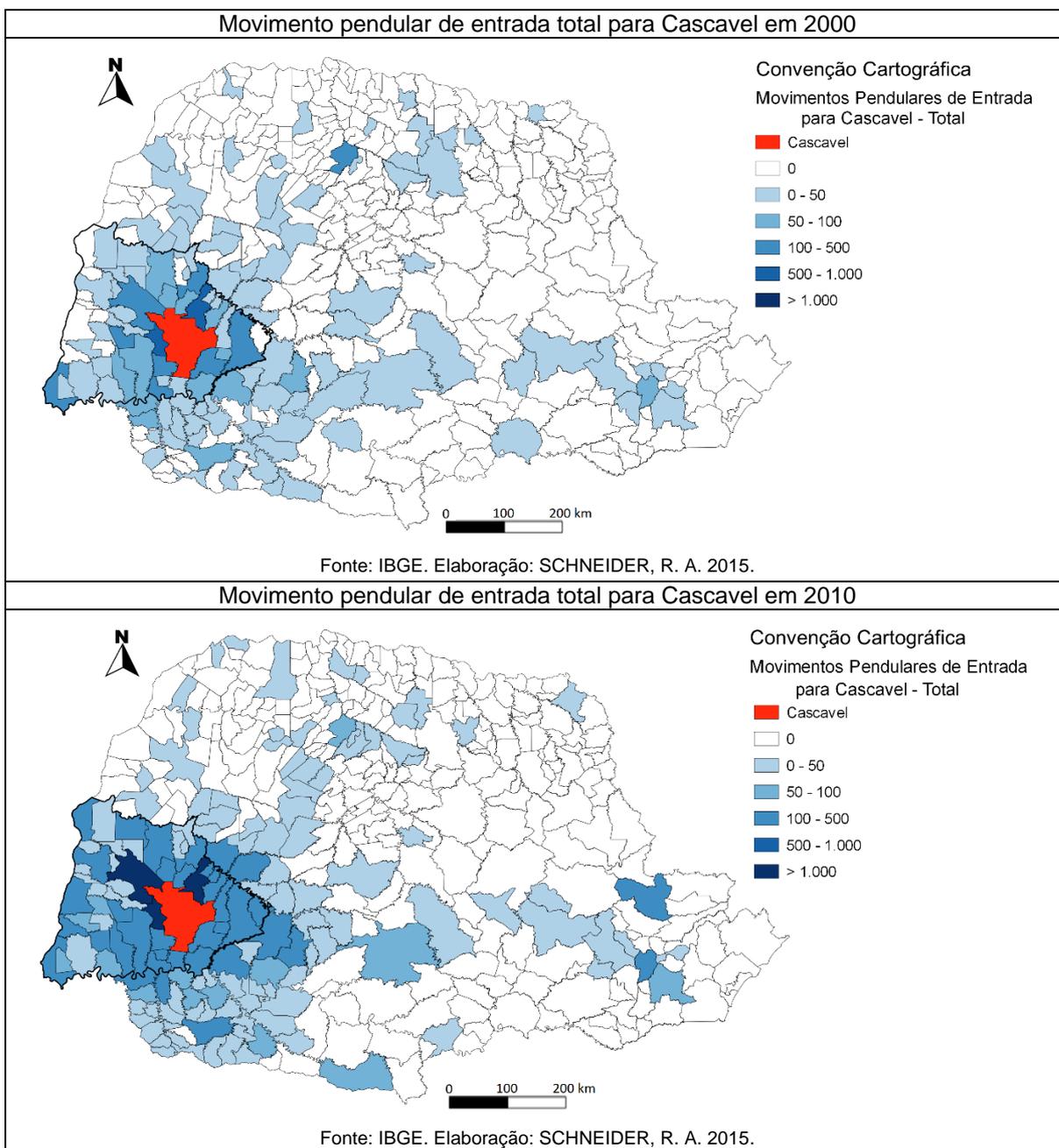
Movimento pendular total de entrada para Cascavel				
Estado	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Acre	0	0	11	0,07
Alagoas	0	0	0	0
Amapá	0	0	0	0
Amazonas	0	0	0	0
Bahia	37	0,62	33	0,21
Ceará	0	0	0	0
Distrito Federal	0	0	0	0
Espírito Santo	0	0	21	0,13
Goiás	7	0,12	0	0
Maranhão	0	0	0	0
Mato Grosso	14	0,23	179	1,12
Mato Grosso do Sul	8	0,13	90	0,56
Minas Gerais	23	0,38	86	0,54
Paraíba	0	0	0	0
Pará	8	0,13	16	0,10
Paraná	5.559	92,91	14.399	90,29
Pernambuco	15	0,25	0	0
Piauí	0	0	0	0
Rio de Janeiro	0	0	0	0
Rio Grande do Norte	0	0	0	0
Rio Grande do Sul	91	1,52	71	0,45
Rondônia	0	0	47	0,29
Roraima	0	0	0	0
Santa Catarina	88	1,47	466	2,92
Sergipe	0	0	9	0,06
São Paulo	133	2,22	492	3,09
Tocantins	0	0	27	0,17
Total	5.983	100	15.947	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Na sequência, as informações dispostas referem-se somente aos movimentos que envolveram Cascavel e outros municípios paranaenses, ou seja, apenas a intraestadual. A Figura 12 apresenta as informações do movimento pendular de entrada total para Cascavel nos anos de 2000 e 2010. No primeiro ano entraram no município, para estudar e/ou trabalhar, 5.541 pessoas que residiam em 117 municípios paranaenses, enquanto que, no segundo ano de análise, o número saltou para 14.399, um aumento de 160%, e o número de municípios envolvidos passou para 154.

<sup>13</sup> É importante destacar que o movimento relacionado a outros estados é caracterizado por envolver grandes distância e, conseqüentemente, despende muito tempo de deslocamento entre o município de residência e o de trabalho e/ou estudo, assim o movimento diário torna-se, na maioria dos casos, inviável, ocorrendo então, em frequências maiores, como semanais ou mensais. Este fato aplica-se as informações das tabelas 5, 6, 15 e 16.

Figura 12 – Movimento pendular total de entrada para Cascavel em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

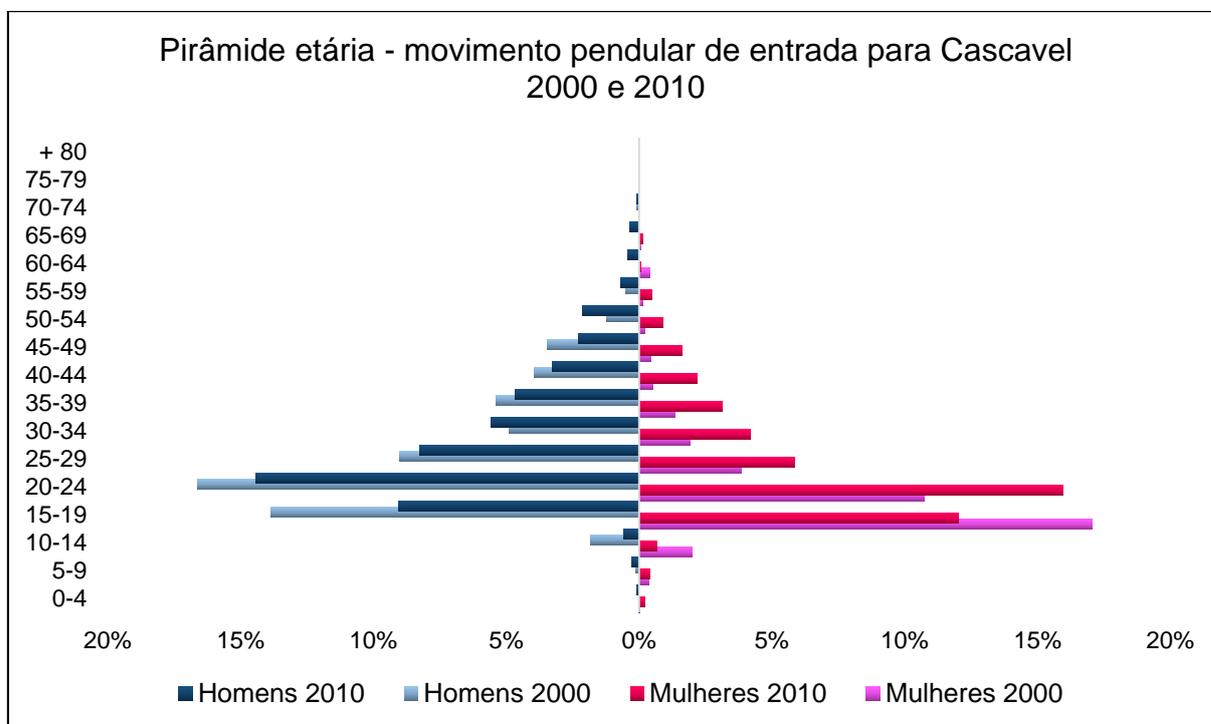
Em 2000 os movimentos mais intensos originaram-se dos municípios de Santa Tereza do Oeste, de onde se destinaram para Cascavel 975 pessoas (17,6% do total), Corbélia com 507 deslocamentos (9,15%) e, Toledo com 370 deslocamentos (6,68%); do restante, 21 municípios concentraram de 1% a 5% do total de entrada

para Cascavel, os demais 93 municípios contribuíram, separadamente, com menos de 1% do total<sup>14</sup>.

Em 2010, continuam a apresentar movimentos pendulares consideráveis os municípios de Santa Tereza do Oeste e Corbélia, com deslocamentos feitos 1.475 e 1.184 respectivamente – 10,2% e 8,2% do total da pendularidade de entrada. Porém, foi o município de Toledo que passou a ter a maior relação de entrada com o município de Cascavel (1.541 pessoas se movimentando, significando 10,7% do total). Os demais municípios apresentaram movimentos que foram inferiores a 3% do total, 24 ficando entre 2,8% e 1%, e 127 com menos de 1%.

A seguir estão as informações sobre faixas etárias e gênero das pessoas que realizaram movimento pendular de entrada para Cascavel nos anos de 2000 e 2010 (Figura 13). Em 2000, mais de 60% do movimento pendular de entrada foi realizado por homens, as faixas etárias que apresentaram as maiores quantias de movimentação foram a de 20 a 24 anos seguida da de 15 a 19 anos (924 e 770 pessoas), somadas formaram mais de 50% da pendularidade masculino.

Figura 13 – Pirâmide etária do movimento pendular total de entrada para Cascavel em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

<sup>14</sup> Mapas com a participação percentual de cada município paranaense com relação ao total dos movimentos pendulares encontram-se no Apêndice B.

Assim, enquanto 3.384 homens entravam em Cascavel para trabalhar e/ou estudar, apenas 2.169 mulheres faziam o mesmo. Os principais movimentos femininos foram das mulheres que estavam na faixa etária dos 15 aos 19 anos - 946 deslocamentos, e da faixa dos 20 aos 24 anos, 596 deslocamentos. De tal modo que essas faixas concentraram mais de 71% do movimento pendular total feminino com destino ao município de Cascavel.

No ano de 2010, a pendularidade masculina mais que dobrou, passando a ser feita por 7.536 homens, enquanto o movimento pendular feminino mais que triplicou, sendo feita por 6.906 mulheres, dados que resultam em uma redução da predominância masculina no movimento, chegando quase a um equilíbrio entre o movimento de entrada para Cascavel entre os gêneros, passando os homens a serem responsáveis por 52,2% do total.

Com relação ao movimento pendular masculino, a faixa etária com maior participação foi a de 20 a 24 anos (14,43%), destacavam-se também as faixas de 15 a 19 e de 25 a 29 anos, com respectivamente, 9% e 8,27% do total. As faixas etárias das mulheres com maior participação continuaram as mesmas de 2000, porém, houve uma inversão em suas intensidades, sendo a faixa etária dos 20 aos 24 anos a que concentrou mais movimentos – 15,96% – seguida da faixa de 15 a 19 anos – 12%.

Na sequência, a Tabela 5 apresenta os dados sobre o movimento pendular de saída de Cascavel, por estado brasileiro de destino, nos anos de 2000 e 2010. No primeiro ano, 3.439 pessoas realizaram esse movimento, já em 2010 esse valor passou para 5.362, aumento de mais de 55% no período em questão. Os movimentos pendulares de saída foram inferiores aos de entrada para Cascavel nos dois períodos, demonstrando que o município é mais atrativo do que expulsor de pessoas que buscam emprego ou estudo.

Ao contrário do que ocorreu com o movimento pendular de entrada para Cascavel, o de saída se concentrou ainda mais dentro do estado do Paraná, de 2000 para 2010. Em 2000, a pendularidade intraestadual representou pouco mais de 75% do total e, em 2010, passou para 80,4% do total, tanto para a finalidade de trabalho como para a de estudo.

No primeiro ano, os estados brasileiros que foram escolhidos como destino para trabalho e/ou estudo dos que residiam no município de Cascavel foram: São Paulo, Santa Catarina, Mato Grosso, Rio Grande do Sul, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Pernambuco, Goiás, Rio de Janeiro, Tocantins, Maranhão, Distrito Federal e

Bahia. O destaque estava com os seis primeiros que detiveram, respectivamente, 7,21%, 4,27%, 3,61%, 2,91%, 2,04%, 1,45% do total.

Tabela 5 – Movimento pendular de saída de Cascavel por estado brasileiro – 2000 e 2010

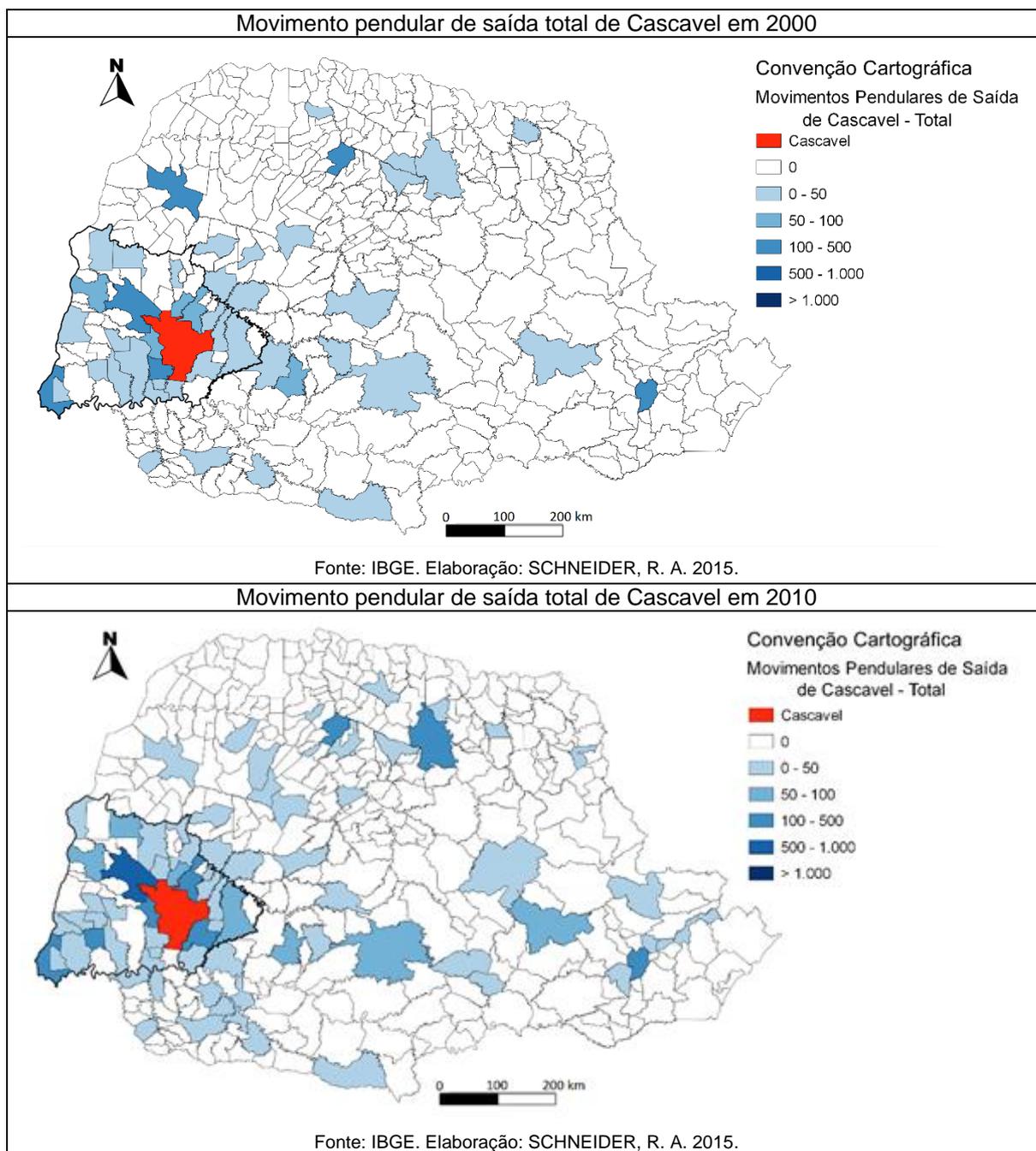
Estado	Movimento pendular total de saída de Cascavel			
	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Acre	0	0	0	0
Alagoas	0	0	0	0
Amapá	0	0	0	0
Amazonas	0	0	0	0
Bahia	7	0,20	0	0
Ceará	0	0	0	0
Distrito Federal	8	0,23	0	0
Espírito Santo	0	0	11	0,21
Goiás	23	0,67	0	0
Maranhão	9	0,26	0	0
Mato Grosso	124	3,61	68	1,27
Mato Grosso do Sul	70	2,04	98	1,83
Minas Gerais	50	1,45	38	0,71
Paraíba	0	0	0	0
Pará	0	0	13	0,24
Paraná	2.592	75,37	4.311	80,40
Pernambuco	33	0,96	0	0
Piauí	0	0	9	0,17
Rio de Janeiro	17	0,49	43	0,80
Rio Grande do Norte	0	0	9	0,17
Rio Grande do Sul	100	2,91	262	4,89
Rondônia	0	0	28	0,52
Roraima	0	0	0	0
Santa Catarina	147	4,27	193	3,60
Sergipe	0	0	0	0
São Paulo	248	7,21	255	4,76
Tocantins	11	0,32	24	0,45
Total	3.439	100	5.362	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

No último ano, Pernambuco, Goiás, Maranhão, Distrito Federal e Bahia não apresentaram mais relação com o movimento pendular de saída de Cascavel, enquanto Rondônia, Pará, Espírito Santo, Piauí e Rio Grande do Norte passaram a ter uma pequena relação. As maiores participações foram as dos estados de Rio Grande do Sul (4,89%), São Paulo (4,76%), Santa Catarina (3,6%), Mato Grosso do Sul (1,83%) e Mato Grosso (1,27%).

A Figura 14, por sua vez, demonstra o movimento pendular total de saída intraestadual de Cascavel nos anos de 2000 e 2010, nota-se que ele envolve menos municípios que a pendularidade de entrada, em ambos os períodos. Em 2000, 46 municípios foram o destino de quem saía de Cascavel para estudar e/ou trabalhar e, no total, foram 2.591 pessoas que realizaram esse movimento.

Figura 14 – Movimento pendular total de saída de Cascavel em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

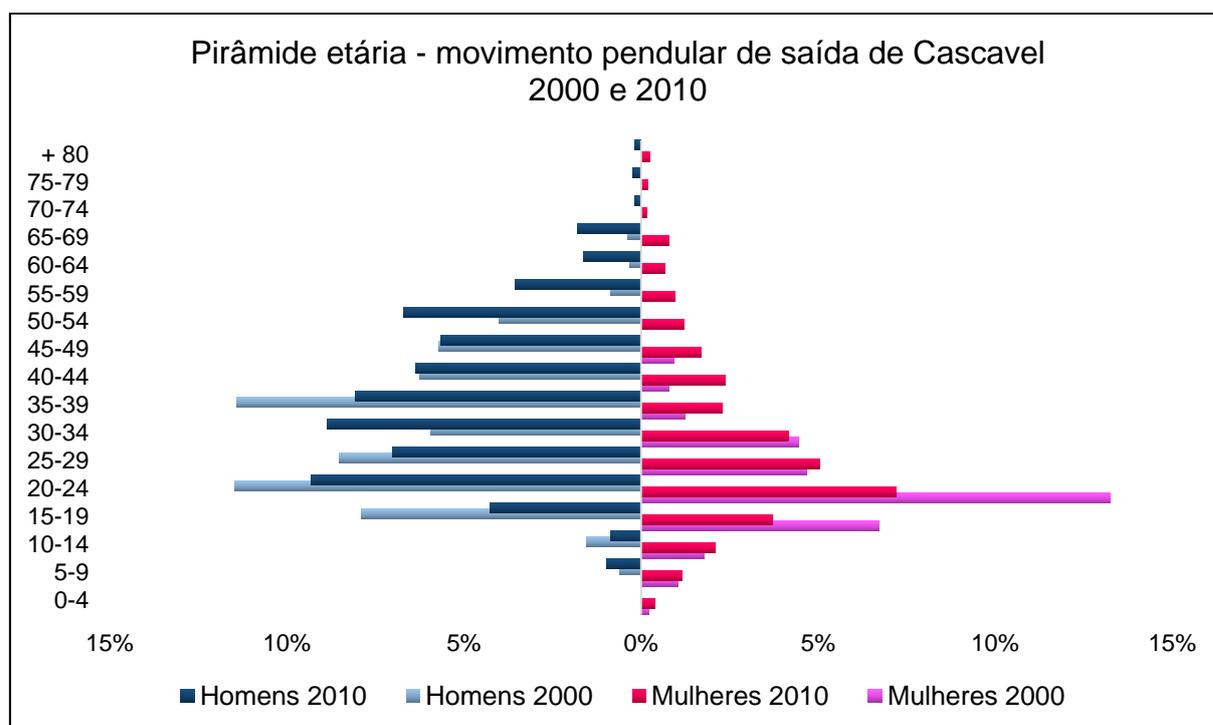
Os movimentos mais significativos foram os feitos para os municípios de Curitiba (486) e Toledo (281), que foram, respectivamente, de 20,6% e 11,9% do total. Já os municípios de Umuarama, Foz do Iguaçu, Maringá e Lindoeste concentraram entre 5% e 10% do movimento pendular, enquanto 14 municípios ficaram na faixa de 1% a 5% e, 26 com participações inferiores a 1% do total.

Em 2010, o número de municípios envolvidos passou para 75 e o movimento pendular de saída de Cascavel foi feito por 4.179 pessoas. Nesse mesmo ano, Toledo

foi o município de destino mais procurado, para o qual direcionaram-se 858 pessoas – 20,5% da pendularidade total de saída de Cascavel. Em seguida estavam os municípios de Santa Tereza do Oeste, Curitiba, Foz do Iguaçu e Catanduvas com, respectivamente, 8,1%, 7,8%, 5,8% e 5,5% do total, outros 15 municípios apresentaram movimentos entre 1% e 5% do total e o restante, 55 municípios, ficaram com menos de 1% do total cada.

Na sequência está evidenciada a pirâmide etária das pessoas que realizaram movimento pendular de saída de Cascavel, para os anos de 2000 e 2010 (Figura 15). Nos dois anos analisados foram os homens que detiveram a maior participação; 65% do movimento pendular total em 2000 e, 65,7% em 2010.

Figura 15 – Pirâmide etária do movimento pendular total de saída de Cascavel em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Em 2000 destacaram-se, para os homens, as faixas etárias de 20 a 24, 35 a 39, 25 a 29 e 15 a 19 anos, com 11,46%, 11,42%, 8,53%, e 7,91% do total. Enquanto isso, para as mulheres, as maiores concentrações se deram entre 20 a 24 anos e 15 a 19 anos, a primeira faixa etária chegou a deter 13,24% do total, enquanto a segunda apenas 6,71%.

Houve ainda o incremento de 1.852 movimentos masculinos, que passaram de 1.683, em 2000, para 3.535 em 2010. Já o movimento feminino, que era, em 2000,

feito por 908 mulheres, passou a ser efetuado, em 2010, por 1.849 mulheres, ou seja, duplicando seu valor no decorrer de 10 anos.

O movimento pendular masculino de saída de Cascavel, em 2010, apresentou maior igualdade em sua distribuição entre as faixas etárias de 20 a 24 a de 50 a 54 anos, com destaque para a de 20 a 24 anos, 30 a 34 anos e 35 a 39 anos, com mais de 8% do total cada. Já o movimento pendular feminino foi mais expressivo nas faixas de 15 a 19 anos até 30 a 34 anos, em ordem decrescente estavam as faixas de 20 a 24 anos com 7,19% do total, de 25 a 29 anos com 5%, de 30 a 34 anos com 4,16% e a faixa etária de 15 a 19 anos com 3,7% do total.

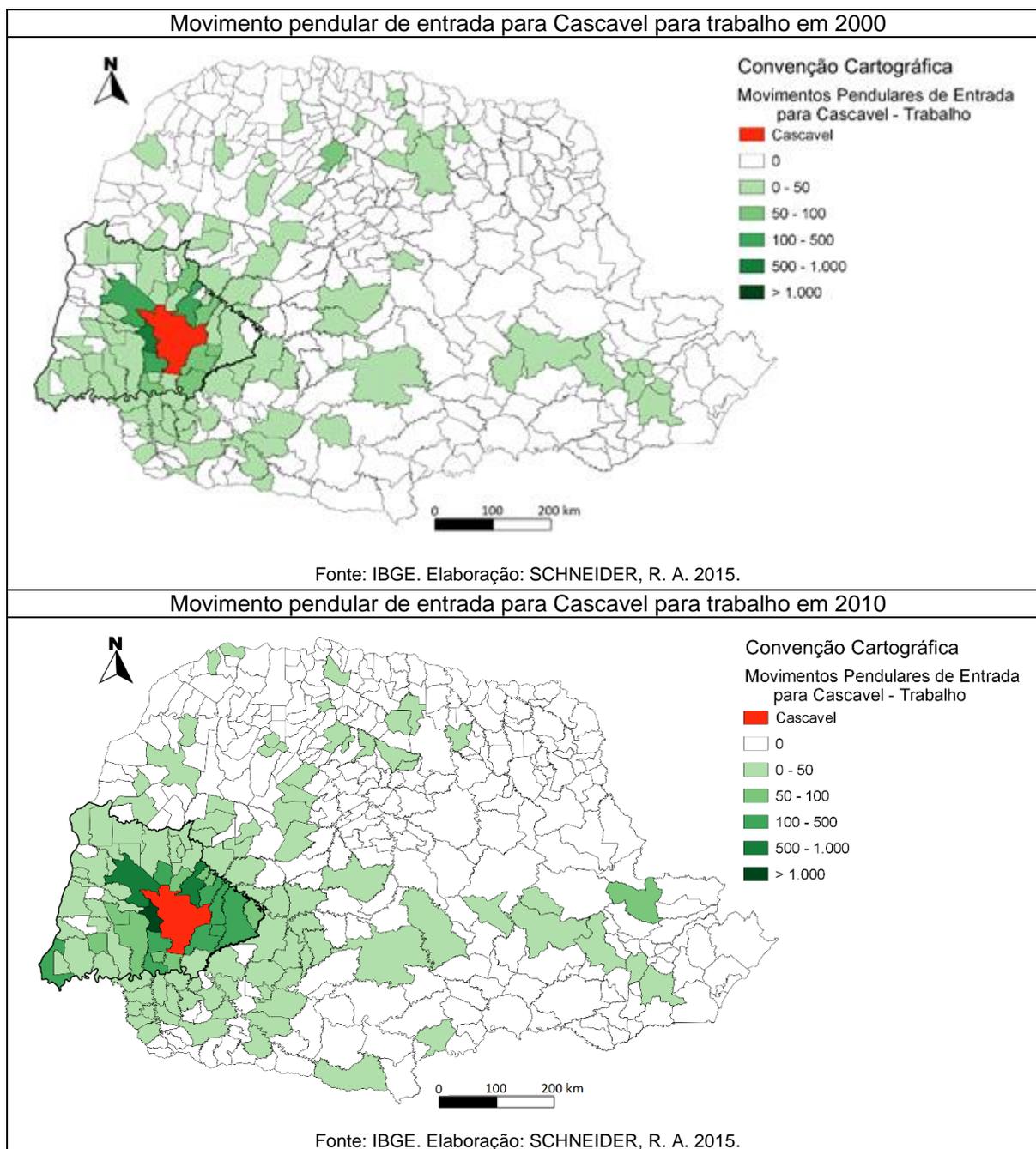
As próximas informações referem-se aos movimentos pendulares que envolviam o município de Cascavel, separados pelos que foram feitos para a finalidade de trabalho e dos que foram feitos para estudo. Cabe destacar primeiramente que, no ano de 2000, o município de Cascavel contava com 44.331 empregos formais e, que para o ano de 2010, o número de empregos formais quase dobrou, passando para 87.146 (MTE, 2015).

A Figura 16 demonstra o movimento pendular de entrada para Cascavel para a finalidade de trabalho em 2000 e 2010. No primeiro ano esse movimento foi feito por 3.259 pessoas e, no último ano de análise passou a ser realizado por 6.121 pessoas, traduzindo-se em um aumento de quase 88%. É sensível, portanto, que o número de trabalhadores pendulares aumentou mais do que número de empregos formais do município no período em questão.

Em 2000, dos 92 municípios relacionados ao movimento pendular de entrada para Cascavel, destacaram-se Santa Tereza do Oeste, de onde saíam 21,2% do total, Corbélia que foi responsável por 10% da pendularidade total e Toledo, com representatividade de 7,1%. Do restante, 22 municípios participaram, individualmente, com mais de 1% e menos de 5% e, 67 com menos de 1%.

Já no ano de 2010, o número de municípios envolvidos saltou para 117, enquanto a maior representatividade continuou com o município de Santa Tereza do Oeste, responsável por 18,5% do total (1.130 deslocamentos), na sequência houve uma inversão, e o segundo maior movimento foi o do município de Toledo (15,5% do total – 948 deslocamentos), seguido de Corbélia (9,4% do total – 578 deslocamentos). Dos demais municípios relacionados com o movimento pendular de entrada para trabalho em Cascavel, 16 detinham entre 1% a 5% do total e, 98 municípios com menos de 1%.

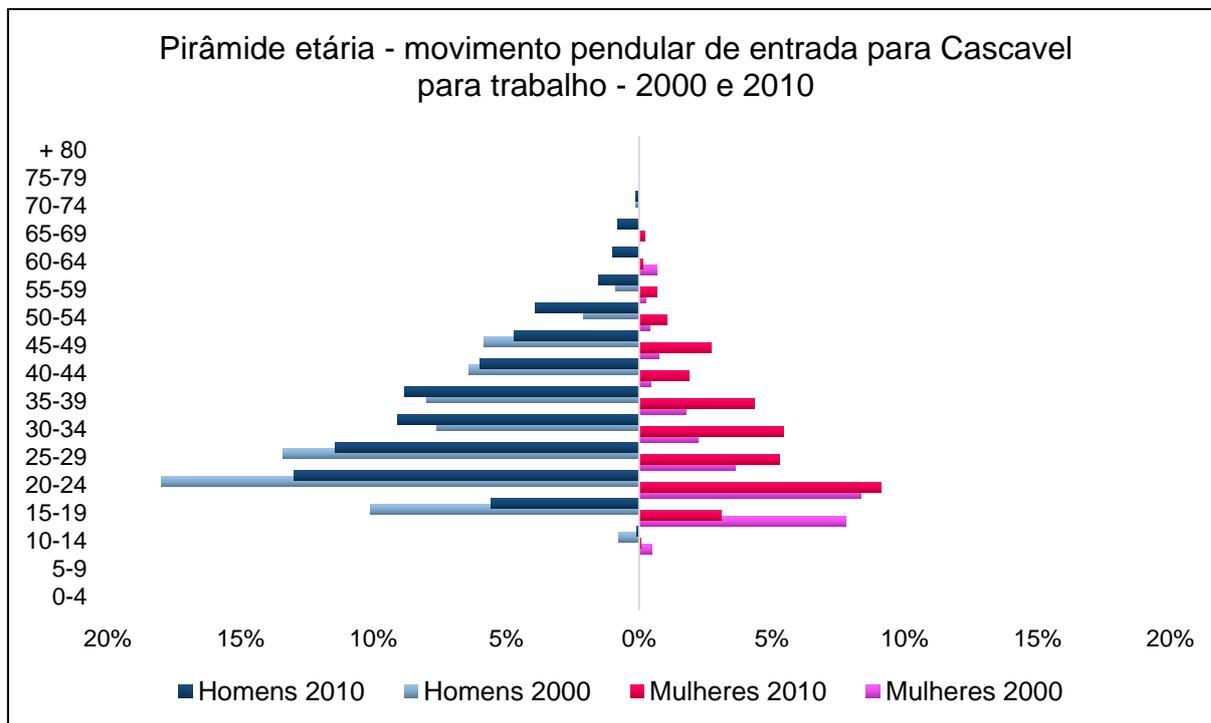
Figura 16 – Movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

A Figura 17 apresenta as informações com relação à idade e gênero das pessoas que realizaram movimento pendular de entrada para Cascavel em 2000 e 2010. O maior movimento foi realizado pelos homens; em 2000, apenas 876 mulheres se deslocaram para Cascavel, enquanto houve 2.396 deslocamentos masculinos (73,2% do total) e, em 2010, os homens ainda foram os que mais se deslocaram para Cascavel para trabalhar (4.072 homens em relação a 2.092 mulheres), mas sua predominância sofreu uma queda, passando para 66,1%.

Figura 17 – Pirâmide etária do movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Com relação a 2000, nota-se que as faixas etárias masculinas com maior participação foram as de 20 a 24 anos, 25 a 29 anos e 15 a 19 anos, com movimentos de, respectivamente, 18%, 13,4% e 10,1% do total. No ano de 2010 a faixa etária de 15 a 19 anos perde um pouco de sua importância e as faixas etárias que se destacaram foram, em ordem decrescente, a de 20 a 24, 25 a 29, 30 a 34 e 35 a 39 anos, com movimentos de 13%, 11,4%, 9,1% e 8,8% do total.

Para as mulheres, no primeiro ano, as faixas etárias mais ativas no movimento pendular de entrada para Cascavel foram a de 15 a 19 anos e a de 20 a 24 anos – 7,8% e 8,3% do total, respectivamente. Já no ano de 2010 a faixa etária de 15 a 19 anos também perde importância relativa e destacam-se, além da faixa etária de 20 a 24 anos (9,1% do total), as faixas de 30 a 34, 25 a 29 e 35 a 39 anos (5,4%, 5,3%, e 4,3% do total).

A Tabela 6 destaca as informações sobre o estado civil de quem realizou movimento pendular de entrada para Cascavel para a finalidade de trabalho, essa informação está disponível para aqueles que estavam com 10 anos ou mais nas datas de realização dos Censos Demográficos de 2000 e 2010. O levantamento de tal

informação tem o intuito de verificar se o estado civil tem influência no movimento pendular.

Tabela 6 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho – 2000 e 2010

Movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho				
Estado Civil	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Casado(a)	1.178	35,95	2.231	36,46
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	83	2,53	139	2,27
Divorciado(a)	39	1,19	210	3,43
Viúvo(a)	33	1,01	49	0,80
Solteiro(a)	1.944	59,32	3.490	57,04
Total	3.277	100	6.119	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Em 2000, do total de 3.277 pessoas que responderam a questão e que se deslocaram de outro município paranaense para trabalhar em Cascavel, quase 60% declarou-se solteiro (1.944) e 35,95% eram casados (1.178). Já no ano de 2010 a participação dos solteiros sofreu uma pequena queda; das 6.119 pessoas que realizaram tal movimento, 3.490 eram solteiros (57,04%), já a participação dos casados aumentou para 36,46% (2.231 pessoas).

Nota-se que, com relação ao movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho, foram as pessoas solteiras que tiveram maior participação, provavelmente por decorrência de fatores relacionados a compromissos econômicos e sociais com o cônjuge e família, que acabam por aumentar o custo de oportunidade da realização do movimento pendular dos que estão casados.

Com relação a remuneração das pessoas que se deslocavam para Cascavel para trabalhar, destaca-se a Tabela 7 que traz informações referentes ao total de rendimento mensal, de todos os trabalhos, em número de salários mínimos no ano de 2000 e de 2010. O valor do salário mínimo em Julho de 2000 era de R\$ 151,00 e, em Julho de 2010, de R\$ 510,00 (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos – DIEESE, 2016).

Tabela 7 – Total de rendimento, em todos os trabalhos, em número de salários mínimos de 2000 e 2010, das pessoas que realizaram movimento pendular de entrada para Cascavel para trabalho

Nº de salários mínimos	Entrada 2000	% com relação ao total 2000	Entrada 2010	% com relação ao total 2010
0 a 1	659	20,13	1.416	22,96
1 a 2	916	27,99	2.956	47,92
2 a 3	489	14,94	779	12,63
3 a 4	383	11,70	394	6,39
4 a 5	205	6,26	175	2,84
5 a 6	125	3,82	109	1,77
6 a 7	127	3,88	35	0,57
7 a 8	86	2,63	36	0,58
8 a 9	41	1,25	31	0,50
9 a 10	60	1,83	45	0,73
10 a 15	96	2,93	81	1,31
15 a 20	35	1,07	51	0,83
> 20	51	1,56	60	0,97
Total	3.273	100	6.168	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

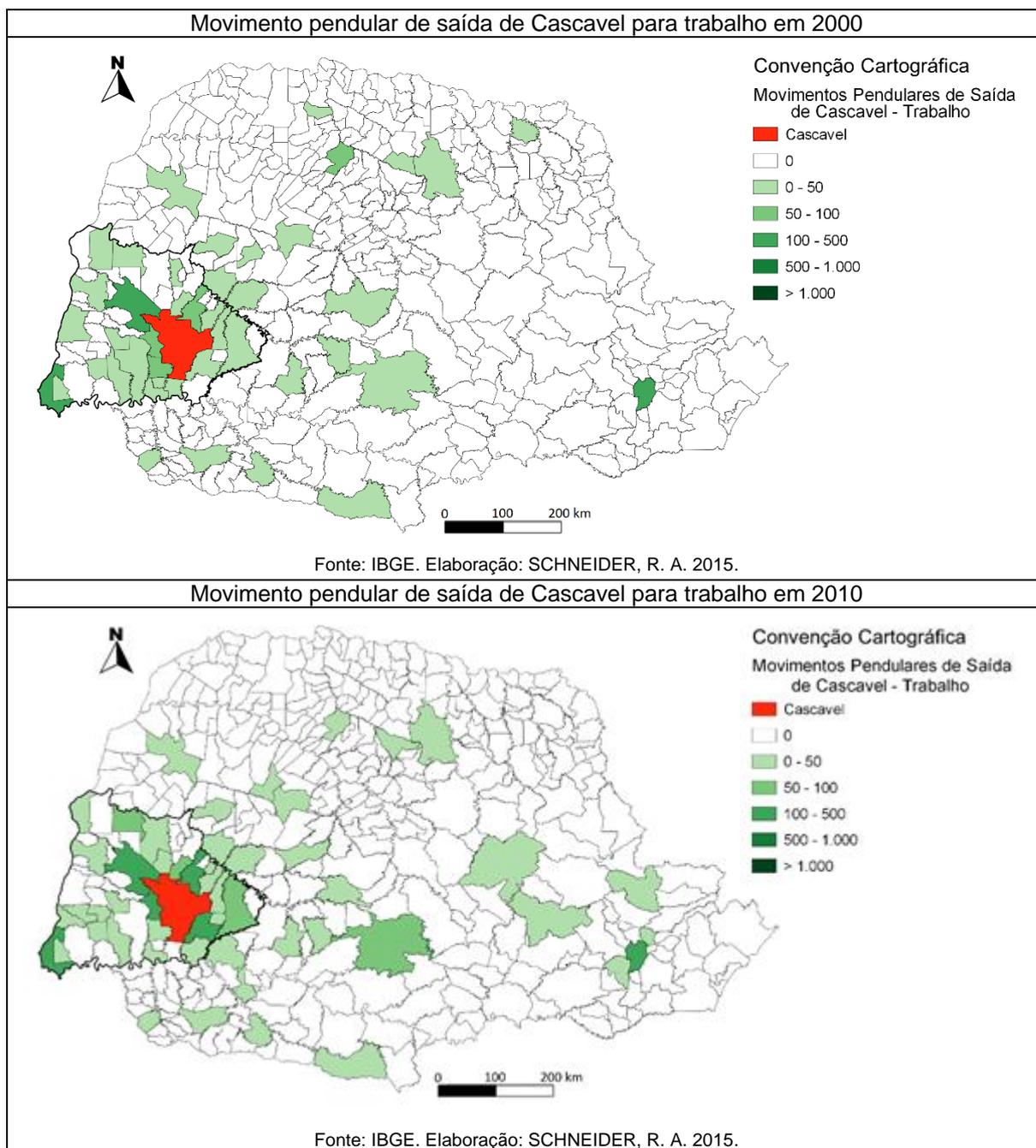
Em 2000, os que recebiam até três salários mínimos corresponderam a 63% do total; recebendo até um salário mínimo estavam 659 pessoas (20,13%), com um salário mínimo até dois estavam 916 pessoas (27,99%) e de dois a três salários mínimos 489 pessoas (14,94%). A categoria de três a quatro salários significou 11,7% do total e as demais representaram, somadas, pouco mais de 25%.

Durante o ano de 2010, até três salários mínimos significou o rendimento de mais de 83% do total das pessoas que realizaram esse movimento. A maior concentração foi na faixa de um a dois salários mínimos (47,92%), seguida da de até um salário (22,96%) e, de dois a três salários (12,63%), as demais representaram juntas, pouco mais de 16% do total.

O movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho foi inferior ao de entrada, demonstrando a atratividade do município para quem busca emprego. Em 2000, o movimento de saída foi feita por 1.482 pessoas, apenas 45,5% do total do que foi o movimento de entrada desse período, em 2010 a diferença entre entrada e saída foi ainda maior, a saída foi de cerca de 40% do total da entrada, o que significou um movimento pendular de saída de Cascavel de 2.454 pessoas.

Em 2000, como ilustrado na Figura 18, eram o destino de quem realizava essa movimento 43 municípios paranaenses, os destaques foram Curitiba, Foz do Iguaçu, Toledo e Lindoeste para onde se direcionaram, respectivamente, 322, 185, 151 e 82 pessoas, que representavam 21,7%, 12,5% e 10,2% e 5,5% do total. Além dos municípios citados, 18 detinham entre 1% e 5% do total e, 21 com menos de 1%.

Figura 18 – Movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho em 2000 e 2010

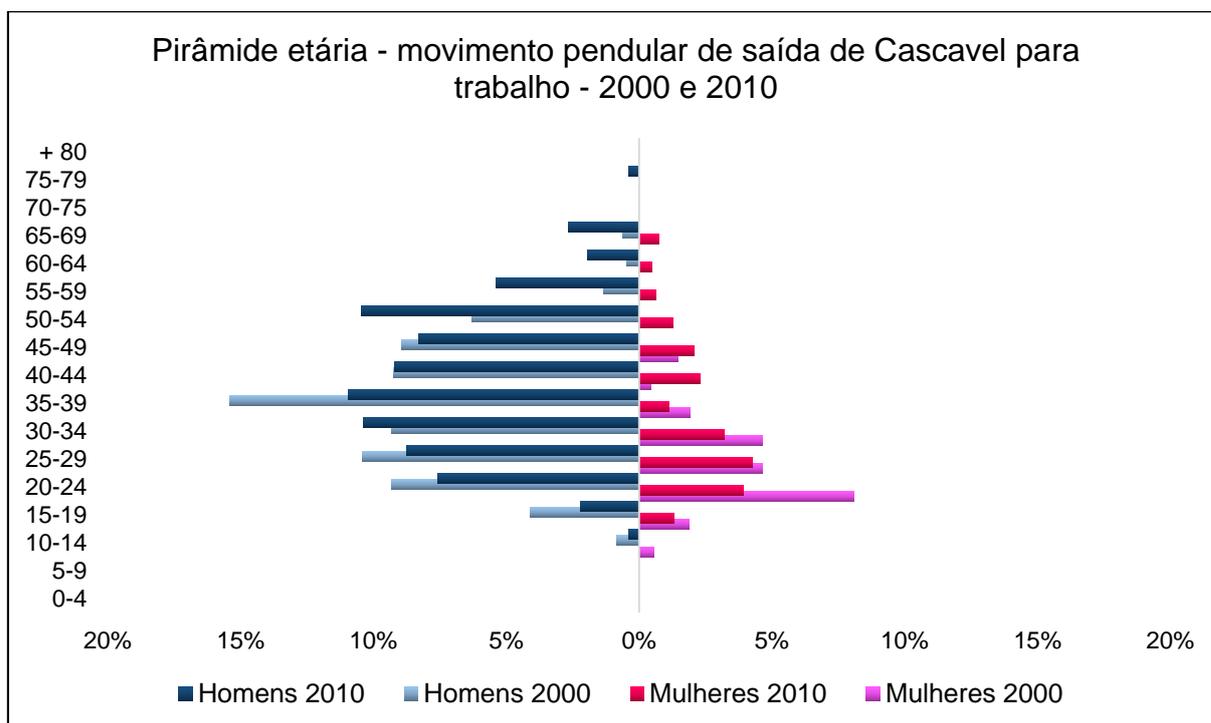


Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

No ano de 2010, os destinos que concentraram mais de 10% dos trabalhadores que realizavam movimentos pendulares de saída de Cascavel foram Toledo e Santa Tereza do Oeste – 18,3% e 12,5% do total. Já na categoria de 5% a 10% estavam os municípios de Curitiba, Foz do Iguaçu e Catanduvas com 7%, 6,5% e 5,8% do total. Do restante dos 52 municípios envolvidos, 21 estavam na categoria de 1% a 5% do total e, por fim, 26 concentrando menos de 1% cada.

Como ocorreu no movimento pendular de entrada para trabalho em Cascavel, o de saída também foi formado por maioria masculina e sua participação aumentou entre os anos analisados. Em 2000, as mulheres foram responsáveis por 23,7% do total (1.262 movimento masculinos contra 391 femininos) e, no ano de 2010, a participação caiu para 21,4%, ou seja, do total de 3.204 movimentos, 2.519 foram masculinos e 685 femininos (Figura 19).

Figura 19 – Pirâmide etária do movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

O movimento pendular de saída para trabalho foi, relativamente, bem distribuído entre as faixas de 20 a 24 anos até a de 50 a 54 anos nos dois períodos estudados quando se trata do gênero masculino, enquanto a movimentação feminina concentrou-se mais nas faixas de 20 a 24, 25 a 29 e 30 a 34 anos.

No primeiro ano há um pico no movimento dos homens que encontravam-se na faixa dos 35 aos 39 anos, na qual foram registrados 15,4% dos deslocamentos, em comparação, a faixa etária seguinte com maior participação, de 25 a 29 anos, teve apenas 10,4% do total. Com relação as mulheres, o destaque, em 2000, foi das que se encontravam entre os 20 e 24 anos – 8,1% do total.

Em 2010, os maiores movimentos se distribuíram nas faixas etárias masculinas de 35 a 39, 50 a 59 e 30 a 34 anos. No mesmo ano, o movimento feminino se concentrou em faixas etárias mais jovens; as maiores participações foram, em ordem decrescente, das mulheres com 25 a 29 anos, seguidas das que estavam entre 20 a 24 anos e 30 e 34 anos – 4,3%, 3,9% e 3,2% do total.

Na sequência, pela Tabela 8, podem ser observadas as informações sobre o estado civil das pessoas que residiam no município de Cascavel, mas trabalhavam em outro município paranaense nos anos de 2000 e 2010. Ao contrário do ocorrido no movimento de entrada, a maior parte, nos dois anos, declararam-se casados.

Tabela 8 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho – 2000 e 2010

Movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho				
Estado Civil	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Casado(a)	948	57,32	1.360	53,48
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	51	3,08	81	3,19
Divorciado(a)	31	1,87	82	3,22
Viúvo(a)	11	0,67	23	0,90
Solteiro(a)	613	37,06	997	39,21
Total	1.654	100	2.543	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Em 2000 mais de 57% dos movimentos pendulares dos que estavam com 10 anos ou mais foram realizados por pessoas casadas – 984 pessoas. Na sequência estavam os movimentos de pessoas solteiras, que significou 37% do total – 613 pessoas. Já os separados representaram 3%, os divorciados 1,87% e os viúvos 0,67%.

Já em 2010, a concentração do movimento feito por casados sofreu redução, e a do feito por solteiros sofreu aumento, passando, respectivamente, para 53,48% (1.360 pessoas) e 39,21% (997 pessoas). As demais categorias também detiveram pequenos aumentos; os separados passaram para 3,19%, os divorciados para 3,22% e os viúvos para 0,9%.

Com relação ao rendimento, em número de salários mínimos, das pessoas que se deslocaram de Cascavel para trabalhar têm-se a Tabela 9. Em 2000, as faixas de salários mínimos em que se encontravam a maior parcela dos movimentos foram, em ordem decrescente, as de até um salário (18,34%), de um a dois salários (17,49%), de três a quatro (10,65%) e de dois a três salários (10,17%), juntas foram as faixas de remuneração de mais de 66% das pessoas que realizaram esse movimento.

No ano de 2010 também foram tais faixas que detiveram maiores participações, porém a mais significativa foi a de um a dois salários com 19,43%, seguida da faixa de dois a três salários com 15,48%, de até um salário com 15,28% e, por fim, a faixa de três a quatro salários com 13,08% do total. As demais faixas foram responsáveis, juntas, por quase 37% do total.

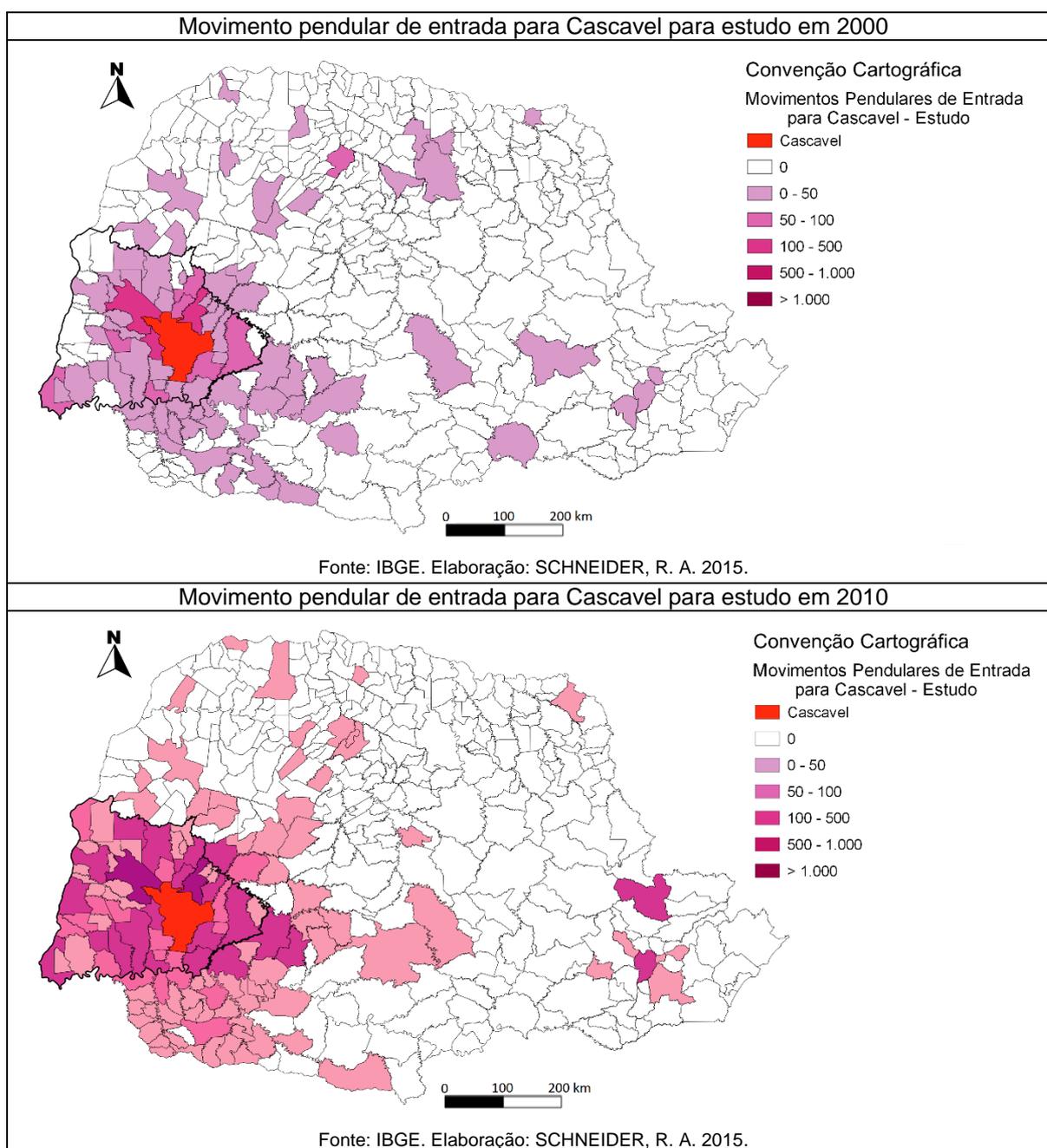
Tabela 9 - Total de rendimento, em todos os trabalhos, em número de salários mínimos de 2000 e 2010, das pessoas que realizaram movimento pendular de saída de Cascavel para trabalho

Nº de salários mínimos	Saída 2000	% com relação ao total 2000	Saída 2010	% com relação ao total 2010
0 a 1	303	18,34	383	15,28
1 a 2	289	17,49	487	19,43
2 a 3	168	10,17	388	15,48
3 a 4	176	10,65	328	13,08
4 a 5	66	4,00	149	5,94
5 a 6	95	5,75	182	7,26
6 a 7	113	6,84	81	3,23
7 a 8	44	2,66	84	3,35
8 a 9	10	0,61	23	0,92
9 a 10	109	6,60	137	5,46
10 a 15	101	6,11	135	5,38
15 a 20	85	5,15	98	3,91
> 20	93	5,63	32	1,28
Total	2.258	100	2.507	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

A seguir estão dispostas as informações referentes à última pendularidade analisada neste trabalho, relacionada apenas ao município de Cascavel, que foi a realizada por motivos de estudo. Primeiro é destacado o movimento de entrada para o município e, na sequência, o de saída de Cascavel para a finalidade de estudo. Assim, a Figura 20 demonstra os municípios relacionados à entrada para Cascavel para estudo em 2000 e 2010.

Figura 20 – Movimento pendular de entrada para Cascavel para estudo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Em 2000 o município de Cascavel contabilizou 65.202 matrículas no ensino regular, que indica o número de alunos matriculados e que frequentam o ensino regular, podendo ser creche, pré-escola, fundamental, médio ou ensino profissional, também contava com 6.886 matrículas de ensino superior presencial. No ano de 2010, o número de matrículas no ensino regular passou para 68.180, enquanto o número de matrículas no ensino superior presencial passou para 16.579 (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, 2016).

No primeiro ano em análise, o movimento de entrada foi feito por 2.282 pessoas que residiam em 84 municípios paranaenses. Do total, os municípios que mais participaram no movimento foram Santa Tereza do Oeste, Corbélia e Toledo, de onde saíam para estudar em Cascavel, 12,4%, 7,9% e 6,1% do total.

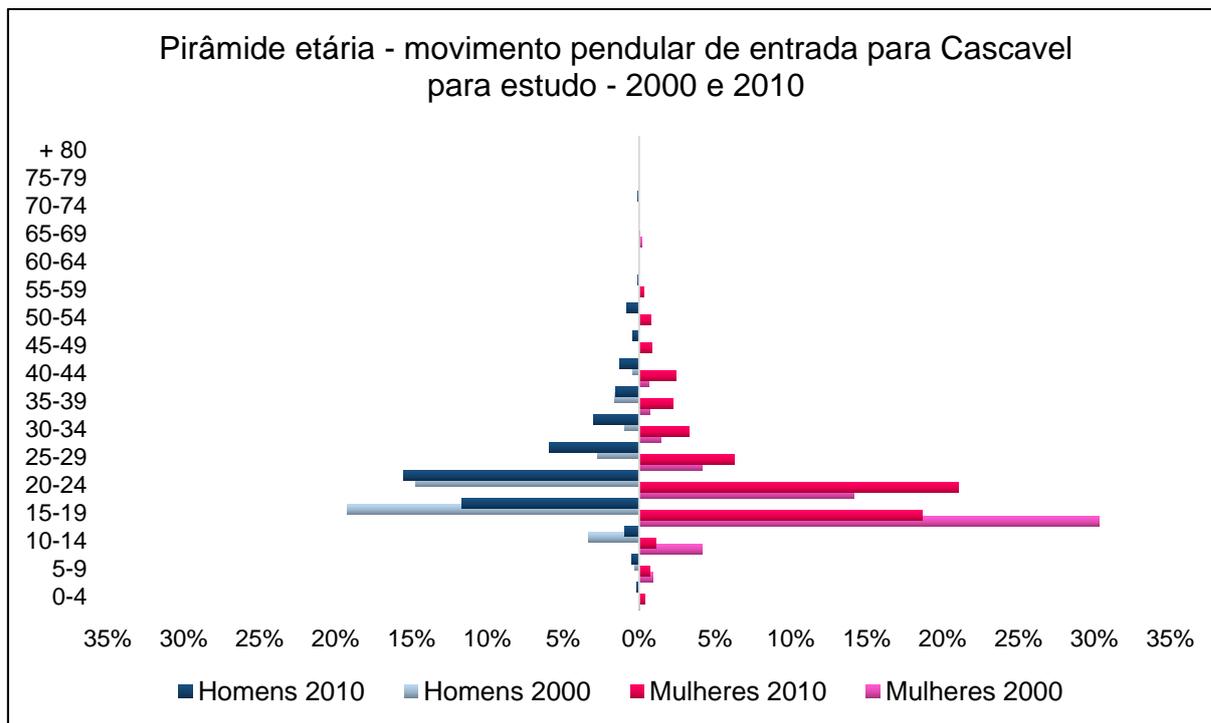
Em 2010, o movimento pendular de entrada para estudo foi realizado por 8.278 pessoas e tinha como origem 127 municípios, sendo que os municípios de Corbélia e Toledo foram os únicos a apresentar mais do que 5% do movimento pendular total, com 606 e 593 movimentações respectivamente. Com 1% a 5% do total estavam 28 municípios, e o restante – 97 municípios – não detiveram mais do que 1% do total cada.

O movimento pendular de entrada para Cascavel para estudo foi composto por mais mulheres do que homens, no ano de 2000 elas foram responsáveis por mais de 56% do total - houve 1.293 movimentos de mulheres e 988 de homens - e, no ano de 2010, as mulheres aumentaram sua participação na pendularidade de entrada para Cascavel para estudo, passando para 58,2% do total.

Em 2000, a maior faixa etária alcançada por quem realizou esse movimento, como destacado na Figura 21, tanto masculina como feminina, foi a de 40 a 44 anos. Tanto para as mulheres como para os homens, o maior movimento foi das pessoas que estavam entre as idades de 15 a 19 anos e 20 a 24 anos; com relação a pendularidade feminina essas faixas concentraram 30,3% e 14,2% do total e, para os homens 19,2% e 14,7% do total.

Já no ano de 2010, foram contabilizados movimentos até a faixa etária de 65 a 69 anos (exceto na faixa de 60 a 64 anos), nesse ano também foram as faixas etárias de 15 a 19 e 20 a 24 anos as que estavam com maiores participações, porém a maior representatividade foi a da faixa de 20 a 24 anos. Na faixa dos 20 a 24 anos as mulheres representaram 21% do total e os homens 15,5%, já na faixa dos 15 a 19 as mulheres contabilizaram 18,7% do total e os homens 11,7%.

Figura 21 – Pirâmide etária do movimento pendular de entrada para Cascavel para estudo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Na sequência o movimento pendular de entrada para Cascavel para estudo, por estado civil de quem o realizou, está disposto na Tabela 10, cabe ressaltar que a informação só é disponível para os que estavam com 10 anos ou mais na data de realização de cada Censo Demográfico. Tanto no ano de 2000 como no ano de 2010, a maior parte das pessoas eram solteiras, sendo que no primeiro ano eles representaram mais de 92% e no segundo, pouco mais de 80% do total.

Tabela 10 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de entrada para Cascavel para estudo – 2000 e 2010

Movimento pendular total de entrada para Cascavel para estudo				
Estado Civil	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Casado(a)	154	6,84	1.357	16,69
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	0	0	124	1,53
Divorciado(a)	11	0,49	88	1,08
Viúvo(a)	7	0,31	22	0,27
Solteiro(a)	2.081	92,37	6.539	80,43
Total	2.253	100	8.130	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Em 2000, além dos solteiros (2.081 movimentos do total de 2.253), os casados formaram 6,84% do total, os divorciados 0,49% e os viúvos 0,31% e não foram

contabilizados separados efetuando tal movimento. Já em 2010, a participação dos casados subiu para 16,69%, a dos divorciados para 1,08% e a dos viúvos caiu para 0,27% do total, enquanto os separados passaram a representar 1,53%.

A Tabela 11 demonstra a participação do ensino superior como motivação no movimento pendular de entrada para Cascavel para a finalidade de estudo em 2000 e em 2010. Em 2000, a categoria de ensino superior estava dividida entre superior de graduação e mestrado ou doutorado, já no ano de 2010 estava dividida entre superior de graduação, especialização de nível superior (mínimo de 360 horas), mestrado e também doutorado.

Tabela 11 – Participação do ensino superior como motivação no movimento pendular de entrada para estudo em Cascavel

Participação do ensino superior no total do movimento de entrada para estudo para Cascavel					
Curso que Frequenta	2000	%	Curso que Frequenta	2010	%
Superior de graduação	1.148		Superior de graduação	5.715	
			Especialização de nível superior	1.229	
Mestrado ou doutorado	27		Mestrado	220	
			Doutorado	25	
Total ensino superior	1.175	51,47	Total ensino superior	7.189	86,79
Total	2.283	100	Total	8.283	100

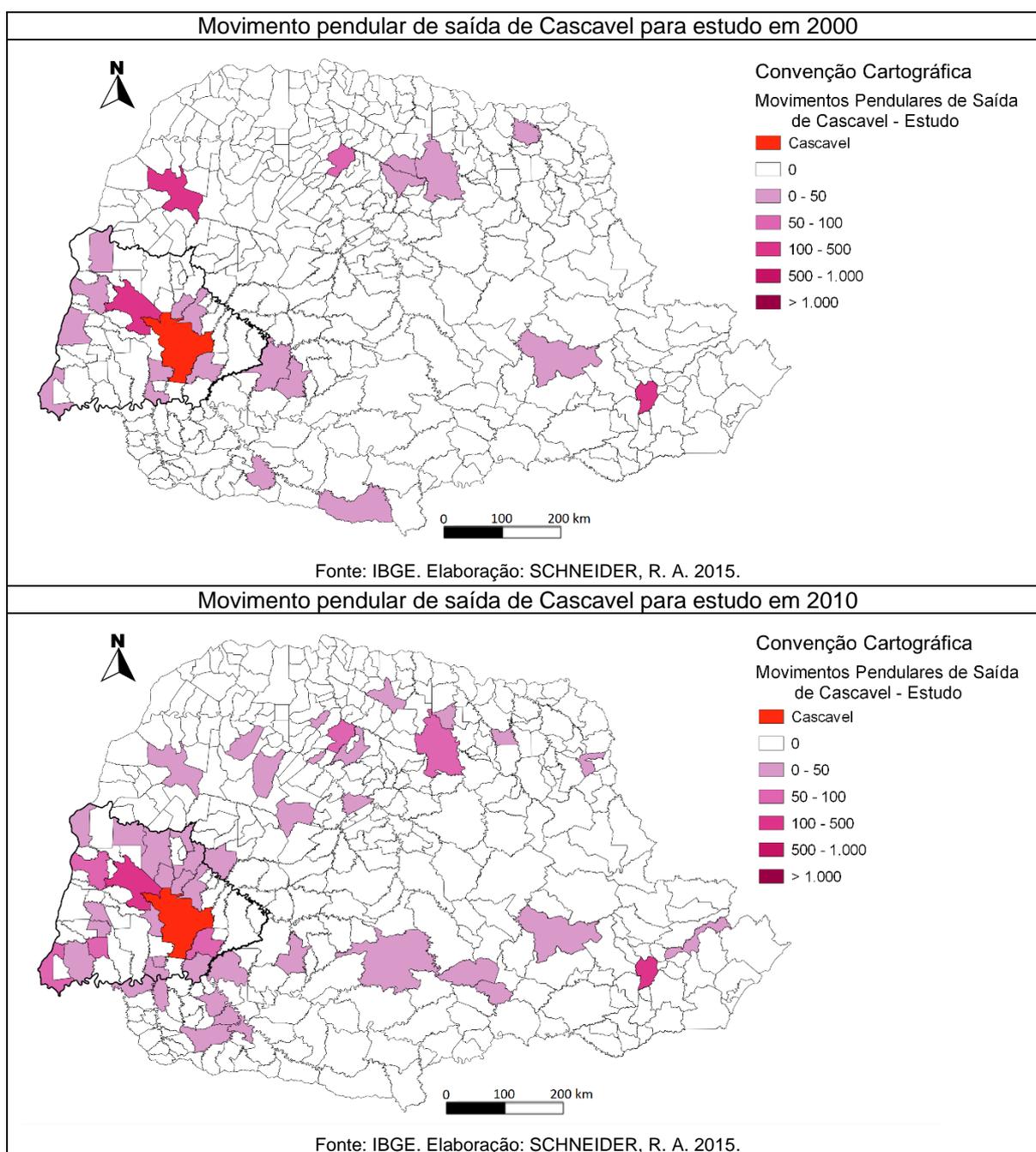
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Em 2000 a busca por ensino superior foi responsável por 51,47% do movimento total de entrada para estudo em Cascavel; do total de 2.283 entradas, 1.175 foram feitas por estudantes de cursos superiores. Deste total, 1.148 pessoas frequentavam algum curso de graduação e apenas 27 pessoas algum curso de mestrado ou doutorado.

Em 2010 o ensino superior foi a motivação de quase 87% daqueles que realizaram movimento pendular de entrada para estudar em Cascavel, destes, a maioria – 5.715, frequentavam cursos de graduação, já os que cursavam uma especialização de nível superior foram 1.229, seguidos de 220 pessoas que realizavam mestrado e 25 doutorado.

A Figura 22 faz menção ao movimento pendular de saída de Cascavel para estudo nos anos de 2000 e 2010. No ano de 2000, apenas 22 municípios paranaenses era destino de quem saía de Cascavel para estudar, no total, direcionavam-se para eles 875 pessoas, sendo os principais focos os municípios de Umuarama, para onde se deslocavam 21% do total, Curitiba com 18,7%, Toledo com 14,9% e, Maringá com 9,5% do total.

Figura 22 – Movimento pendular de saída de Cascavel para estudo em 2000 e 2010



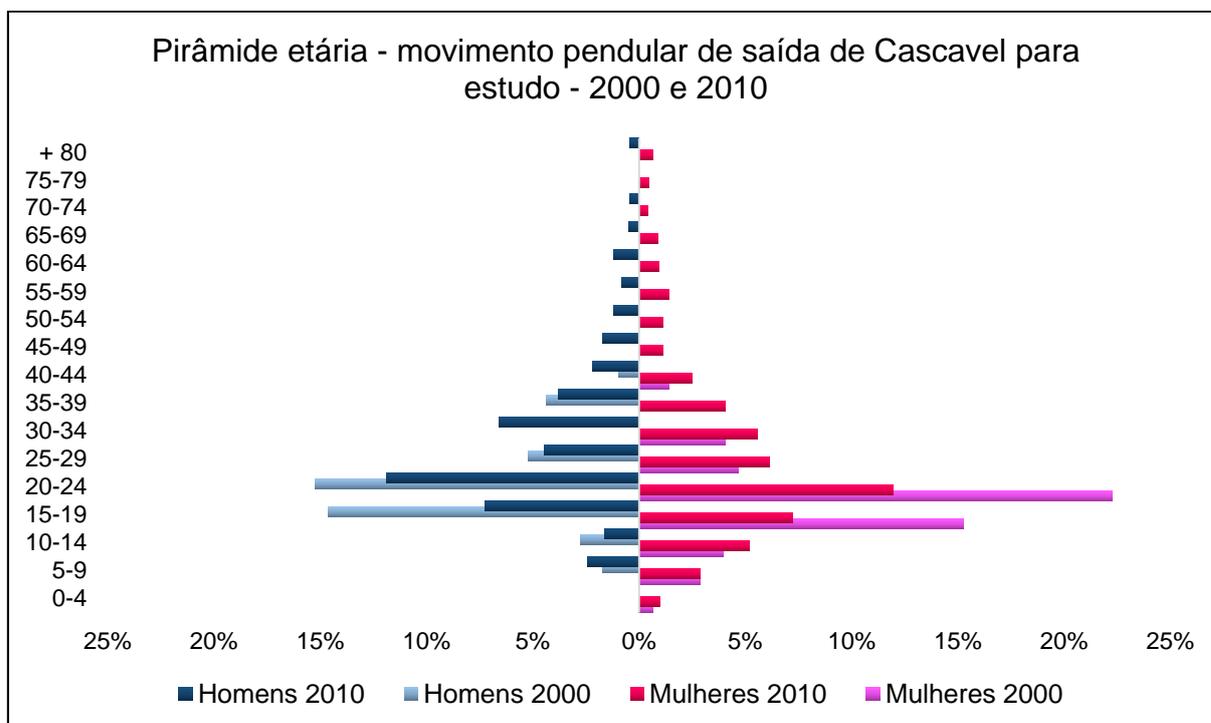
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Por outro lado, em 2010, o número de municípios de destino de quem saiu de Cascavel para estudar mais que dobrou, passando para 49 municípios. No total 1.725 pessoas realizaram essa pendularidade (mais do que o dobro do primeiro ano de análise), o destino principal foi o município de Toledo, para onde se deslocavam 23,8% do total. Os municípios de Curitiba, Maringá, Medianeira e Catanduvas concentraram entre 5% e 10% do total, do restante, 20 municípios estavam entre 1% e 5% do total e 24 com menos de 1%.

Comparando as informações do movimento de saída de Cascavel para estudo com o de entrada nota-se grande atração desse município para quem deseja, além de trabalhar, também estudar. Sua atratividade com relação ao estudo também foi intensificada entre os anos analisados, em 2000 a entrada líquida foi de 1.407 pessoas e, no ano de 2010, de 6.553 pessoas.

Com relação ao gênero dos que realizavam movimentos pendulares de saída de Cascavel para estudo, tanto em 2000 como em 2010, percebe-se um maior equilíbrio, com predominância feminina nos dois períodos, porém com queda em sua participação relativa. Em 2000, as mulheres formaram 55,1% do total e, em 2010, 53,4% (Figura 23).

Figura 23 – Pirâmide etária do movimento pendular de saída de Cascavel para estudo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Como ocorreu no movimento de entrada para Cascavel para estudo, em 2000, o de saída também só foi realizado por pessoas de até 44 a 49 anos. As faixas com maior concentração da pendularidade foram a de 20 a 24 anos e a de 15 a 19 anos, no caso das mulheres elas significaram pouco mais de 22,3% e 15,2% do total e, para os homens, 15,2% e 14,6% do total.

Em 2010, o movimento pendular de saída para estudo foi localizado em todas as faixas etárias. Para as mulheres a concentração se deu da faixa etária dos 15 aos

19 anos até a faixa dos 35 aos 39 anos, com destaque principal da faixa dos 20 aos 24 anos que apresentou 12% do total. No que se refere a pendularidade masculina, os maiores movimentos foram, respectivamente, da faixa etária de 20 a 24 anos, 15 a 19 anos e 30 a 34 anos, que representaram, respectivamente 11,9%, 7,2% e 6,6% do total.

Ainda com relação ao movimento pendular de saída de Cascavel para estudo, nos anos de 2000 e 2010, têm-se as informações referentes ao estado civil na Tabela 12. Como observado na pendularidade de entrada, a maioria dos movimentos de saída foram feitos por pessoas solteiras, porém, sua participação percentual caiu no decorrer do período analisado.

No ano de 2000, os solteiros significaram 82,49% do total dos que saíam de Cascavel para estudar, outros 16,05% do total eram casados e 1,47% divorciados, enquanto que nenhum solteiro ou viúvo foi contabilizado. Em 2010 houveram mudanças, os solteiros representaram 63,26%, seguidos dos casados 31,66% e dos divorciados que eram 4,65% do total e dos separados (0,43%).

Tabela 12 – Estado civil, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de saída de Cascavel para estudo – 2000 e 2010

Movimento pendular de saída de Cascavel				
Estado Civil	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Casado(a)	142	16,05	518	31,66
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	0	0	7	0,43
Divorciado(a)	13	1,47	76	4,65
Viúvo(a)	0	0	0	0
Solteiro(a)	730	82,49	1.035	63,26
Total	885	100	1.636	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Pela Tabela 13 percebe-se que a maioria das pessoas que residiam em Cascavel e estudavam em outro município paranaense o fizeram para estudar em algum curso de nível superior, porém, tal predominância sofreu uma queda entre 2000 e 2010, sendo que no primeiro ano representou pouco mais de 71% e, no segundo, 62,51% do total.

Em 2000, do total de 935 deslocamentos de saída de Cascavel para estudo, 655 foram feitos por pessoas que cursavam alguma graduação de nível superior e apenas 10 de algum curso de mestrado ou doutorado. Em 2010, o número de pessoas que estudavam em outro município saltou para 1.726 e, desse total, 726 cursavam

alguma graduação superior, 185 alguma especialização de nível superior, 139 algum curso de mestrado e 29 algum curso de doutorado.

Tabela 13 - Participação do ensino superior como motivação no movimento pendular total de saída para estudo de Cascavel

Participação do ensino superior no total do movimento pendular de saída para estudo de Cascavel					
Curso que Frequenta	2000	%	Curso que Frequenta	2010	%
Superior de graduação	655		Superior de graduação	726	
			Especialização de nível superior	185	
Mestrado ou doutorado	10		Mestrado	139	
			Doutorado	29	
Total ensino superior	665	71,12	Total ensino superior	1.079	62,51
Total	935	100	Total	1.726	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Diante do exposto, percebe-se que o polo de Cascavel foi atrativo tanto com relação à finalidade de trabalho e estudo demonstrando mais uma vez sua característica de polo regional, concentrador de atividades econômicas, de emprego e de educação. No ano de 2000, a entrada foi feita pela maioria de trabalhadores pendulares, porém no ano de 2010 foram os estudantes pendulares que passaram a predominar no movimento de entrada. Tais informações demonstram o aumento da procura da população por maior qualificação e também a ampliação da oferta de vagas e cursos no município, principalmente no ensino superior.

Referente à pendularidade de saída observou-se a predominância dos trabalhadores nos dois períodos, sendo os principais destinos outros municípios polos, no caso de 2000 destacam-se Curitiba, Foz do Iguaçu e Toledo e, em 2010, já passa a ser o município de Toledo, polo mais próximo de Cascavel, a concentrar a maioria dos trabalhadores pendulares.

#### 4.2 PANORAMA DOS MOVIMENTOS PENDULARES DE TOLEDO

No presente tópico são analisados os movimentos pendulares relacionados apenas ao município de Toledo, tanto com relação ao movimento total, como sua separação entre o realizado para trabalho e para estudo e, em todos os tipos serão tratadas as pendularidades de entrada e de saída desse município.

O movimento pendular total de entrada para o município de Toledo, nos anos de 2000 e 2010, está disposto, por estado de residência das pessoas, na Tabela 14. Percebe-se, assim como no caso do município de Cascavel, que houve aumento

significativo no movimento total durante o período. No ano de 2000 foram registradas, pelo Censo Demográfico, 2.262 pessoas realizando tal pendularidade e, no ano de 2010, esse valor foi de 7.544 pessoas, um aumento de 233.5%.

Tabela 14 – Movimento pendular de entrada para Toledo por estado brasileiro – 2000 e 2010

Movimento pendular total de entrada para Toledo				
Estado	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Acre	0	0	0	0
Alagoas	0	0	0	0
Amapá	0	0	0	0
Amazonas	0	0	0	0
Bahia	0	0	0	0
Ceará	0	0	0	0
Distrito Federal	0	0	23	0,30
Espírito Santo	0	0	0	0
Goiás	0	0	26	0,34
Maranhão	0	0	9	0,12
Mato Grosso	5	0,22	53	0,70
Mato Grosso do Sul	0	0	19	0,25
Minas Gerais	14	0,62	21	0,28
Paraíba	0	0	0	0
Pará	20	0,88	0	0
Paraná	2.138	94,52	7.099	94,10
Pernambuco	0	0	0	0
Piauí	0	0	0	0
Rio de Janeiro	0	0	0	0
Rio Grande do Norte	0	0	0	0
Rio Grande do Sul	32	1,41	9	0,12
Rondônia	0	0	0	0
Roraima	0	0	0	0
Santa Catarina	32	1,41	109	1,44
Sergipe	0	0	0	0
São Paulo	21	0,93	176	2,33
Tocantins	0	0	0	0
Total	2.262	100	7.544	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

A participação do movimento intraestadual permaneceu estável no período, em 2000, ela concentrou 94,52% do total e, em 2010, 94,1%. Os demais estados que estavam envolvidos, no primeiro ano, foram: Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo. Já no ano de 2010, o Estado do Pará não apresentou mais movimentos e o Distrito Federal, Goiás, Maranhão e Mato Grosso do Sul passaram a apresenta-los.

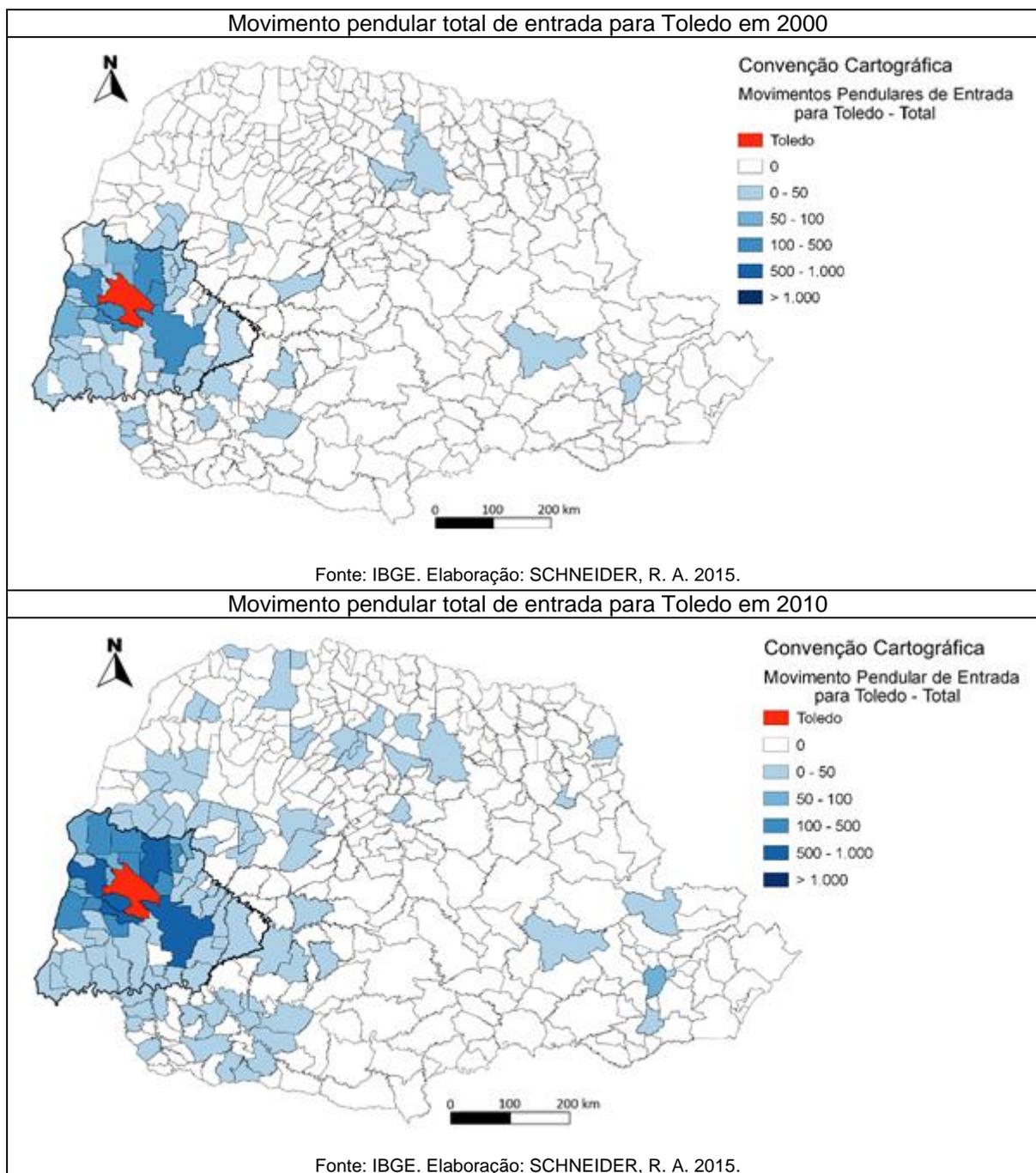
A Figura 24 retrata o movimento pendular de entrada para Toledo que envolveu apenas os municípios paranaenses, nos anos de 2000 e 2010. No primeiro ano o movimento foi de 2.138 pessoas que residiam em algum dos 57 municípios paranaenses em destaque, enquanto no ano de 2010 esses valores saltaram para

7.099 pessoas e 102 municípios, ou seja, um aumento maior do que o triplo de pessoas envolvidas e quase o dobro de municípios entre os anos analisados.

Em 2000, foi o município de Cascavel o único a concentrar mais de 10% do valor total da entrada para Toledo (13,1%); na sequência, com maiores movimentos, estavam Ouro Verde do Oeste, São Pedro do Iguçu, Assis Chateaubriand, Marechal Cândido Rondon e Tupãssi – com 9,96%, 8,8%, 8,4%, 7,7% e 6,4% do total. Do restante, 17 municípios encontravam-se na categoria de 1% a 5% e, 34 com menos de 1% do total cada.

Em 2010 os municípios de Cascavel e Ouro Verde do Oeste detiveram mais de 22% do total - com 12,1% e 10,5%, respectivamente – 858 e 744 deslocamentos - , com participações entre 5% e 10% estavam os municípios de Marechal Cândido Rondon, Assis Chateaubriand, São Pedro do Iguçu, Vera Cruz do Oeste e Santa Helena – 9,5%, 8,5%, 7,9%, 5,5% e 5,2%, respectivamente. Com representatividade entre 1% e 5% ficaram 12 municípios e, com menos de 1% cada, 83 municípios.

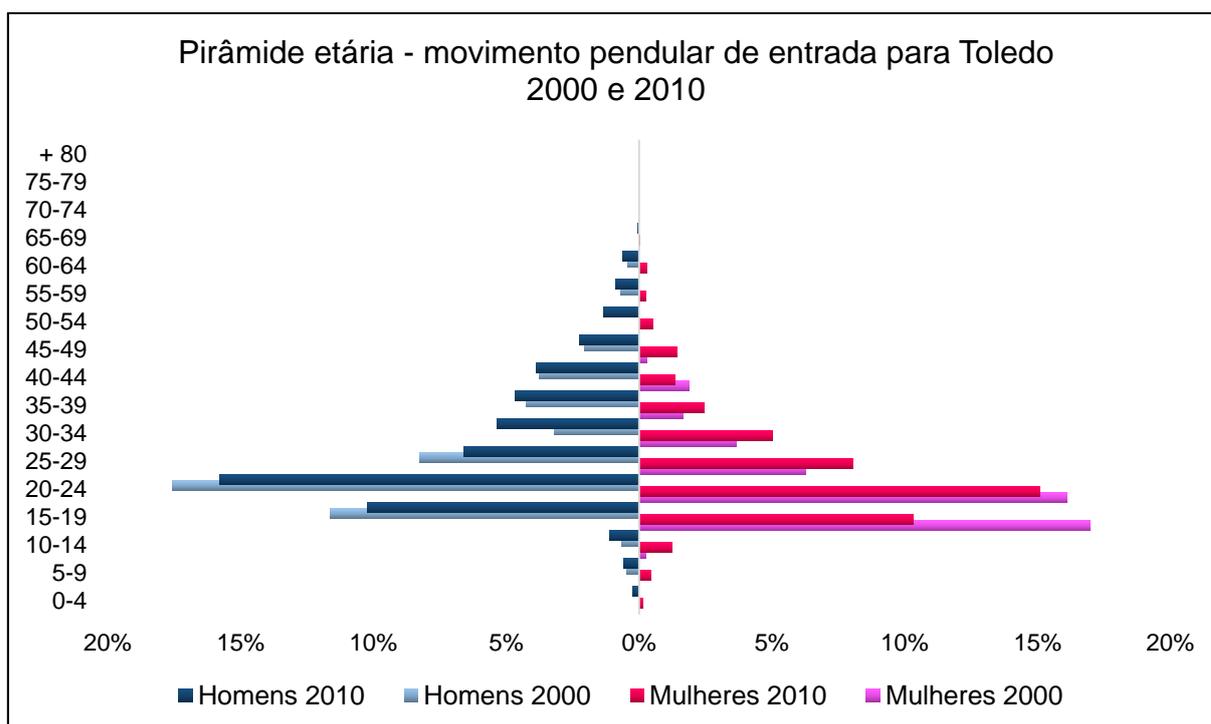
Figura 24 – Movimento pendular total de entrada para Toledo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Quando analisado o movimento pendular de entrada para Toledo sobre a perspectiva do gênero dos que se deslocavam, observou-se uma distribuição equitativa entre homens e mulheres, com uma movimentação um pouco maior dos homens (53% em 2000 e, 53,4% em 2010). Como pode ser observado na Figura 25, as idades em que foram observados maiores movimentos, tanto para homens quanto para mulheres, foram as de 15 a 19 anos e 20 a 24 anos.

Figura 25 – Pirâmide etária do movimento pendular total de entrada para Toledo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Para os homens, em 2000, a faixa etária mais significativa, em termos de pendularidade de entrada para o município de Toledo, foi a de 20 a 24 anos, com 17,6% do total, seguida da faixa de 15 a 19 anos, com 11,6% do total. Enquanto para as mulheres, ocorreu o contrário, a maior concentração foi na faixa etária de 15 a 19 anos, seguida da faixa de 20 a 24 anos – 17% e 16,1% do total.

Em 2010, houve uma troca da faixa etária com maiores movimentos femininos e, por conta disso, tanto para homens como para mulheres, os maiores percentuais foram dos que estavam entre 20 e 24 anos (os homens representaram 15,7% do total e as mulheres 15,1%), seguido dos que estavam com 15 a 19 anos (com os homens concentrando 10,2% e as mulheres 10,3% do total).

Em seguida estão as informações referentes ao movimento pendular total de saída de Toledo em 2000 e 2010 (Tabela 15). Em 2000, o movimento total foi composto por 1.928 pessoas e, em 2010, por 4.574, assim, nota-se o aumento do fluxo e, comparando com as informações da Tabela 14, percebe-se que o município deteve entrada líquida positiva nos dois anos, o que demonstra sua atratividade.

Tabela 15 – Movimento pendular de saída de Toledo por estado brasileiro – 2000 e 2010

Movimento pendular total de saída de Toledo				
Estado	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Acre	0	0	0	0
Alagoas	0	0	0	0
Amapá	0	0	0	0
Amazonas	0	0	0	0
Bahia	0	0	23	0,50
Ceará	0	0	0	0
Distrito Federal	0	0	0	0
Espírito Santo	0	0	0	0
Goiás	10	0,52	16	0,35
Maranhão	0	0	0	0
Mato Grosso	44	2,27	34	0,74
Mato Grosso do Sul	25	1,29	34	0,74
Minas Gerais	11	0,57	25	0,55
Paraíba	0	0	0	0
Pará	0	0	6	0,13
Paraná	1.592	82,15	3.932	85,96
Pernambuco	0	0	0	0
Piauí	0	0	0	0
Rio de Janeiro	25	1,29	7	0,15
Rio Grande do Norte	0	0	9	0,20
Rio Grande do Sul	56	2,89	117	2,56
Rondônia	0	0	0	0
Roraima	0	0	0	0
Santa Catarina	48	2,48	209	4,57
Sergipe	0	0	0	0
São Paulo	127	6,55	162	3,54
Tocantins	0	0	0	0
Total	1.938	100	4.574	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

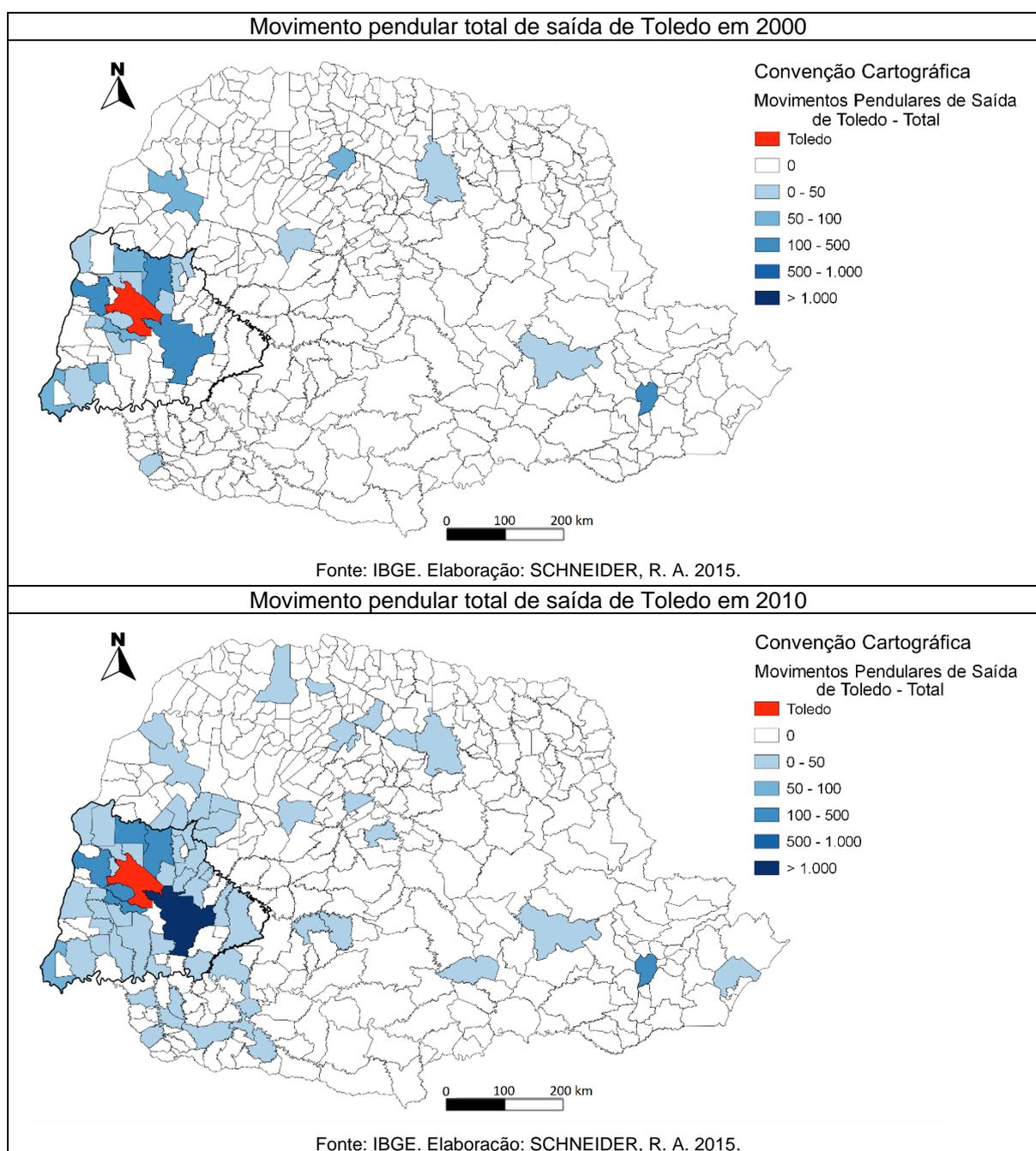
Grande parte das pessoas que residiam em Toledo e trabalhavam e/ou estudavam em outro município o faziam dentro do próprio Paraná, tendência que aumentou no segundo ano estudado; em 2000, 82% dos movimentos foram intraestaduais e, em 2010, quase 86% também foram internos.

No primeiro ano apresentaram alguma relação com o movimento pendular de saída de Toledo os estados de Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo e, em 2010, além dos já citados os estados da Bahia e do Pará também apresentaram movimentos.

A seguir, na Figura 26, verifica-se o movimento pendular intraestadual de saída de Toledo, em 2000 e 2010. No primeiro ano, apenas 25 municípios paranaenses foram o destino de quem residia em Toledo e optou trabalhar e/ou estudar fora dele, já em 2010, esse número mais que dobrou, passando para 66 municípios. Além dos municípios, o montante total do movimento também aumentou

mais que o dobro no período analisado - em 2000 foi composto por 1.538 pessoas e, em 2010, por 3.890 pessoas.

Figura 26 – Movimento pendular total de saída de Toledo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

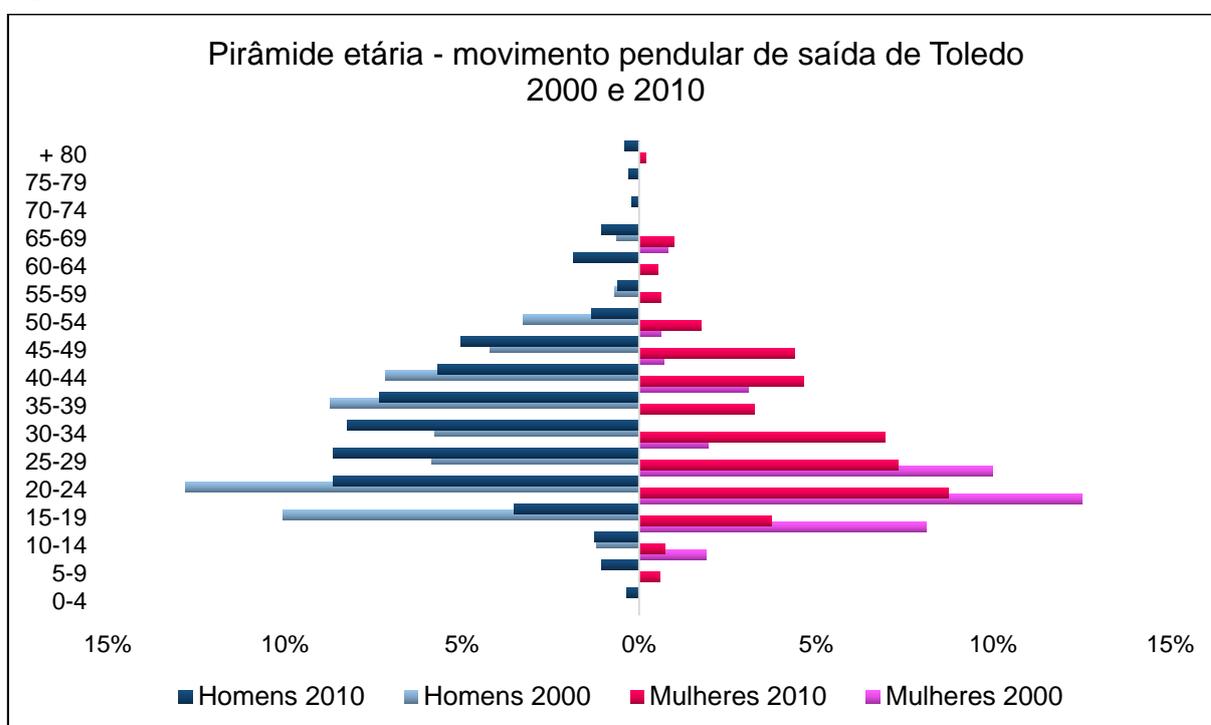
Em 2000, o destino principal escolhido foi o município de Cascavel, para onde se destinavam pouco mais de 24% do total do movimento pendular de saída de Toledo. Outros movimentos consideráveis foram os que envolveram Curitiba, Marechal Cândido Rondon, Assis Chateaubriand e Maringá com, respectivamente,

15,7%, 11,2%, 7% e 5,2% do total. Dos demais 20 municípios envolvidos, 15 detinham, individualmente, entre 1% e 5% da movimentação pendular total e o restante menos de 1%.

No ano de 2010, o município de Cascavel concentrou ainda mais o movimento pendular de saída de Toledo, quase 40% de quem residia em Toledo e decidiu trabalhar e/ou estudar em outro município tinha como destino esse município. Enquanto Marechal Cândido Rondon apresentou uma queda relativa em sua participação, que foi para 10,2%, os municípios de Curitiba, Assis Chateaubriand caíram para a categoria que detinha entre 1% e 5% do total e Maringá com menos de 1%, já Ouro Verde do Oeste e Palotina aumentaram sua participação, passando a significar, cada um, mais de 5% do total.

Com relação à composição de gênero e idade dos que se deslocavam de Toledo para outros municípios tem-se a Figura 27. Nos dois períodos foi o movimento formado pelos homens o que concentrou maior intensidade, porém, há uma queda dessa concentração durante o período estudado; em 2000 pouco mais de 60% e, em 2010, 55,6% do total.

Figura 27 – Pirâmide etária do movimento pendular total de saída de Toledo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Para os homens, em 2000, as faixas etárias em evidência foram as de 20 a 24, 15 a 19, 35 a 39 e 40 a 44 anos, com 12,8%, 10%, 8,7% e 7,2% dos deslocamentos totais, respectivamente. Com relação à movimentação feminina, a evidência se deu, em ordem decrescente, para as faixas de 20 a 24, 25 a 29 e 15 a 19 anos (12,5%, 10% e 8,1% do total).

No ano de 2010, ao contrário do ano de análise anterior, todas as faixas apresentaram movimentos pendulares, mesmo que apenas realizado por um dos gêneros. Os maiores movimentos, quando considerado apenas os feitos pelos homens, foram dos que se encontravam nas faixas etárias de 20 a 24, 25 a 29, 30 a 34 e 35 a 39 anos, concentrando, respectivamente, 8,6%, 8,6%, 8,2% e 7,3% do total. Já para as mulheres foram as faixas etárias de 20 a 24, 25 a 29 e 30 a 34 anos com 8,7%, 7,3% e 7% do total.

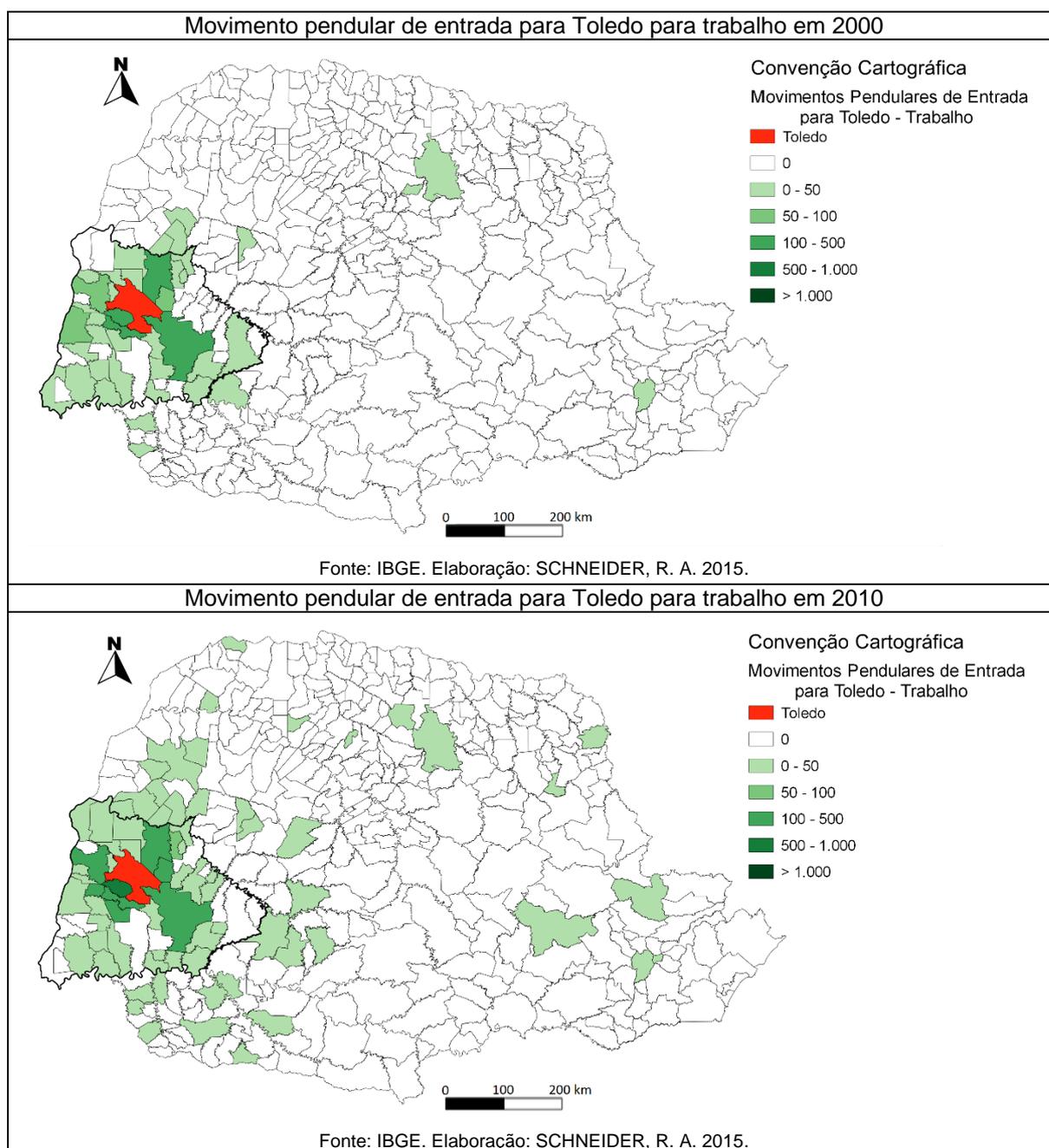
As próximas informações sobre movimentos pendulares que envolvem o município de Toledo estão separadas entre as realizadas para trabalho e as para estudo. Cabe destacar que, no ano de 2000, o município de Toledo detinha 19.493 empregos formais já no ano de 2010 o número de empregos formais duplicou, passou para 38.994. Com as informações a seguir, é perceptível que o número de trabalhadores pendulares sofreu um aumento percentual ao que ocorreu com o número de empregos formais, enquanto o número de empregos formais aumentou pouco mais de 100% o número de trabalhadores pendulares aumentou mais de 161% (MTE, 2015).

A Figura 28 demonstra os municípios de residência das pessoas que efetuavam movimentos pendulares para Toledo para trabalharem, ou seja, o movimento pendular de entrada para esse município, tanto em 2000 como em 2010. Em 2000, 1.198 pessoas de 41 municípios paranaenses distintos se movimentavam para trabalhar em Toledo, desse total, 13,2% residiam em Ouro Verde do Oeste, 12,6% em Cascavel, 10,8% em São Pedro do Iguaçu, 8,5% em Assis Chateaubriand, 8,4% em Marechal Cândido Rondon, 5,4% em Santa Helena e 5,2% em Tupãssi. Do restante, 13 municípios contabilizaram participações entre 1% e 5% e 21 municípios ficaram, individualmente, com menos de 1% do total.

No ano de 2010, esse movimento pendular foi realizado por 3.133 pessoas e envolveu 74 municípios. Os municípios de Ouro Verde do Oeste, Cascavel, São Pedro do Iguaçu e Assis Chateaubriand mantiveram suas posições (passando para, respectivamente, 17,9%, 14,3%, 13,2% e 8,4% do total). Em seguida ficaram os

municípios de Vera Cruz do Oeste (7,2%), São José das Palmeiras (5,7%) e Marechal Cândido Rondon (5,6%). Com relação aos demais municípios, apenas 6 detinham entre 1% e 5% do total, e o restante – 61 municípios, não contribuíram individualmente com mais de 1% do total.

Figura 28 – Movimento pendular de entrada para Toledo para trabalho em 2000 e 2010

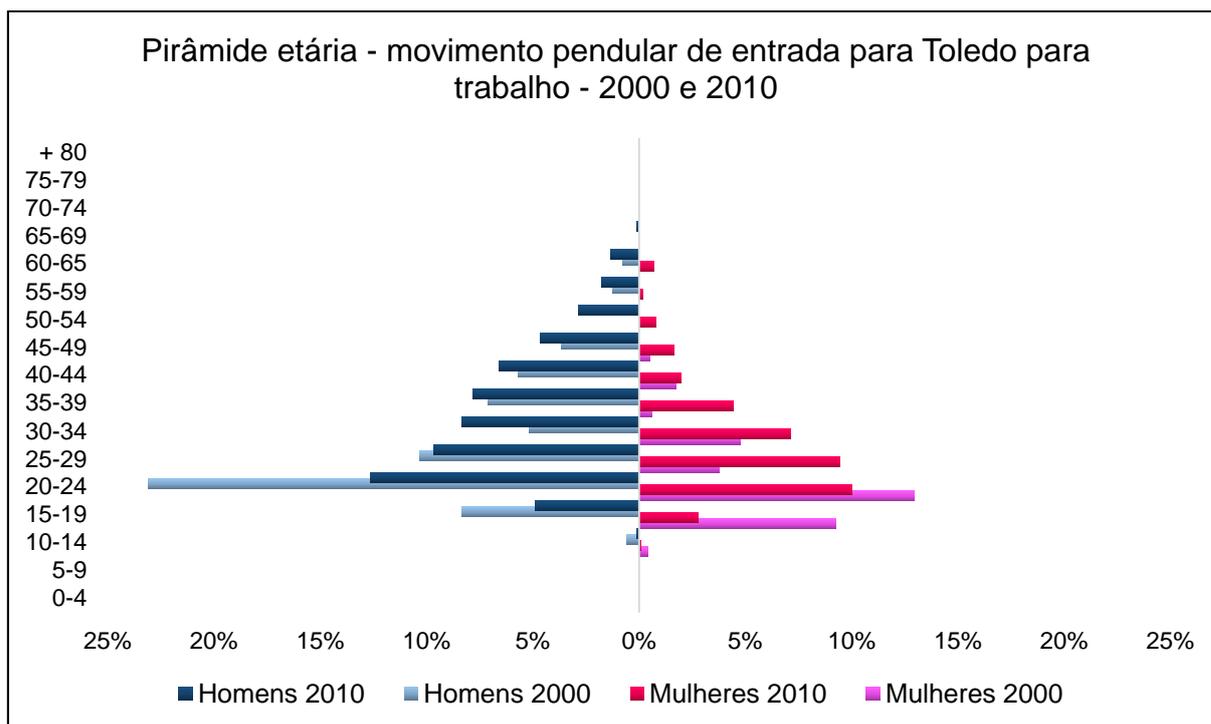


Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

De igual natureza, a Figura 29 retrata as pirâmides etárias do movimento pendular de entrada para Toledo para a finalidade de trabalho nos anos de 2000 e

2010. Destaca-se que nos dois períodos essa pendularidade foi realizada por maioria masculina, em 2000 eles formaram 66% do total e, em 2010, quase 61%, ressalta-se, também, um aumento relativo da participação de faixas etárias mais velhas na composição do movimento de ambos os gêneros.

Figura 29 – Pirâmide etária do movimento pendular de entrada para Toledo para trabalho em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Em 2000, as faixas etárias mais representativas foram as de 20 a 24 anos e 25 a 29 anos para os homens, que contribuíram com 23,1% e 10,4% do total - e 20 a 24 anos e 15 a 19 anos para as mulheres, com 13% e 9,3% do total. Já no ano de 2010, para ambos os destaques foram, em ordem decrescente, as faixas etárias de 20 a 24 anos e 25 a 29 anos. Com relação ao movimento pendular masculino, essas faixas significaram 12,7% e 9,7% do total, com relação ao feminino, elas representaram 10% e 9,5% do total.

No ano de 2000, a Tabela 16 demonstra que foram contabilizadas 1.195 pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimentos pendulares de entrada para Toledo para trabalhar, deste total, a maioria era solteira (68,62%), outra parte considerável, 30,79%, declarou-se casada e, 3 pessoas estavam separadas e 4 divorciadas.

Já no ano de 2010, houve uma queda significativa na participação percentual dos solteiros, passando para 50,48%, ou seja, do total de 2.132 deslocamentos, 1.581 eram feitos por solteiros e mais de 41% do total eram casados (1.300 pessoas). Do restante, 102 pessoas eram separadas, 118 divorciadas e 31 viúvas.

Tabela 16 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de entrada para Toledo para trabalho – 2000 e 2010

Mobilidade pendular de entrada para Toledo para trabalho				
Estado Civil	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Casado(a)	368	30,79	1.300	41,51
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	3	0,25	102	3,26
Divorciado(a)	4	0,33	118	3,77
Viúvo(a)	0	0	31	0,99
Solteiro(a)	820	68,62	1.581	50,48
Total	1.195	100	3.132	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Como verificado nos demais movimento pendulares, a maioria das pessoas que realizavam movimentos de entrada para Toledo para trabalharem recebiam até três salários mínimos. Conforme se observa na Tabela 17, em 2000, 45,6% recebiam entre um a dois salários mínimos, 17,24% até um salário e 14% de dois a três salários, o restante, somados, participaram com 23%.

No ano de 2010 a concentração dos que recebiam de um a dois salários aumentou, passando para mais de 53% do total, na sequência estavam os que recebiam até um salário – 16,46%, e os que recebiam entre dois e três salários contabilizando 14,63% do total. As demais faixas eram compostas, juntas, por 15% do total das pessoas que residiam em outro município paranaense e trabalhavam em Toledo.

Tabela 17 - Total de rendimento, em todos os trabalhos, em número de salários mínimos de 2000 e 2010, das pessoas que realizaram movimento pendular de entrada para Toledo para trabalho

Nº de salários mínimos	Entrada 2000	% com relação ao total 2000	Entrada 2010	% com relação ao total 2010
0 a 1	206	17,24	522	16,46
1 a 2	545	45,61	1.688	53,22
2 a 3	168	14,06	464	14,63
3 a 4	58	4,85	192	6,05
4 a 5	37	3,10	113	3,56
5 a 6	26	2,18	33	1,04
6 a 7	43	3,60	7	0,22
7 a 8	0	0,00	47	1,48
8 a 9	18	1,51	2	0,06
9 a 10	16	1,34	29	0,91
10 a 15	58	4,85	54	1,70
15 a 20	20	1,67	21	0,66
> 20	0	0,00	0	0
Total	1195	100,00	3.172	100

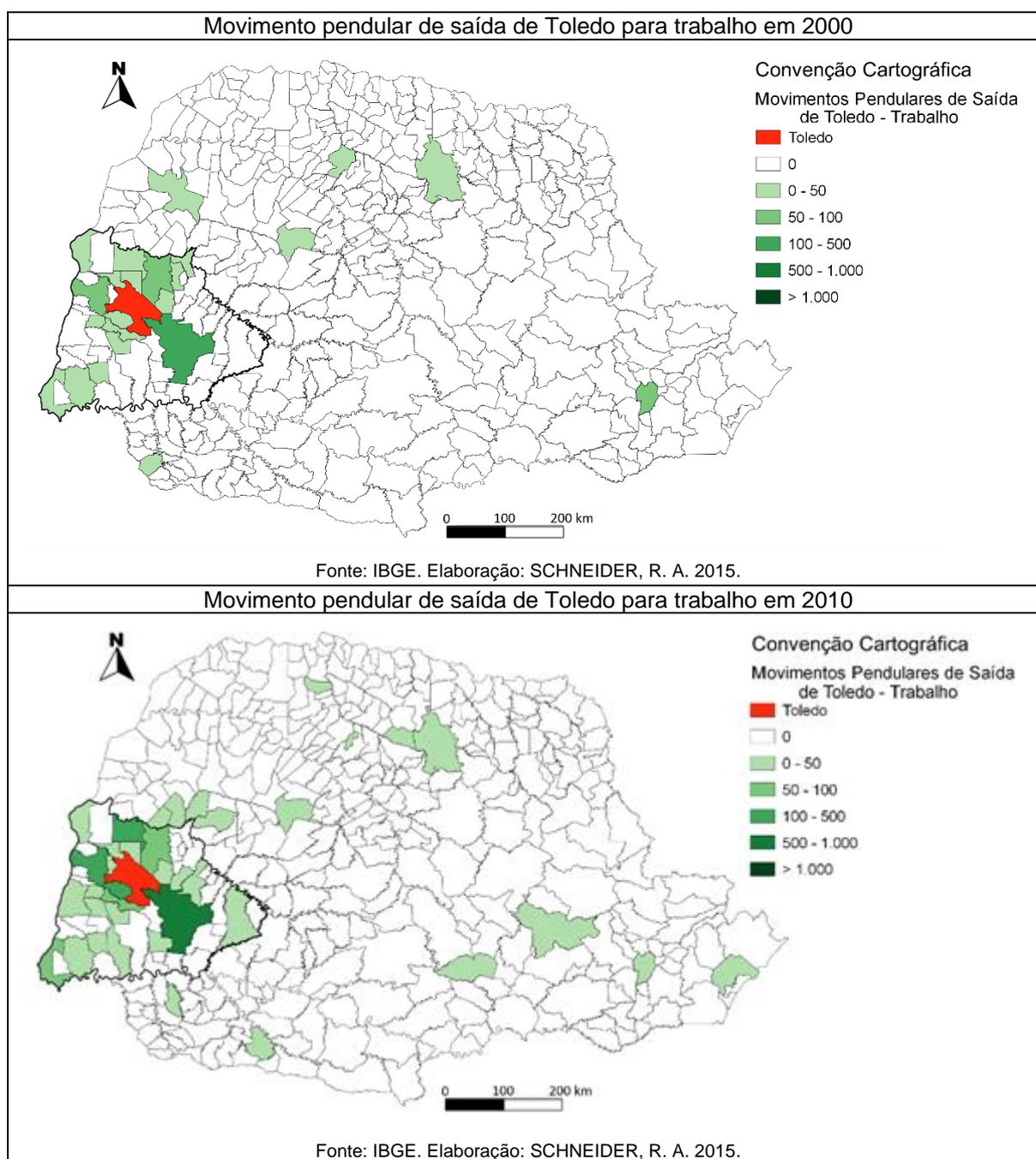
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

O movimento pendular de saída de Toledo para trabalho, nos anos de 2000 e 2010, está exposto na Figura 30. Esse movimento envolveu reduzido contingente de pessoas quando comparado com o pendular de entrada para Toledo para trabalho, demonstrando que o município atraiu mais pessoas em busca de empregos do que expulsou.

Em 2000 foram contabilizados, pelo Censo Demográfico, um total de 851 pessoas que realizavam tal movimento pendular. Os principais municípios de destino foram Cascavel, Marechal Cândido Rondon, Assis Chateaubriand, Curitiba e Palotina, os quais concentraram, respectivamente, 27,1%, 11,6%, 9,8%, 7% e 5,5% do total. Outros 14 municípios detinham entre 1% e 5% do total e outros 4 menos de 1% cada.

No ano de 2010, em comparação com o ano de 2000, o movimento pendular de saída de Toledo mais que dobrou, passou a ser constituído por 2.004 pessoas. A participação de Cascavel aumentou ainda mais, sozinho o município passou a ser o destino de mais de 47% de quem saía de Toledo para trabalhar. Outros destinos significativos foram os municípios de Palotina, Ouro Verde do Oeste e Marechal Cândido Rondon – 8,8%, 6,1% e 5,5% do total. Além desses, 9 municípios estavam entre 1% e 5% do total e 25 com menos de 1%.

Figura 30 – Movimento pendular de saída de Toledo para trabalho em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

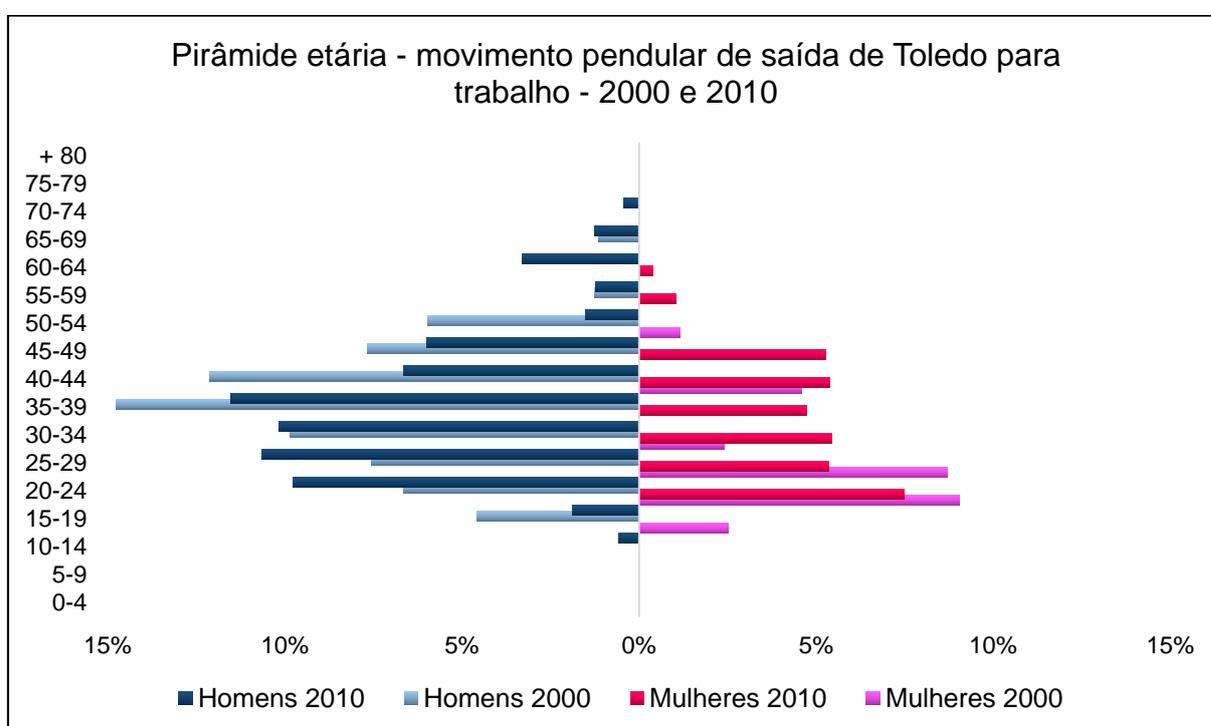
Como observado no movimento pendular de entrada para Toledo para trabalho, o de saída (Figura 31) também foi composto por maioria masculina, mas está também apresentou redução de sua participação percentual no período analisado. No ano de 2000, os homens respondiam por 71,6% do total e, em 2010, esse valor caiu abaixo de 65%.

Em 2000, ao contrário do observado na pendularidade de entrada, a de saída de Toledo para trabalho teve maior participação dos homens que se encontravam nas

faixas etárias de 35 a 39 e 40 a 44 anos (significando 14,8% e 12,1% do total). Com relação às mulheres, as faixas mais expressivas foram de 20 a 24 e 25 a 29 anos (com 9% e 8,7% do total).

Em 2010, para os dois gêneros, a maior parte do movimento pendular de saída estava na faixa etária de 20 a 24 anos até a faixa de 45 a 49 anos. Para os homens a maior concentração ainda se deu até a faixa dos 35 aos 39 anos com 11,5% do total. Com relação ao movimento feminino, a maior representatividade foi da faixa de 20 aos 24 anos com 7,5% do total.

Figura 31 – Pirâmide etária do movimento pendular de saída de Toledo para trabalho em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Ao contrário do observado no movimento pendular de entrada para trabalho, o de saída foi efetuado por maioria de pessoas casadas (Tabela 18), tanto no ano de 2000 como em 2010. No primeiro ano, 50,69% do total de 874 pessoas, com 10 anos ou mais, eram casadas, dos restante 41,88% declararam-se solteiros, 4,46% separados, 1,37% divorciados e 1,6% viúvos.

Em 2010, o percentual referente aos casados reduziu-se para 48%, assim, do total de 2.021 deslocamentos, 970 eram de pessoas casadas, já os solteiros representaram mais de 43% do total (878 pessoas), os separados 2,77% (56 pessoas), os divorciados 4% (82 pessoas) e os viúvos 1,73% do total (35 pessoas).

Tabela 18 – Estado civil das pessoas, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de saída de Toledo para trabalho – 2000 e 2010

Movimento pendular de saída de Toledo para trabalho				
Estado Civil	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Casado(a)	443	50,69	970	48,00
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	39	4,46	56	2,77
Divorciado(a)	12	1,37	82	4,06
Viúvo(a)	14	1,60	35	1,73
Solteiro(a)	366	41,88	878	43,44
Total	874	100	2.021	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Pela Tabela 19 destacam-se as informações sobre o total de rendimento, em número de salários mínimos de quem residia em Toledo e se deslocava para outro município paranaense para trabalhar. Em 2000, do total de 871 pessoas, 191 recebiam entre um e dois salários (21,9%), 117 até um salário (13,4%), 82 entre 10 e 15 salários (9,4%), 76 entre três e quatro salários (8,7%) e 70 entre cinco e seis salários (8%), os demais participavam, no total, com pouco mais de 38% do total.

Tabela 19 – Total de rendimento, em todos os trabalhos, em número de salários mínimos de 2000 e 2010, das pessoas que realizaram movimento pendular de saída de Toledo para trabalho

Nº de salários mínimos	Saída 2000	% com relação ao total 2000	Saída 2010	% com relação ao total 2010
0 a 1	117	13,43	321	15,77
1 a 2	191	21,93	770	37,82
2 a 3	68	7,81	383	18,81
3 a 4	76	8,73	210	10,31
4 a 5	62	7,12	116	5,70
5 a 6	70	8,04	50	2,46
6 a 7	33	3,79	22	1,08
7 a 8	9	1,03	15	0,74
8 a 9	57	6,54	20	0,98
9 a 10	16	1,84	21	1,03
10 a 15	82	9,41	82	4,03
15 a 20	42	4,82	17	0,83
> 20	48	5,51	9	0,44
Total	871	100	2.036	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

De forma semelhante, o ano de 2010, apresentou maior participação das faixas salariais menores, em ordem decrescente: 37,8% recebiam entre um e dois salários; 18,8% entre dois e três salários; 15,7% até um salário e; 10,3% de três a quatro salários mínimos. As demais faixas somaram 17% do total dos 2.036 deslocamentos pendulares.

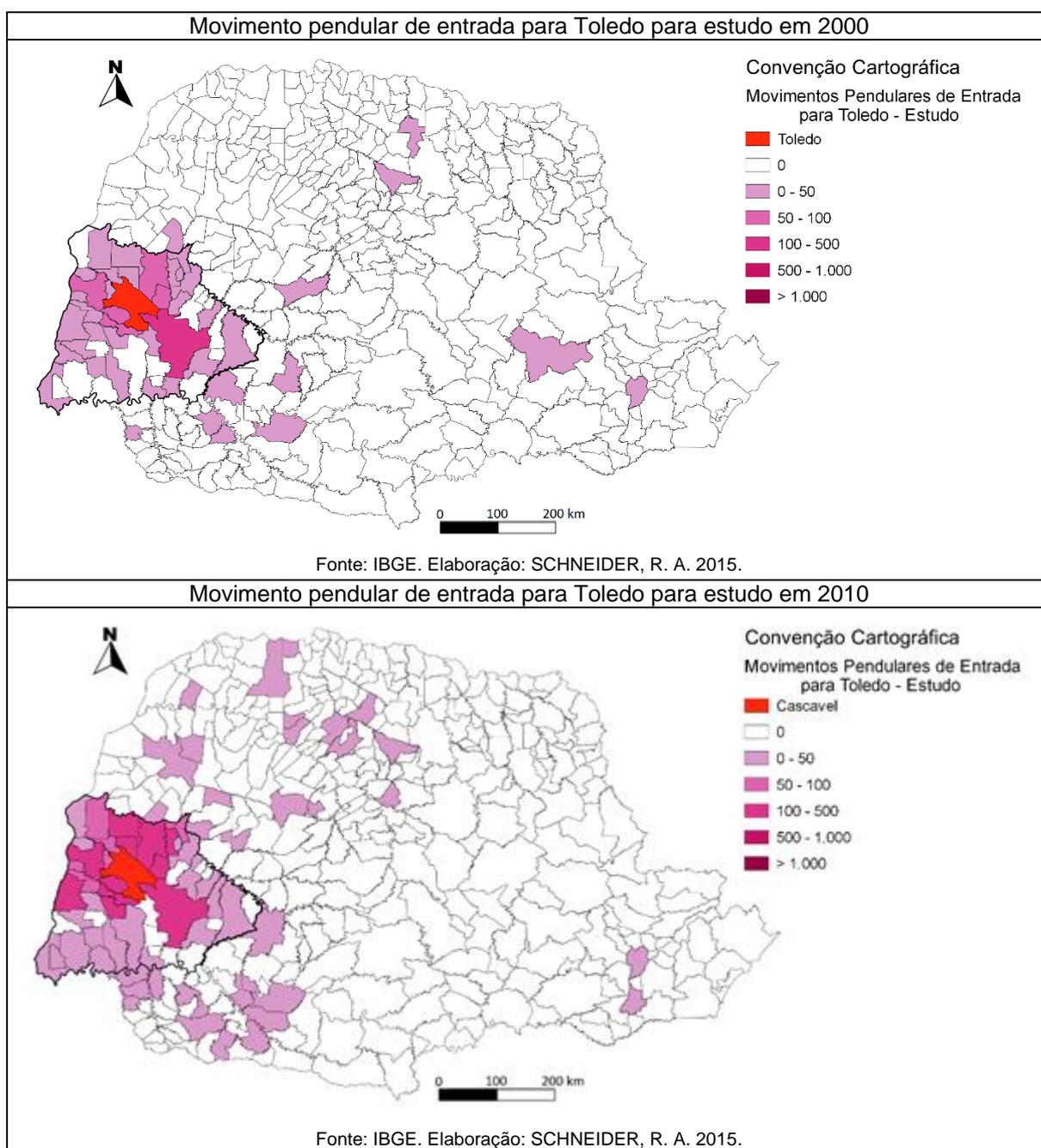
O último movimento pendular a ser analisado é o motivado para fins de estudo. Primeiramente é necessário salientar que foram contabilizadas, no ano de 2000, 27.050 pessoas matriculadas no ensino regular e 4.267 pessoas matriculadas no ensino superior, sendo que em 2010 o número de matriculados no ensino regular passou para 29.553 e o número de matrículas no ensino superior para 6.363 (aumento de quase 50%) (INEP, 2016).

A Figura 32 retrata a pendularidade de entrada para Toledo para estudo nos anos de 2000 e 2010. No primeiro ano, 940 pessoas realizaram esse movimento e estavam envolvidos 46 municípios, já no último ano o número de pessoas mais que quadruplicou, passando para 3.966 e o número de municípios passou para 71.

Em 2000, o município de Cascavel era a origem de quase 13% de todas as pessoas que se deslocavam para estudar em Toledo, entre 5% e 10% do total estavam os municípios de Assis Chateaubriand, Tupãssi, Marechal Cândido Rondon, São Pedro do Iguaçu, Ouro Verde do Oeste e Palotina (em ordem, 8,3%, 7,9%, 6,8%, 6,3%, 5,9% e 5,1%). Ainda havia 18 municípios que estavam, individualmente, com mais de 1% do total e 21 com menos de 1%.

No ano de 2010, Marechal Cândido Rondon superou Cascavel e passou a ser o principal município de residência de quem se deslocava para estudar em Toledo (12,5% do total). Cascavel passou a significar 10,3%, Assis Chateaubriand 8,6%, Santa Helena 8,1%, Palotina 6,6% e Tupãssi 5,7% do total. Dos demais, 14 municípios estavam concentrando entre 1% e 5% do total e 51 municípios menos de 1%.

Figura 32 – Movimento pendular de entrada para Toledo para estudo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

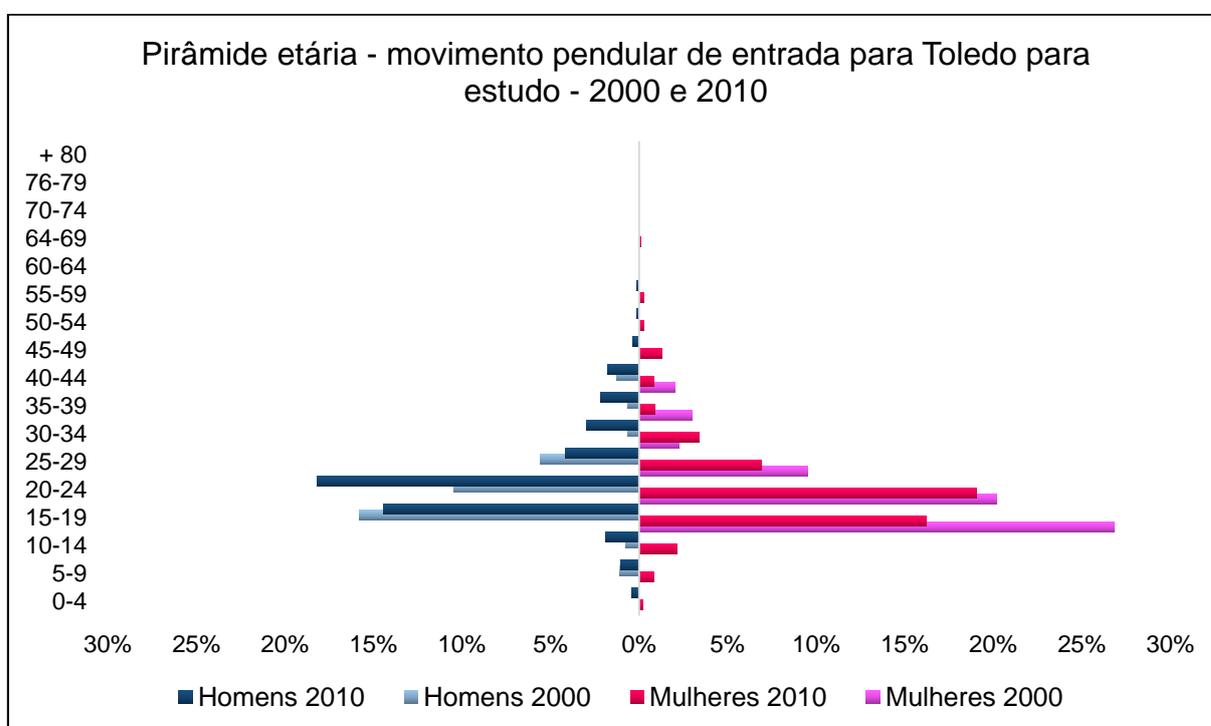
Na Figura 33 estão as informações sobre gênero e idade dos que realizaram movimento pendular de entrada para Toledo para estudo. Assim como ocorreu com Cascavel, foram as mulheres que mais realizaram movimentos, porém sua participação com relação ao total decaiu no período em questão; em 2000 as mulheres contribuíram com 63,8% do total e, em 2010, com 52,3%.

Este movimento pendular foi feito, em 2000, por pessoas entre 5 a 44 anos e, em 2010, por pessoas entre 0 a 59 anos. Em 2000, as faixas etárias que apresentaram

maiores movimentos, tanto para as mulheres como para os homens, foram as de 15 a 19 e 20 a 24 anos. Com relação a pendularidade feminina elas concentraram 26,8% e 20,2% do total e, com relação aos homens, 15,8% e 10,4% do total.

No ano de 2010 tais faixas etárias continuaram a ser as mais representativas, porém houve uma inversão em sua importância e a faixa dos 20 aos 24 anos superou a dos 15 aos 19 anos. Para as mulheres as duas faixas corresponderam a 19% e 16,2% do total e, para os homens, 18,2% e 14,4% do movimento pendular total de entrada para Toledo para estudo.

Figura 33 – Pirâmide etária do movimento pendular de entrada para Toledo para estudo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

A Tabela 20 apresenta as informações sobre o estado civil, das pessoas que estavam com 10 anos ou mais, e que realizaram movimento pendular de entrada para Toledo para estudo. Percebe-se que, tanto em 2000 como em 2010, que a maioria dos movimentos foi realizada por solteiros.

Em 2000, das 930 pessoas que se deslocavam para estudar, mais de 78% eram solteiras, o que correspondeu a 728 pessoas. Do restante, 189 pessoas eram casadas, ou seja, 20,32% do total da pendularidade e, por fim, 13 declararam-se divorciadas (1,4%).

Já no ano de 2010 a participação dos solteiros aumentou, e do total de 3.870 deslocamentos, 3.270 foram feitos por pessoas que se declararam solteiras (84,5% do total). Enquanto 532 pessoas estavam casadas (13,75%), 23 eram separadas (0,59%), 37 eram divorciadas (0,92%) e oito viúvas (0,21%).

Tabela 20 – Estado civil, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de entrada para Toledo para estudo – 2000 e 2010

Movimento pendular de entrada para Toledo				
Estado Civil	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Casado(a)	189	20,32	532	13,75
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	0	0	23	0,59
Divorciado(a)	13	1,40	37	0,96
Viúvo(a)	0	0	8	0,21
Solteiro(a)	728	78,28	3.270	84,50
Total	930	100	3.870	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Sendo que, com relação ao curso que frequentavam as pessoas que realizavam movimento pendular de entrada para Toledo para estudo, têm-se a Tabela 21. Em 2000, quase 77% realizavam tal movimento para cursar algum curso de nível superior, o que significou 723 pessoas do total de 940. Dentre elas, 711 estavam cursando algum curso de graduação e 12 cursavam algum curso de mestrado ou doutorado.

Tabela 21 - Participação do ensino superior como motivação no movimento pendular total de entrada para estudo em Toledo

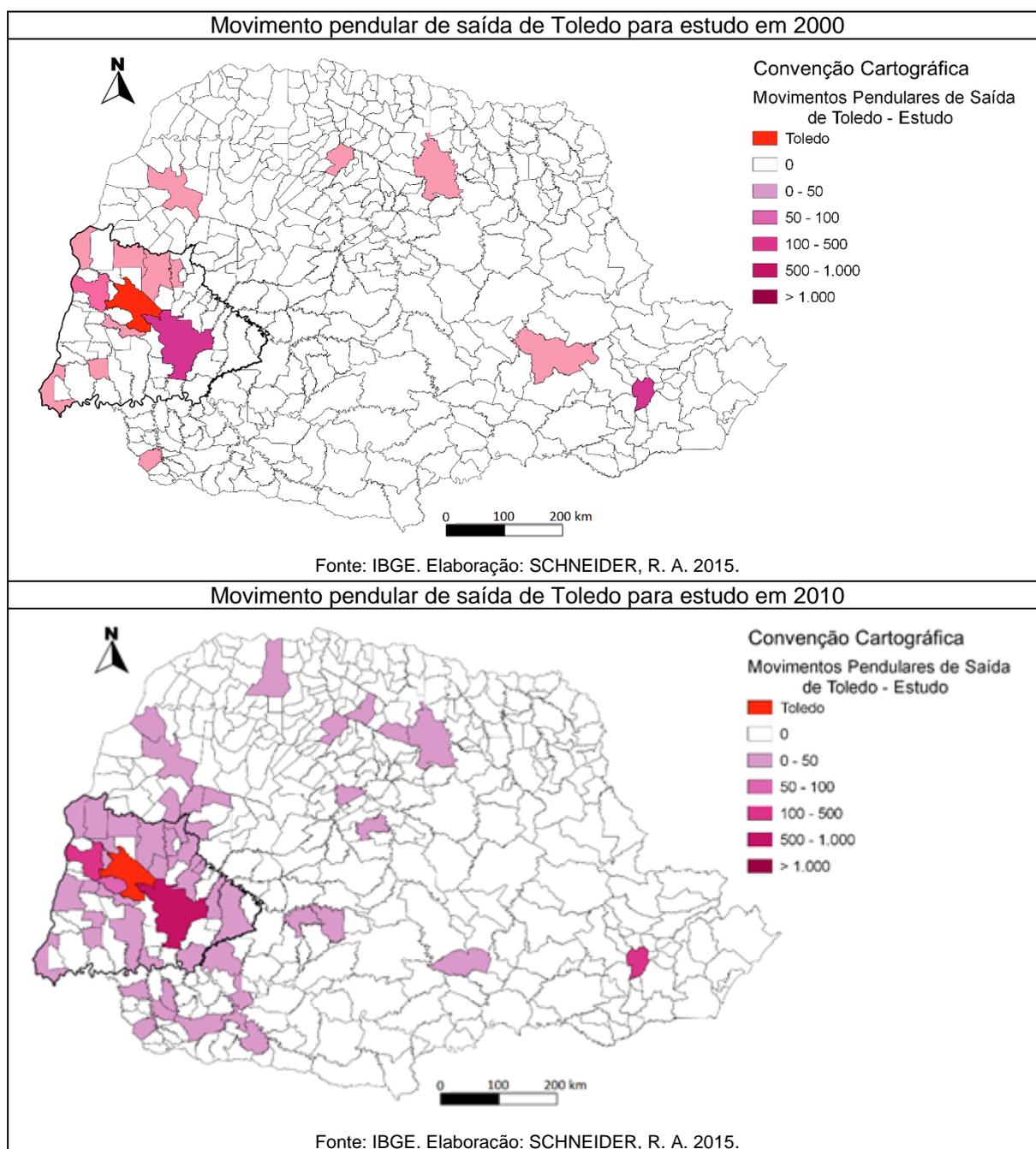
Participação do ensino superior no total do movimento pendular de entrada para estudo para Toledo					
Curso que Frequenta	2000	%	Curso que Frequenta	2010	%
Superior de graduação	711		Superior de graduação	2.908	
			Especialização de nível superior	321	
Mestrado ou doutorado	12		Mestrado	93	
			Doutorado	0	
Total ensino superior	723	76,91	Soma ensino superior	3.322	83,7
Total	940	100	Total	3.969	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

No ano de 2010 a participação dos estudantes pendulares nos cursos de ensino superior aumentou, já que do total de 2.969 deslocamentos para estudo, 3.322 foram para cursar o nível superior (83,7%), dentre as categorias estavam 2.908 pessoas cursando algum curso de graduação, 321 cursando alguma especialização de nível superior e 93 cursando algum mestrado.

Igualmente, como foi com a dinâmica do movimento pendular com a finalidade de trabalho, o de estudo também se demonstrou mais atrativo do que expulsor de pessoas. As informações sobre a pendularidade de saída de Toledo para estudo em 2000 e 2010 podem ser visualizadas na Figura 34.

Figura 34 – Movimento pendular de saída de Toledo para estudo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

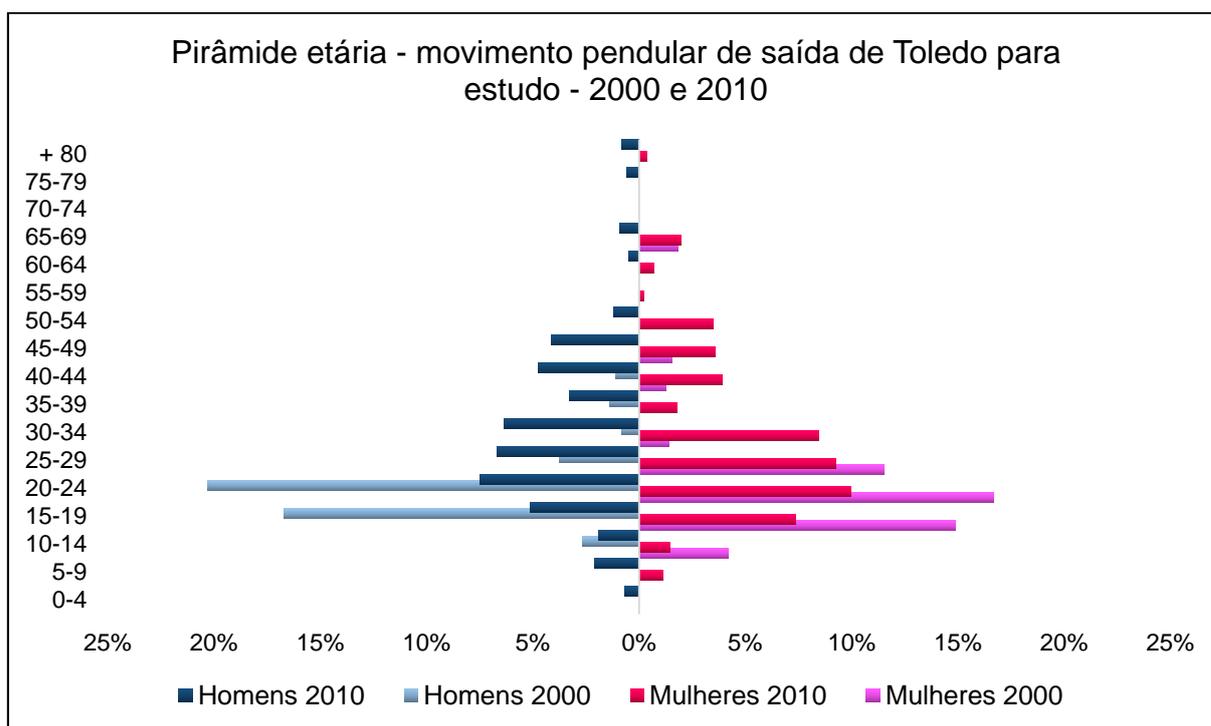
Em 2000, apenas 687 pessoas que residiam em Toledo estudavam em outro município paranaense e, em 2010, foi quase o dobro – 1.886 pessoas. No primeiro

ano, dos 15 municípios para onde se destinaram os estudantes pendulares, Curitiba foi o mais representativo, com mais de 26% das pessoas o escolhendo como destino para estudo, na sequência estavam: Cascavel (21,4%), Marechal Cândido Rondon (11,2%), São José das Palmeiras (7,1%) e Maringá (6,3%).

Já no último ano foi Cascavel quem concentrou a maior parte dos movimentos – 31,4%, seguido por Marechal Cândido Rondon (15,1%) e Curitiba (5,6%). Do restante dos 49 municípios, 19 encontravam-se absorvendo entre 1% e 5% do movimento total e 30 menos de 1% da pendularidade de saída de Toledo para estudo.

O movimento pendular de saída de Toledo para estudo foi composto por maioria feminina nos dois anos em estudo. No primeiro ano as mulheres contribuíram com 53,3% do total e, em 2010, com 53,6%. A Figura 35 apresenta as informações da movimentação por gênero e por faixa etária de quem residia em Toledo e estudava em outro município paranaense.

Figura 35 – Pirâmide etária do movimento pendular de saída de Toledo para estudo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

No ano de 2000, as faixas etárias com maior acumulação de movimentos femininos foram, em ordem decrescente, a de 20 a 24, 15 a 19 e 25 a 29 anos, responsáveis por 16,8%, 14,9% e 11,5% do total. Com relação ao masculino, as faixas

etárias com maiores movimentos foram a de 20 a 24 anos seguida da faixa de 15 a 19 anos, que significaram 20,3% e 16,7% do total.

Já no ano de 2010 mais faixas etárias foram relevantes, destaca-se, para as mulheres, a faixa de 20 a 24 anos, seguida das faixas de 25 a 29, 30 a 34 e 15 a 19 anos que representaram, respectivamente, 10%, 9,2%, 8,4% e 7,4% do total. Para os homens foram as faixas de 20 a 24, 25 a 29 e 30 a 34 anos que detinham 7,5%, 6,7% e 6,5% do total.

A seguir estão os dados referentes ao estado civil das pessoas, que estavam com 10 anos ou mais, e que realizaram movimentos pendulares de saída de Toledo para estudo (Tabela 22). Em 2000, das 716 pessoas, 628, ou seja, mais de 87% do total eram solteiras e 91 pessoas eram casadas (12,66%).

Tabela 22 – Estado civil, com 10 anos ou mais, que realizaram movimento pendular de saída de Toledo para estudo – 2000 e 2010

Movimento pendular de saída de Toledo				
Estado Civil	2000	% do total de 2000	2010	% do total de 2010
Casado(a)	91	12,66	738	41,14
Desquitado(a) ou separado(a) judicialmente	0	0	9	0,50
Divorciado(a)	0	0	47	2,62
Viúvo(a)	0	0	8	0,45
Solteiro(a)	628	87,34	992	55,30
Total	719	100	1.794	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

No ano de 2010, os solteiros ainda representavam a maioria das pessoas que realizaram esse movimento, porem sua participação caiu para 55,3%. Do total dos 1.794 deslocamentos 992 eram caracterizados por terem sido feitos por solteiros, enquanto 738 foram realizados por casados (41,14%); dos demais, 47 eram divorciados, 9 separados e 8 viúvos.

A participação do ensino superior no total do movimento pendular de saída de Toledo para estudo está descrito na Tabela 23. Em 2000, 65% daqueles que residiam em Toledo e estudavam em outro município paranaense o faziam para cursar o ensino superior, desses, 433 cursavam cursos de graduação e 35 algum curso de mestrado ou doutorado, somando 468 deslocamentos do total de 718 realizados para a finalidade de estudo.

Tabela 23 - Participação do ensino superior como motivação no movimento pendular total de saída para estudo de Toledo

Participação do ensino superior no total do movimento pendular para estudo saída de Toledo					
Curso que Frequenta	2000	%	Curso que Frequenta	2010	%
Superior de graduação	433		Superior de graduação	779	
			Especialização de nível superior	201	
Mestrado ou doutorado	35		Mestrado	49	
			Doutorado	18	
Total ensino superior	468	65,18	Soma ensino superior	1.047	55,48
Total	718	100	Total	1.887	100

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Em 2010, o ensino superior continuou a ser a prioridade, porém sua participação caiu para 55,48%, assim, do total de 1.887 deslocamentos de saída de Toledo para estudo, 1.047 foram relacionados ao ensino superior: 779 pessoas frequentavam algum curso de graduação, 201 cursavam alguma especialização de ensino superior, 49 algum mestrado e 18 algum curso de doutorado.

Diante de tais informações, ressalta-se que, mesmo com movimentos pendulares inferiores aos do município polo de Cascavel, o município de Toledo também demonstrou-se atrativo, tanto para a pendularidade de trabalho como para a pendularidade de estudo e que todos os movimentos apresentaram aumentos em seus fluxos.

Assim como no caso de Cascavel, o polo de Toledo, no ano de 2000, apresentou maior entrada de trabalhadores pendulares, mas no ano de 2010 a predominância passou a ser dos estudantes pendulares, indicando que os municípios estão se tornando importantes polos educacionais da região. Sobre os movimentos de saída, foram formados por maioria de trabalhadores que se destinavam principalmente para o município de Cascavel, demonstrando assim a hierarquia do polo também quanto a sua atratividade de empregos.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados obtidos, tanto para o município de Cascavel quanto para o de Toledo demonstram que os movimentos pendulares da população são importantes e significativos também para cidades menores. Juntas, as duas finalidades (trabalho e estudo), com relação ao movimento de entrada, foram equivalentes a 5,6% da população de Cascavel no ano de 2010 e, de 6,3% da população de Toledo, enquanto que os movimentos de saída representaram 1,9% da população de Cascavel e, 3,8% da população de Toledo, ou seja, é como se houvesse um acréscimo líquido na população de Cascavel de 3,7% e na população de Toledo de 2,5%.

Como ressaltado por Moura, Delgado e Costa (2013) os movimentos pendulares possibilitam que as pessoas acessem o mercado de trabalho e possam usufruir dos serviços de educação. Assim, dado o potencial das cidades de Cascavel e Toledo, por serem polos regionais, ofertam considerável número de vagas de emprego e também de vagas de ensino, principalmente o superior, estes municípios são de suma importância para a região Oeste e o movimento pendular da população tornou-se um dos meios essenciais pelos quais a população acessa esses mercados.

Grande parte dos municípios do Oeste paranaense tem suas economias baseadas na agropecuária e, além do setor primário são os empregos gerados na administração pública os mais significativos, como apontado por Piffer (1997), Rippel (2005), Rippel e Ferrera de Lima (2012), Colla, Alves e Schneider (2012), deste modo, os resultados positivos de entrada líquida para Cascavel e Toledo também são reflexo das insuficientes oportunidades disponíveis nos municípios de menor porte.

Entre 2000 e 2010 o número de empregos formais em Cascavel aumentaram 97% e em Toledo 100%, enquanto que o movimento pendular de entrada de trabalhadores aumentou, respectivamente, 88% e 161%. Para fins de comparação (dado que alguns movimentos pendulares de trabalhadores podem ter sido realizados por pessoa que não detinham empregos formais), com relação a Cascavel, os trabalhadores pendulares poderiam ocupar até 7,3% dos postos de trabalho formais em 2000, e 7% em 2010. Já com relação a Toledo a participação dos trabalhadores pendulares no total dos empregos formais aumentou, passando de 6,2% para 8% durante o período estudado.

Com relação a educação os movimentos pendulares são muito mais representativos, dado que muitos municípios não contam com instituições de ensino

superior, assim, é necessário que muitas pessoas migrem para os municípios para estudar ou realizem movimentos pendulares. De 2000 para 2010 o número de matrículas do ensino superior subiu 263% em Cascavel e 322% em Toledo, demonstrando a consolidação dos municípios como fornecedores de cursos de ensino superior na região Oeste do Paraná.

O reconhecimento dos municípios como polos educacionais também pode ser captado por meio da participação dos estudantes pendulares no total de matrículas disponíveis. Em 2000, os estudantes pendulares representavam 33% dos matriculados no ensino superior em Cascavel e, 22% em Toledo, ao passo que no ano de 2010 esses valores subiram para, respectivamente, 50% e 62%, demonstrando que a ampliação do número de cursos e matrículas ofertadas nos municípios polos é diretamente e altamente relacionada com a demanda por educação de toda a região, atingindo também interessados do restante do Estado. O que corrobora a afirmação de Jardim (2011) de que o início de novas atividades pode afetar os deslocamentos da população.

Porém, se apenas o volume e a gama de atividades explicassem a motivação para os movimentos pendulares não haveriam registros de pendularidade de saída dos municípios polos para os municípios menores e nem do município polo central da região, Cascavel, para o polo de Toledo. Assim, esses movimentos devem ser explicados por outros fatores, como as questões envolvendo a territorialidade, o sentimento de pertencimento a um local, fazendo com que as pessoas prefiram realizar movimentos pendulares a migrarem para o município onde conseguiram uma oportunidade de trabalho e/ou estudo. Pertencimento ao território destacado por Santos e Silveira (2006), outras questões foram citadas por Stamm (2013) como aspectos familiares, relacionados aos transportes e também a violência.

Os movimentos pendulares entre Cascavel e Toledo, como já mencionado, foram estudados anteriormente Stamm (2005) e Stamm e Staduto (2008), que destacam a questão da movimentação tanto de entrada como de saída destes municípios, o qual denominou de movimento cruzado. Tal fenômeno também é constatado pelos dados dos Censos; em 2000 o movimento pendular de saída de Toledo e entrada em Cascavel foi formado por 370 pessoas, já o movimento contrário, de saída de Cascavel para entrada em Toledo foi de 281 pessoas e, no ano de 2010, o movimento de saída de Toledo para entrada em Cascavel passou a ser feito por 1.541 pessoas e o movimento contrário por 858 pessoas.

Tais dados demonstram que as relações de hierarquia entre os polos, também constatada nos estudos dos autores, estão presentes nas trocas populacionais, já que o polo maior, Cascavel, foi o que apresentou maior entrada do que saída de pessoas (saldo de 89 pessoas em 2000 e 683 pessoas em 2010). Assim, mesmo existindo o movimento cruzado persiste uma hierarquia na proporção do movimento relacionada ao tamanho populacional do polo e sua diversidade de atividades econômicas.

Uma variável que deve ser considerada como uma das explicações do aumento dos movimentos pendulares entre os dois municípios polos foi a duplicação da BR-467, finalizada em 2007. Como destacado por Beaujeu-Garnier (1980), Silveira (2011) e Serrano et al. (2015) a disponibilidade de infraestrutura é um dos determinantes da utilização do território. Neste caso a duplicação resultou em um deslocamento entre os polos mais seguro e rápido, além disso há a disponibilidade de transporte metropolitano entre os municípios de Cascavel e Toledo e muitos outros municípios paranaenses que facilita e reduz os custos de transporte dos que se deslocam.

O estudo de Stamm (2005) e Stamm e Staduto (2008) sobre os movimentos pendulares entre Cascavel e Toledo também apresentaram, como um dos resultados da pesquisa *survey*, a predominância do movimento realizado para a finalidade de trabalho, fato que perdura conforme os dados da presente pesquisa: em 2000 o movimento Toledo-Cascavel foi realizado para a finalidade de trabalho por 62,4% do total e o movimento contrário – Cascavel-Toledo – era 53,7% composto de trabalhadores pendulares. Já em 2010 o trabalho foi a finalidade de 61,5% dos que se deslocavam de Toledo para Cascavel, e de 52,2% dos que realizavam o movimento contrário.

Outro ponto destacado no trabalho baseou-se na composição da população que realizava os movimentos pendulares. Dentre os estudantes pendulares, em todos os movimentos, houve maior participação das mulheres, enquanto que com relação aos movimentos para trabalho, a maioria foi de homens. A explicação pelo fato das mulheres serem predominantes nos movimentos para a finalidade de estudo, mais do que por motivo de trabalho, acompanha uma tendência nacional em que elas são as que mais procuram se qualificar.

Segundo o IBGE (2012), isso reflete um aspecto do mercado de trabalho no Brasil, em que as mulheres são mais da metade da população e estudam mais que os homens. Entretanto, a grande maioria das mulheres ainda enfrentam

desigualdades no mercado de trabalho, têm menores chances de emprego, ganham menos do que o universo masculino trabalhando nas mesmas funções e ocupam os piores postos.

Tal maioria feminina na educação, tanto básica como superior, possibilita avanços para uma maior igualdade de gênero e até mesmo para o país, com cada vez mais mulheres altamente qualificadas e ocupando posições de liderança em todas as áreas. Porém, um dos maiores problemas de tal maioria feminina é o do porque os homens estão em minoria, o que pode refletir o fato dos jovens, principalmente os pertencentes a famílias de baixa renda, terem de contribuir com o rendimento familiar, o que muitas vezes acarreta a saída precoce deles do sistema educacional (RISTOFF, 2010).

Assim, o fato dos homens serem maioria no movimento pendular para trabalho e as mulheres no movimento para estudo, está relacionada às questões de gênero, e a inserção tardia das mulheres no mercado de trabalho, a partir da década de 1970. Melo e Di Sabbato (2007) apontam que a entrada das mulheres no mercado de trabalho não possibilitou alterar as relações de gênero. Isso se reflete no contingente de mulheres que trabalham como domésticas ou em outras funções mais precárias, com baixa remuneração. Não cabe a este estudo se aprofundar nessas questões, contudo, acredita-se que a maior preocupação das mulheres na aquisição de capital humano, verificado pela maior inserção desse grupo nas universidades dos municípios de Toledo e Cascavel, está relacionada a uma busca por maior espaço no mercado de trabalho, e de se inserirem em ocupações mais qualificadas, na busca de desconstruir as relações desiguais que enfrentam, principalmente, no mercado de trabalho.

Ademais, o aumento da oferta de instituições de ensino na região Oeste, e a criação e manutenção de políticas públicas de incentivo ao Ensino Superior, intensificadas nos anos 2000, com programas como o Prouni e o FIES, também corroboram para explicar a maior demanda por ensino superior, no período observado.

Outra informação obtida pelo presente estudo foi a idade dos trabalhadores e estudantes pendulares. A faixa etária mediana dos estudantes pendulares foi, no geral, inferior à dos trabalhadores pendulares em todos os períodos e para os dois municípios (destacado na Tabela 24). Tais resultados já eram esperados, dado que, em muitos casos, primeiramente as pessoas buscam qualificar-se e posteriormente

ingressam no mercado de trabalho, fato refletido também com relação aos que se movimentavam para exercer tais funções.

Tabela 24 – Faixa etária da mediana da idade dos que realizaram movimento pendular com relação a Cascavel e a Toledo em 2000 e 2010

Faixa etária da mediana da idade para os movimentos pendulares de Cascavel								
Ano	Entrada trabalho		Saída trabalho		Entrada estudo		Saída estudo	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2000	25 a 29	20 a 24	35 a 39	25 a 29	15 a 19	15 a 19	20 a 24	20 a 24
2010	30 a 34	25 a 29	35 a 39	30 a 34	20 a 24	20 a 24	25 a 29	20 a 24
Faixa etária da mediana da idade para os movimentos pendulares de Toledo								
Ano	Entrada trabalho		Saída trabalho		Entrada estudo		Saída estudo	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
2000	20 a 24	20 a 24	35 a 39	25 a 29	20 a 24	20 a 24	20 a 24	20 a 24
2010	30 a 34	25 a 29	30 a 34	30 a 34	20 a 24	20 a 24	25 a 29	25 a 29

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Os dados disponíveis na Tabela 24 também mostram que, com relação aos movimentos pendulares para trabalho envolvendo o município de Cascavel, tanto para o ano de 2000 como para o de 2010 as mulheres detiveram medianas de faixa etária inferiores aos homens que realizavam os mesmos movimentos. No município de Toledo o fato também foi observado (com exceção do movimento de entrada em 2000 e do movimento de saída em 2010 em que a mediana de idade foi a mesma para ambos) o que pode indicar uma disposição menor das mulheres a realizarem movimento pendulares conforme alcançam faixas etárias mais avançadas.

Já o estado civil apresentou relação com a idade dos que realizavam movimento pendular, assim, como os estudantes pendulares, tanto com relação ao movimento de entrada e de saída quanto com relação a Cascavel e a Toledo, eram de maioria jovens também se caracterizaram como maioria solteiros. Fato não observado nos movimentos para fins de trabalho, onde a distribuição foi mais igualitária e, no caso dos movimentos pendulares de saída de Cascavel e de Toledo, foram de maioria realizados por pessoas casadas.

Dentre os que se movimentaram para fins de trabalho também foram identificados os rendimentos, em número de salários mínimos de todos os trabalhos e, observou-se que a maioria das pessoas recebiam até dois salários mínimos nos dois períodos e para os dois municípios. A concentração em remuneração baixas demonstra que o movimento pendular foi, em grande parte, realizado para que as pessoas conseguissem acessar o mercado de trabalho, ou seja, conseguissem um emprego mais do que um movimento feito para aumentos de rendimento.

## 6 CONCLUSÕES

O objetivo central desse trabalho foi estudar os movimentos pendulares relacionados as cidades de Cascavel e Toledo, localizadas no Oeste do Estado do Paraná. Tais cidades são consideradas de porte médio, mas exercem significativa influência em sua mesorregião, e também além dela, por suas atividades produtivas e pela oferta de educação superior.

Por conta da influência e importância para a dinâmica econômica da região, Cascavel e Toledo são consideradas cidades polos, sendo Cascavel o principal polo do Oeste paranaense e com a estrutura produtiva mais dinâmica, baseada na indústria, comércio e serviços. Enquanto o polo de Toledo possui uma estrutura focada na agroindústria, principalmente alimentícia, de produtos químicos e farmacêuticos.

A importância econômica dos municípios estimula os movimentos pendulares que, dadas as proporções populacionais dos municípios polos e dos municípios do entorno (de pequeno porte), demonstraram-se representativos. Para fins de comparação, em 2000, a entrada líquida para o município de Cascavel foi equivalente a pouco mais de 1% de sua população na época (245.369 habitantes), já no ano de 2010 a representatividade passou para 3,7% de sua população (286.205 habitantes). Com relação a Toledo a entrada líquida, em 2000, teve representatividade baixa, cerca de 0,33% de sua população que era de 98.200 habitantes, porém, no ano de 2010 os movimentos pendulares passaram a uma magnitude de 2,5% da população que era de 119.313 habitantes.

Tais dados demonstram a consolidação dos municípios como locais de oferta de trabalho e de educação. Outra informação levantada, que também consolida tal afirmação, foi o aumento dos municípios envolvidos, tanto no movimento pendular de entrada como no de saída. Em 2000 o movimento de saída de Cascavel envolveu 46 municípios paranaenses e, em 2010, passou para 75 municípios, enquanto o movimento de entrada se originou de 117 municípios no primeiro ano e de 154 municípios no segundo. Com relação a Toledo o movimento de saída, em 2000, envolveu apenas 25 municípios e, em 2010, passou para 66 municípios; enquanto o movimento pendular de entrada envolveu, no primeiro ano, 57 municípios e, no último ano, 102 municípios.

Percebe-se, portanto, o grande aumento dos movimentos pendulares no período estudado, tanto em quantidade como em área de abrangência, demonstrando sua relação com a consolidação das atividades econômicas e também pela ampliação das ofertas de instituições, cursos e de vagas no ensino superior. Notou-se também que, mesmo com a proximidade dos polos, foi Cascavel que atraiu mais pessoas nos dois períodos (e também o que teve o maior número de saídas), demonstrando uma relação entre os movimentos pendulares e o tamanho e a dinâmica econômica dos municípios, sendo Cascavel o polo dominante também com relação a pendularidade.

As informações sobre os movimentos pendulares também foram divididas por seus objetivos: trabalho e estudo. Por meio desta divisão foi possível observar que no ano de 2000, para os dois municípios foi o trabalho que deteve a maior participação, tanto com relação a entrada para os polos como a saída, porém, no ano de 2010, foram os estudantes pendulares que prevaleceram nos movimentos de entrada para Cascavel e Toledo.

O fato de a finalidade de estudo ter se tornado a motivação maior nos movimentos de entrada tanto para Cascavel como para Toledo no ano de 2010, indica o crescimento da importância, principalmente, do ensino superior nesses municípios, que podem ser vistos também como polos educacionais. Assim, além de polos de atividades econômicas, os municípios devem ser entendidos como polos de educação superior, que interagem com, principalmente, toda a região Oeste paranaense, e que possibilitam que muitas pessoas ingressem no mercado de trabalho e/ou se qualifiquem.

Outro fato a ser ressaltado é o de que, para trabalho, a maioria dos movimentos de entrada e de saída foram formados por homens, enquanto para estudo prevaleceu o movimento das mulheres, indicando que o objetivo principal dos homens é a procura por remuneração e, para as mulheres, a procura por melhor qualificação. Fato que implica diretamente nas características dos que se deslocam, uma vez que, de forma geral, nos movimentos para estudo as pessoas eram relativamente mais jovens e também de maioria solteira, ou seja, iniciando ainda sua fase produtiva.

Por fim, verifica-se, tal qual apontado nos embasamentos teóricos utilizados, que os dois locais são realmente polos regionais, tanto no panorama econômico quanto no demográfico. Demonstra-se também, a relevância dos movimentos pendulares para a estruturação das atividades econômicas, especialmente, da região Oeste paranaense.

O estudo dos movimentos pendulares dos municípios polos de Cascavel e Toledo demonstrou-se significativo e importante, pois sua estrutura, dimensão e as regiões envolvidas devem ser consideradas nos planejamentos de infraestruturas de mobilidade e também em atividades e políticas que visem o atendimento de tal população, tanto nos municípios de residência como nos de trabalho e estudo.

Os estudos demográficos sobre a mobilidade espacial reproduzem as tendências populacionais de ordem econômica e social, assim como os fenômenos responsáveis pela constituição e ordenação do espaço e do território. A pendularidade e seus efeitos devem ser acompanhados e inclusos na agenda de estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento e planejamento regional, sendo que esta pesquisa destaca a relevância deste evento também para cidades de menor porte. No caso de Toledo e Cascavel, também há o destaque para os estudantes de ensino superior além da pendularidade do trabalhador convencional, demonstrando a importância regional na geração de capacitação e de empregos.

O desenvolvimento regional deve ser arquitetado com um plano de inclusão e integração dos fluxos de pessoas no espaço, por isso estudos futuros que acompanham o desenvolvimento dos movimentos pendulares nesta região e também estudos em outras regiões em busca de regularidades contribuirão para uma melhor compreensão dos movimentos pendulares, relacionados tanto ao bem-estar das pessoas quanto a dinâmica das cidades e suas relações.

## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, C.; CANEPARO, S. C.; ABRAHÃO, R. S. O Estado do Paraná: da estratégia de integração estadual aos corredores bioceânicos. **Divers@ Revista Eletrônica Interdisciplinar**. v.5, n.1, p.1-92, jan./jun. 2012.

ALBERGONI, L.; PELAEZ, V. Da Revolução Verde à agrobiotecnologia: ruptura ou continuidade de paradigmas? **Revista de Economia**. v. 33, n. 1, p. 31-53, 2007.

ALVES, L. R.; FERRERA DE LIMA, J.; RIPPEL, R.; PIACENTI, C. A. O Continuum, a localização do emprego e a configuração espacial do Oeste do Paraná. **Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada**. v. 2, n. 2, p. 25-47, jan./jun. 2007.

ANDRADE, M. M. De. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 10 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

ÂNTICO, C. Deslocamentos pendulares na Região Metropolitana de São Paulo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 110-120, out./dez. 2005.

ÂNTICO, C. **Onde morar e onde trabalhar: espaço e deslocamentos pendulares na Região Metropolitana de São Paulo**. Tese (Doutorado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

ARANHA, V. Mobilidade pendular na metrópole paulista. **São Paulo em Perspectiva**. v. 19, n. 4, p. 96-109, out./dez. 2005.

BAENINGER, R. Crescimento das cidades: metrópole e interior do Brasil. In: BAENINGER, R. (Org.). **População e cidades: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais**. Campinas: Núcleo de Estudos de População - NEPO/UNICAMP; Brasília: UNFPA. p. 79-97, 2010.

BAENINGER, R. Movimentos migratórios no contexto paulista: tendências da década de 80. **X Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, Anais, ABEP, Caxambu. p. 675-704. 1996.

BAENINGER, R.; GONÇALVES, R. F. de P. Novas Espacialidades no Processo de Urbanização: A Região Metropolitana de Campinas. **XII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Anais, ABEP. Caxambu, 2000.

BEAUJEU-GARNIER, J. **Geografia da população**. 2 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1980.

BENKO, G. **A Ciência Regional: 40 anos de investigação**. Oeiras: Celta, 1999.

BITTENCOURT, J. T. Perfil produtivo e dinâmica espacial da Região Metropolitana de Curitiba: uma leitura a partir do desenvolvimento regional e das mudanças no padrão de produção. **Revista paranaense de desenvolvimento**. Curitiba, n. 105, p. 101-123, jul./dez. 2003.

BRANDÃO, C. **Território & desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e o global. Editora Unicamp, 2007.

BRITO, F.; SOUZA, J. Expansão Urbana nas grandes metrópoles, o significado da migração intrametropolitana e da mobilidade pendular na reprodução da pobreza. **São Paulo em Perspectiva**, v. 19, N. 4. p. 48-63, out./dez. 2005.

CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, A. F. A. **A (Re)produção do Espaço Urbano**. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.

CARVALHO, J. A. M.; SAWYER, D. O.; RODRIGUES, R. N. **Introdução a alguns conceitos básicos e medidas em demografia**. 2.ed. São Paulo: ABEP, 1998.

CASTELLO BRANCO, M. L. G. A dinâmica metropolitana, movimento pendular e forma urbana: o espaço urbano do Rio de Janeiro. In: **XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Anais, ABEP. Caxambu, 2006.

CERQUEIRA, C. A.; GIVISIEZ, G. H. N. Conceitos básicos em demografia e dinâmica demográfica brasileira. In: RIOS-NETO, E. L. G.; RUAS-RUANI, J. De L. (Org.). **Introdução à demografia da educação**. Campinas: Associação Brasileira de Estudos Populacionais - ABEP, p. 13-44, 2004.

CINTRA, A. P. De U.; DELGADO, P. R.; MOURA, R. Movimentos pendulares no Paraná. Dossiê: população, mobilidade e arranjos espaciais no censo de 2010. **Caderno IPARDES**. Curitiba, PR. v.2, n.2, p. 15-31, jul./dez. 2012a.

CINTRA, A. P. De U.; DELGADO, P. R.; MOURA, R. Deslocamentos intermunicipais para trabalho e estudo – Curitiba. **Comunicado para o planejamento**. IPARDES, n. 21, Jun. 2012b.

COLLA, C.; ALVES, L. R.; SCHNEIDER, R. A. A polarização e hierarquia das cidades na Mesorregião Oeste paranaense: uma análise do período de 1991 a 2010. **I Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade**. Rio de Janeiro: SEDRES, ago. 2012.

COLLA, C.; FERRERA DE LIMA, J.; PIFFER, M.; SCHNEIDER, R. A. A base econômica e o multiplicador de emprego nos municípios pólos do Oeste do Paraná. **IX Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**. Natal: ENABER, out. 2011.

COLLA, C.; QUEIROZ, S. S.; FERRERA DE LIMA, J. A centralidade e o multiplicador de emprego: um estudo comparativo das cidades de Cascavel e Corbélia no Oeste do Paraná. **Revista FAE**, Curitiba, v.10, n.1, p.101-113, jan./jun. 2007.

CORRÊA, R. L. Interações espaciais. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Explorações geográficas**. 3 ed., Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006.

CUNHA, J. M. P. da. Planejamento municipal e segregação socioespacial: por que importa? In: BAENINGER, R. (Org.). **População e cidades**: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: Núcleo de Estudos de População - NEPO/UNICAMP; Brasília: UNFPA. p. 79-97, 2010.

CUNHA, J. M. P da; BAENINGER, R. Las migraciones internas en el Brasil contemporâneo. **Notas de Población**. n. 82, Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL, 2006.

CUNHA, J. M. P. da. A mobilidade pendular: uma contrapartida da migração intrametropolitana. In: **VI Encontro Nacional da Anpur**, Anais. Brasília: Anpur, p. 518-526. 1995.

DESCHAMPS, M. V.; CINTRA, A. Movimento pendular para trabalho na Região Metropolitana de Curitiba: uma análise das características de quem sai e quem fica. **XVI Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Anais, ABEP. Caxambu, 2008.

DESCHAMPS, M.; CINTRA, A.; DELGADO, P.; MOURA, R. Quantificação e mapeamento dos movimentos pendulares dos municípios do Estado do Paraná – 2000. **Primeira Versão**. n. 8. Curitiba: IPARDES. jul. 2008.

DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos. Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/>>. Acessado em: 4 de jan. de 2016.

DOTA, E. M.; CAMARGO, D. M. de. Regionalização, mobilidade pendular e os desafios metropolitanos na RM de Campinas. In: **XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Anais, ABEP. São Pedro, 2014.

FARIAS, L. A. C. De. Movimentos pendulares da população e interações espaciais na região de Governo do Médio Paraíba/RJ. **XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais**. Anais, ABEP. Águas de Lindóia. 2012.

FERRERA DE LIMA, J. A concepção do espaço econômico polarizado. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. v. 4, n. 7, p. 7-14, set. 2003.

FERRERA DE LIMA, J.; ANSCHAU, L. A. K. O ramo metalomecânico e a industrialização do Oeste do Paraná. **FAE**. Curitiba, v. 16, n. 2, p. 6-25, jun./dez. 2013.

FERRERA DE LIMA, J.; PIACENTI, C. A.; PIFFER, M. **O Prata e as Controvérsias da Integração Sul Americana**. Cascavel: Edunioeste, 2001.

FIRJAN. Disponível em: <<http://www.firjan.com.br/ifdm/>>. Acessado em 20 de dez. de 2016.

FIRJAN. **IFDM 2015**: Índice FIRJAN de desenvolvimento municipal, ano base 2013. Índices FIRJAN. Rio de Janeiro: FIRJAN, dez. 2015.

FREY, H.; DOTA, E. M. O Censo de 2010 e as primeiras leituras sobre a mobilidade espacial da população na Região Metropolitana de Campinas. **Dossiê – análises quantitativas e indicadores sociais**. v. 1, n. 1, p. 226-243, 2013.

- FURTADO, C. **Formação econômica do Brasil**. 17 ed. São Paulo: Nacional, 1980.
- GARCIA, R. A. **A migração como variável endógena: uma proposta de regionalização baseada em pólos econômicos e suas áreas de influência**. Tese (Doutorado em Demografia). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional – CEDEPLAR. UFMG, 2002.
- GIL, A. C. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- GRAHAM, D. H.; HOLANDA FILHO, S. B. de. (1973). As migrações inter-regionais e urbanas e o crescimento econômico do Brasil. In: MOURA, H. A. (Org.). **Migração interna**: textos selecionados. Fortaleza: BNB/ETENE, p. 733-777, 1980.
- GREGORY, V. **Os eurobrasileiros e o espaço colonial**: migrações no Oeste do Paraná (1940-70). Cascavel: EDUNIOESTE, 2002.
- GUILLÉN ROMO, H. Francois Perroux: pionero olvidado de la economía del desarrollo. **Mundo siglo XXI**, n. 11, p. 11-22, 2008.
- HAGGETT, P. **L'analyse spatiale en géographie humaine**. Paris: Armand Colin, 1973.
- HOOVER, E. M.; GIARRATANI, F. **An introduction to regional economics**. Regional Research Institute, West Virginia University, 1971.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br>> Acessado em 28 de fev. de 2015, 2015a.
- IBGE. Disponível em <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br>> Acessado em 27 de jun. de 2015. 2015b.
- IBGE. **Mulheres no mercado de trabalho**: perguntas e respostas. Pesquisa Mensal de Emprego – PME. 2012.
- IBGE. Censo Demográfico de 2010.
- IBGE. Censo Demográfico de 2000.
- IBGE. **Censo Demográfico 2000**: migração e deslocamento – resultados da amostra. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Rio de Janeiro, 2000a.
- IBGE. **Tendências Demográficas**: "uma análise da população com base nos resultados dos Censos Demográficos de 1940 e 2000. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2000b.
- IMB. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Mobilidade pendular da população em Goiás**. SEGPLAN. Goiás, out. 2012.
- INE. Instituto Nacional de Estatística de Portugal. **Movimentos pendulares e organização do território metropolitano**: área metropolitana de Lisboa e área metropolitana do Porto: 1991/2001. Lisboa, Portugal, 2003.

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Disponível em: < <http://portal.inep.gov.br/>>. Acessado em: 6 de jan. de 2016.

IPARDES. Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social. Disponível em <<http://www.ipardes.gov.br>> Acessado em 20 de fev. de 2015.

IPARDES. **Os vários Paranás. Oeste Paranaense:** o 3º espaço relevante. Relatório de pesquisa. Curitiba: Ipardes, 2008.

IPARDES. **Leituras regionais:** Mesorregião geográfica Oeste paranaense. Curitiba: Ipardes/BRDE, 2004a.

IPARDES. **Leituras regionais:** Mesorregião geográfica Centro Oriental paranaense. Curitiba: Ipardes/BRDE, 2004b.

IPARDES. **Leituras regionais:** Mesorregião Geográfica Metropolitana de Curitiba. Curitiba: Ipardes/BRDE, 2004c.

IPARDES. **Perfil do Paraná.** Curitiba: Ipardes/BRDE, 1996.

IPARDES. **O Paraná:** economia e sociedade. Curitiba: Ipardes/Fundação Edison Vieira (Convênio com a Secretaria do Estado do Planejamento), 1981.

JARDIM, A. De P. Movimentos pendulares: reflexões sobre a mobilidade pendular. In: OLIVEIRA, L. A. P. De; OLIVEIRA, A. T. R. De (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil.** Rio de Janeiro: IBGE. p. 58-70, 2011.

JARDIM, A. De P. Algumas reflexões sobre o estudo das migrações pendulares. **V Encontro Nacional sobre Migrações.** NEPO/UNICAMP: out, 2007.

JARDIM, M. De L.; BARCELLOS, T. M. De. Mobilidade Populacional na Região Metropolitana de Porto Alegre nos anos 90. **São Paulo em Perspectiva.** v. 19, n. 4, p. 78-95, out./dez. 2005.

LEFEBVRE, H. **Espaço e política.** (ANDRADE, M. M. de; MARTINS, S. Trans.). Belo Horizonte. Editora UFMG. 2008.

LEFEBVRE, H. **A revolução urbana.** (MARTINS, S. Trans.). Belo Horizonte. Editora UFMG. 2002.

LEMOS, M. B.; DINIZ, C. C.; GUERRA, L. P.; MORO, S. A nova configuração regional brasileira e sua geografia econômica. **Estudos Econômicos.** São Paulo, v. 33, n. 4, p. 665-700, out./dez. 2003.

LOPES, S. **O território do Iguazu no contexto da “Marcha para o Oeste”.** Cascavel: Edunioeste, 2002.

LOPES, A. S. **Desenvolvimento regional:** problemática, teoria, modelos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

MACCARI, N. S. K. **Migração e memórias**: a colonização do Oeste paranaense. Dissertação (Mestrado em História), UFPR – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

MAGALHÃES, M. V. **O Paraná e suas regiões nas décadas recentes**: as migrações que também migram. Tese (Doutorado em Demografia). Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2003.

MARCONI, M. De A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARTINE, G.; MCGRANAHAN, G. A transição urbana brasileira: trajetória, dificuldades e lições aprendidas. In: BAENINGER, R. (Org.). **População e cidades**: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: Núcleo de Estudos de População - NEPO/UNICAMP; Brasília: UNFPA. p. 79-97, 2010.

MARTINS, S. A neutralização do direito à cidade na (re)produção da metrópole antiurbana. In: SILVA, C. A. Da, CAMPOS, A. (Org.). **Metrópoles em construção**: dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva. Rio de Janeiro. Revan: FAPERJ, p. 17-35. 2008.

MATOS, R. Periferias de grandes cidades e movimentos populacionais. **Cadernos Metrôpole**, n. 13, p. 71-105, 1º sem. 2005.

MELO, H. P.; DI SABBATO, A. Trabalho feminino no meio rural: invisibilidade e lutas pelo direito a terra. In: MELO, H. P.; DI SABBATO, A. (Orgs.). **Gênero e trabalho rural**. Rio de Janeiro. 2007.

MONTE-MÓR, R. L. M. **O que é o urbano, no mundo contemporâneo**. (Texto para discussão, n. 281). Belo Horizonte: Cedeplar, 2006.

MORESI, E. **Metodologia de pesquisa**. Brasília: UCB, 2003.

MORETTO, A. C.; RODRIGUES, R. L.; SESSO FILHO, U. A.; GUILHOTO, J. J. M.; MAIA, K. Regiões polarizadas no Paraná: relações inter setoriais e inter regionais em 2006. **X Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Regionais e Urbanos**. Recife: ENABER, out. 2012.

MOURA, R. Movimento pendular da população no Paraná: uma evidência da desconexão moradia/trabalho. **Cadernos Metrôpole**. São Paulo, v. 12, n. 23, p. 43-64, jan./jun. 2010.

MOURA, R.; CASTELLO BRANCO, M. L. G.; FIRKOWSKI, O. L. C. F. Movimento pendular e perspectivas de pesquisa em aglomerados urbanos. **São Paulo Em Perspectiva**, v. 19, n. 4, p. 121-133, out./dez. 2005.

MOURA, R.; DELGADO, P.; COSTA, M. A. Movimento pendular e políticas públicas: algumas possibilidades inspiradas numa tipologia dos municípios brasileiros. In: BOUERI, R.; COSTA, M.A. (editores). **Brasil em desenvolvimento 2013**: Estado, planejamento e políticas públicas. v. 3, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília: Ipea, 2013.

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em <<http://www.mte.gov.br>> Acessado em 23 de fev. de 2015.

MYRDAL, G. **Teoria econômica e regiões subdesenvolvidas**. Editora Saga, 1965.

NIEDERAUER, O. **Toledo no Paraná: a história de um latifúndio improdutivo, sua reforma agrária, sua colonização, seu progresso**. 2 ed. Toledo – PR: Tolegraf Impressos Gráficos Ltda., 2004.

OLIVEIRA, A. T. R. De. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. In: OLIVEIRA, L. A. P. De; OLIVEIRA, A. T. R. De (Org.). **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE. p. 11-27. 2011.

PERPETUA, G. M. Movimentos pendulares e acumulação do capital. **Revista Pegada**. v. 11 n. 2. p. 132-155. dez. 2010.

PERROUX, F. **A economia do século XX**. 1967.

PIERUCCINI, M. A.; TSCHÁ, O. da C. P.; IWAKE, S. Criação dos municípios e processos emancipatórios. In: PERIS, A. F. **Estratégias de desenvolvimento regional: região Oeste do Paraná**. Cascavel: Edunioeste, 2003.

PIFFER, M. **A dinâmica do Oeste paranaense: sua inserção na economia nacional**. Dissertação (Mestrado em Economia). Centro de Ciências Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, 1997.

RAIS – Relação Anual de Informações Sociais. Disponível em: <<http://www.rais.gov.br/>>. Acessado em 10 de dez. de 2015.

RAUPP, F. M.; BEUREN, I. M. Metodologia de pesquisa aplicável às ciências sociais. In: LONGARAY, A. A.; BEUREN, I. M. (Org.). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática**. São Paulo: Atlas. p. 76-97. 2003.

REOLON, C. A.: **A aglomeração urbana da soja: Cascavel e Toledo no contexto da metropolização na Mesorregião Oeste Paranaense**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. *Campus Toledo*, 2007.

RIPPEL, R. **Migração e desenvolvimento econômico no Oeste do Estado do Paraná: Uma análise de 1950 a 2000**. Tese (Doutorado em Demografia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual De Campinas, 2005.

RIPPEL, R. **Os encadeamentos produtivos de um complexo agroindustrial: um estudo de caso da Frigobrás-Sadia de Toledo e das empresas comunitárias**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Econômico, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 1995.

RIPPEL, R.; FERRERA DE LIMA, J. O Paraná e seus pólos de crescimento econômico: algumas considerações. **I Seminário de Desenvolvimento Regional, Estado e Sociedade**. Rio de Janeiro: SEDRES, ago. 2012.

RIPPEL, R.; FERRERA DE LIMA, J. Polos de crescimento econômico: notas sobre o caso do Estado do Paraná. **Redes**. v. 14, n. 1, p. 136-149, 2009.

RIPPEL, R.; FERRERA DE LIMA, J.; BORGES, R. G. Cadeias produtivas no desenvolvimento regional: o caso de Toledo no Oeste do estado do Paraná. **V Encontro de Economia Paranaense**. Anais. Curitiba: UFPR, p. 1-21, 2007.

RISTOFF, D. A trajetória da mulher na educação brasileira. **INEP, Brasília**, v. 10, 2010.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XX**. 9 ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHNEIDER, R. A. **Movimentos migratórios**: uma análise das microrregiões do Estado do Paraná. 2013. Monografia (Graduação em Ciências Econômicas). Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual do Oeste do Paraná. *Campus Toledo*, 2013.

SERRANO, A. F.; ARAÚJO, H. E.; PINTO, L. M.; CODES, A. L. M. A migração como fator de distribuição de pessoas com alta escolaridade no território brasileiro. In: RIPPEL, R.; HENRIQUE, J. S. (Org.). **Reflexões teóricas sobre a migração no início do século XXI**. VIII Encontro Nacional sobre Migrações – ENSM. Anais. Belo Horizonte: Minas Gerais: ABEP, ed. 1, v. 1, 2015.

SILVA, J. R. A. **Teoria dos pólos de desenvolvimento**: uma discussão teórica dos pólos de desenvolvimento do Paraná (Monografia de Graduação), UNIOESTE/Campus de Toledo, 1996.

SILVA, E. T. Desenvolvimento Regional e Movimento Pendular: Questões Recentes no Norte Fluminense. In: **XVI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**. Anais, ABEP. Caxambu, 2008.

SILVA, O.; BRAGAGNOLLO, R.; MACIEL, C. F. **Toledo e sua história**. Prefeitura Municipal de Toledo, 1988.

SILVA NETO, A. V. **As políticas públicas de transportes no Paraná**: uma análise do governo Jaime Lerner - 1995-2002. 2005. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2005.

SILVEIRA, M., L. Território usado: dinâmicas de especialização, dinâmicas de diversidade. **Revista Ciência Geográfica**. v. XV, p. 4-12, n. 1, jan./dez. 2011.

SILVEIRA, M. L. MetrÓpole do terceiro mundo: da história ao método, do método à história. In: SILVA, C. A. Da, CAMPOS, A. (Org.). **MetrÓpoles em mutação**: dinâmicas territoriais, relações de poder e vida coletiva. Rio de Janeiro. Revan: FAPERJ, p. 17-35. 2008.

SOBREIRA, D. P. Subsídios para o estudo dos deslocamentos pendulares nas regiões metropolitanas paulistas: São Paulo, Campinas e Baixada Santista. **IV Encontro Nacional Sobre Migrações**. Rio de Janeiro, 2005.

STAMM, C. **Determinantes do movimento de trabalhadores pendulares na aglomeração urbana do nordeste do rio grande do sul**: uma análise a partir dos transportes coletivos. Tese (Doutorado em Planejamento Urbano e Regional). Pós-graduação em planejamento urbano e regional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

STAMM, C. **O fenômeno dos movimentos pendulares dos trabalhadores intermunicipais entre cidades de porte médio**: o caso de Cascavel e Toledo (PR). Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e Agronegócio). Universidade Estadual do Oeste do Paraná. *Campus Toledo*, 2005.

STAMM, C.; STADUTO, J. A. R. Movimentos pendulares das cidades interioranas de porte médio de Cascavel e Toledo, no Paraná. **Revista brasileira de Estudos da População**. São Paulo, v. 25, n. 1, p. 131-149, jan./jun. 2008.

STRASSBURG, U.; FERRERA DE LIMA, J.; OLIVEIRA, N. M. de. A centralidade e o multiplicador do emprego: Um estudo sobre a Região Metropolitana de Curitiba. **Urbe**: Revista Brasileira de Gestão Urbana, v. 6, n. 2, p. 218-235, maio/ago. 2014

SWAIN, T. N. Fronteiras do Paraná: da migração à colonização. In: AUBERTIN, C. (Org.). **Fronteiras**. Brasília: UnB, p. 19-37, 1988.

VILLAÇA, F. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

VITTE, C. de C. S. Cidadania, qualidade de vida e produção do espaço urbano: desafios para a gestão urbana e para o enfrentamento da questão social. In: BAENINGER, R. (Org.). **População e cidades**: subsídios para o planejamento e para as políticas sociais. Campinas: Núcleo de Estudos de População - NEPO/UNICAMP; Brasília: UNFPA. p. 79-97, 2010.

WACHOWICZ, R. C. **Obrageiros, Mensus e Colonos**: História do Oeste Paranaense. Curitiba: Editora Vicentina, 1988.

WACHOWICZ, R. C. **História do Paraná**. 5 ed. Curitiba-PR: Gráfica Vicentina Ltda., 1982.

## APÊNDICE A

Tabela da população total, urbana e % da população urbana dos municípios do Oeste do Paraná em 1991

Localidade	População Censitária - 1991	População Censitária Urbana - 1991	% da População Urbana
Anahy	-	-	-
Assis Chateaubriand	39.737	28.835	72.56
Boa Vista da Aparecida	10.370	3.228	31.13
Braganey	8.069	3.017	37.39
Cafelândia	8.093	5.185	64.07
Campo Bonito	5.059	1.479	29.24
Capitão Leônidas Marques	17.843	7.783	43.62
Cascavel	192.990	177.766	92.11
Catanduvas	9.821	3.712	37.80
Céu Azul	10.586	5.831	55.08
Corbélia	22.813	13.926	61.04
Diamante do Sul	-	-	-
Diamante D'Oeste	9.253	2.876	31.08
Entre Rios do Oeste	-	-	-
Formosa do Oeste	15.196	7.227	47.56
Foz do Iguaçu	190.123	186.385	98.03
Guaira	30.000	22.790	75.97
Guaraniaçu	26.012	8.623	33.15
Ibema	6.106	3.795	62.15
Iguatu	-	-	-
Iracema do Oeste	-	-	-
Itaipulândia	-	-	-
Jesuítas	12.841	5.537	43.12
Lindoeste	6.877	938.000	13639.67
Marechal Cândido Rondon	49.430	26.455	53.52
Maripá	-	-	-
Matelândia	17.329	10.385	59.93
Medianeira	38.665	29.572	76.48
Mercedes	-	-	-
Missal	10.372	3.679	35.47
Nova Aurora	15.494	8.367	54.00
Nova Santa Rosa	7.042	3.155	44.80
Ouro Verde do Oeste	6.330	3.368	53.21
Palotina	30.705	19.700	64.16
Pato Bragado	-	-	-
Quatro Pontes	-	-	-
Ramilândia	-	-	-
Santa Helena	18.861	6.501	34.47
Santa Lúcia	-	-	-
Santa Tereza do Oeste	6.118	3.307	54.05
Santa Terezinha de Itaipu	14.149	11.655	82.37
São José das Palmeiras	5.596	2.355	42.08
São Miguel do Iguaçu	24.721	10.773	43.58
São Pedro do Iguaçu	-	-	-
Serranópolis do Iguaçu	-	-	-
Terra Roxa	19.820	11.797	59.52
Toledo	94.879	72.402	76.31
Três Barras do Paraná	14.982	4.104	27.39
Tupãssi	8.829	5.361	60.72
Vera Cruz do Oeste	11.370	6.579	57.86
Oeste Paranaense	1.016.481	728.448	71.66

Fonte: IBGE (2015a).

Tabela da população total, urbana e % da população urbana dos municípios do Oeste do Paraná em 2000.

Localidade	População Censitária - 2000	População Censitária Urbana - 2000	% da População Urbana
Anahy	3.011	1.640	54.47
Assis Chateaubriand	33.317	27.052	81.20
Boa Vista da Aparecida	8.423	4.565	54.20
Braganey	6.191	2.780	44.90
Cafelândia	11.143	8.551	76.74
Campo Bonito	5.128	2.260	44.07
Capitão Leônidas Marques	14.377	9.753	67.84
Cascavel	245.369	228.673	93.20
Catanduvas	10.421	4.944	47.44
Céu Azul	10.445	7.197	68.90
Corbélia	15.803	12.542	79.36
Diamante do Sul	3.659	1.115	30.47
Diamante D'Oeste	4.878	2.480	50.84
Entre Rios do Oeste	3.328	1.991	59.83
Formosa do Oeste	8.755	5.030	57.45
Foz do Iguaçu	258.543	256.524	99.22
Guaíra	28.659	24.878	86.81
Guaraniaçu	17.201	8.126	47.24
Ibema	5.872	4.438	75.58
Iguatu	2.255	1.227	54.41
Iracema do Oeste	2.951	2.131	72.21
Itaipulândia	6.836	3.757	54.96
Jesuítas	9.832	5.408	55.00
Lindoeste	6.224	2.382	38.27
Marechal Cândido Rondon	41.007	31.246	76.20
Maripá	5.889	3.001	50.96
Matelândia	14.344	10.151	70.77
Medianeira	37.827	33.246	87.89
Mercedes	4.608	1.496	32.47
Missal	10.433	4.972	47.66
Nova Aurora	13.641	9.061	66.42
Nova Santa Rosa	7.125	3.897	54.69
Ouro Verde do Oeste	5.472	3.383	61.82
Palotina	25.771	20.740	80.48
Pato Bragado	4.049	2.343	57.87
Quatro Pontes	3.646	1.794	49.20
Ramilândia	3.868	1.754	45.35
Santa Helena	20.491	9.818	47.91
Santa Lúcia	4.126	2.184	52.93
Santa Tereza do Oeste	10.754	7.534	70.06
Santa Terezinha de Itaipu	18.368	16.299	88.74
São José das Palmeiras	4.102	2.259	55.07
São Miguel do Iguaçu	24.432	14.260	58.37
São Pedro do Iguaçu	7.277	4.003	55.01
Serranópolis do Iguaçu	4.740	1.928	40.68
Terra Roxa	16.300	11.042	67.74
Toledo	98.200	85.920	87.49
Três Barras do Paraná	11.822	4.931	41.71
Tupãssi	8.018	5.420	67.60
Vera Cruz do Oeste	9.651	6.966	72.18
Oeste Paranaense	1.138.582	929.092	81.60

Fonte: IBGE (2015a).

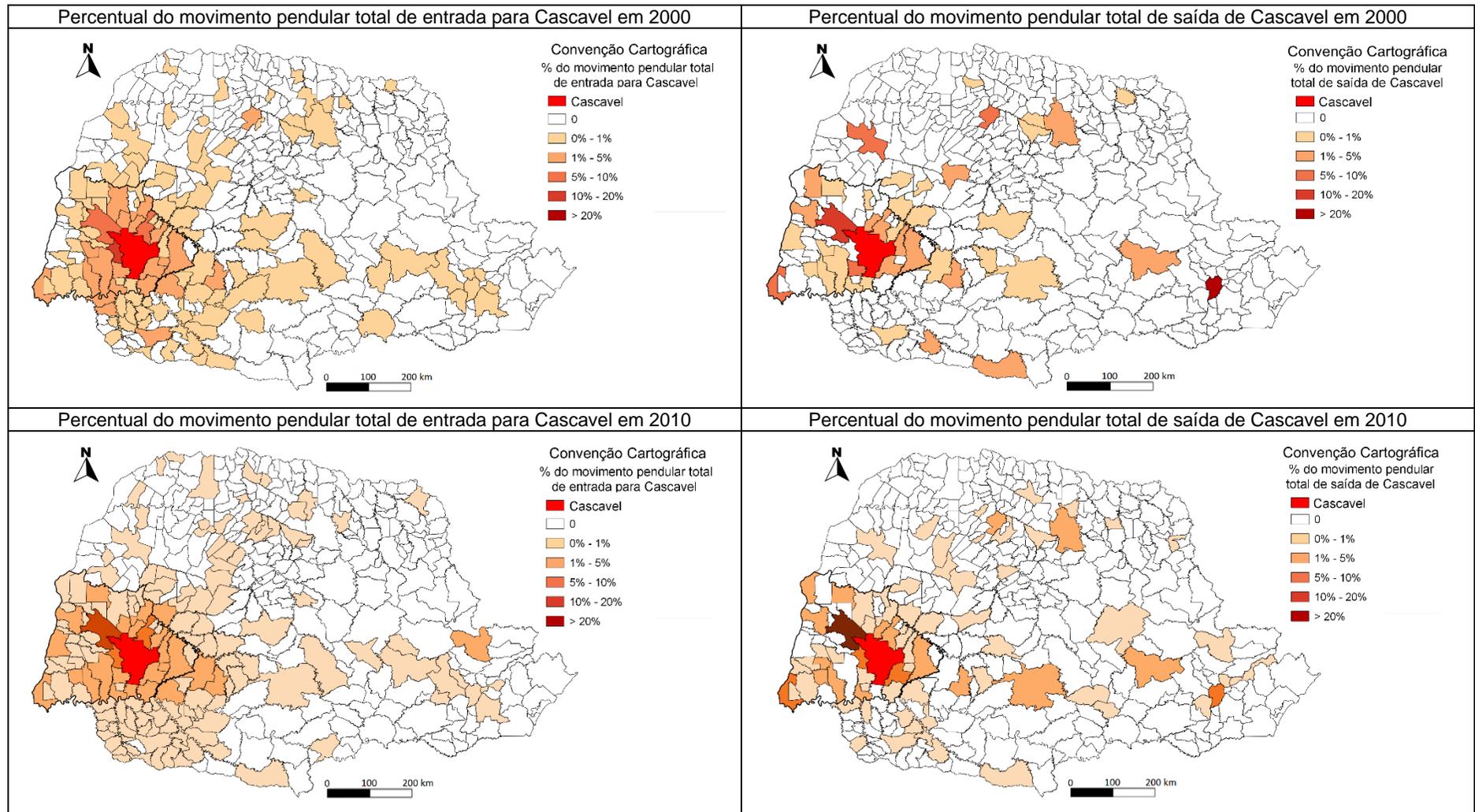
Tabela da população total, urbana e % da população urbana dos municípios do Oeste do Paraná em 2010

Localidade	População Censitária - 2010	População Censitária Urbana - 2010	% da População Urbana
Anahy	2.874	2.108	73.35
Assis Chateaubriand	33.025	29.013	87.85
Boa Vista da Aparecida	7.911	4.900	61.94
Braganey	5.735	3.417	59.58
Cafelândia	14.662	12.348	84.22
Campo Bonito	4.407	2.580	58.54
Capitão Leônidas Marques	14.970	11.490	76.75
Cascavel	286.205	270.049	94.36
Catanduvas	10.202	5.342	52.36
Céu Azul	11.032	8.387	76.02
Corbélia	16.312	13.976	85.68
Diamante do Sul	3.510	1.405	40.03
Diamante D'Oeste	5.027	2.561	50.94
Entre Rios do Oeste	3.926	2.642	67.29
Formosa do Oeste	7.541	4.970	65.91
Foz do Iguaçu	256.088	253.962	99.17
Guaíra	30.704	28.206	91.86
Guaraniaçu	14.582	7.804	53.52
Ibema	6.066	4.941	81.45
Iguatu	2.234	1.438	64.37
Iracema do Oeste	2.578	2.002	77.66
Itaipulândia	9.026	4.741	52.53
Jesuítas	9.001	6.070	67.44
Lindoeste	5.361	2.384	44.47
Marechal Cândido Rondon	46.819	39.147	83.61
Maripá	5.684	3.262	57.39
Matelândia	16.078	11.613	72.23
Medianeira	41.817	37.390	89.41
Mercedes	5.046	2.439	48.34
Missal	10.474	5.420	51.75
Nova Aurora	11.866	9.040	76.18
Nova Santa Rosa	7.626	5.315	69.70
Ouro Verde do Oeste	5.692	4.039	70.96
Palotina	28.683	24.646	85.93
Pato Bragado	4.822	2.993	62.07
Quatro Pontes	3.803	2.437	64.08
Ramilândia	4.134	2.043	49.42
Santa Helena	23.413	12.586	53.76
Santa Lúcia	3.925	2.536	64.61
Santa Tereza do Oeste	10.332	8.035	77.77
Santa Terezinha de Itaipu	20.841	18.837	90.38
São José das Palmeiras	3.830	2.411	62.95
São Miguel do Iguaçu	25.769	16.485	63.97
São Pedro do Iguaçu	6.491	4.055	62.47
Serranópolis do Iguaçu	4.568	2.322	50.83
Terra Roxa	16.759	12.801	76.38
Toledo	119.313	108.259	90.74
Três Barras do Paraná	11.824	6.095	51.55
Tupãssi	7.997	6.286	78.60
Vera Cruz do Oeste	8.973	6.863	76.49
Oeste Paranaense	1.219.558	1.044.091	85.61

Fonte: IBGE (2015a).

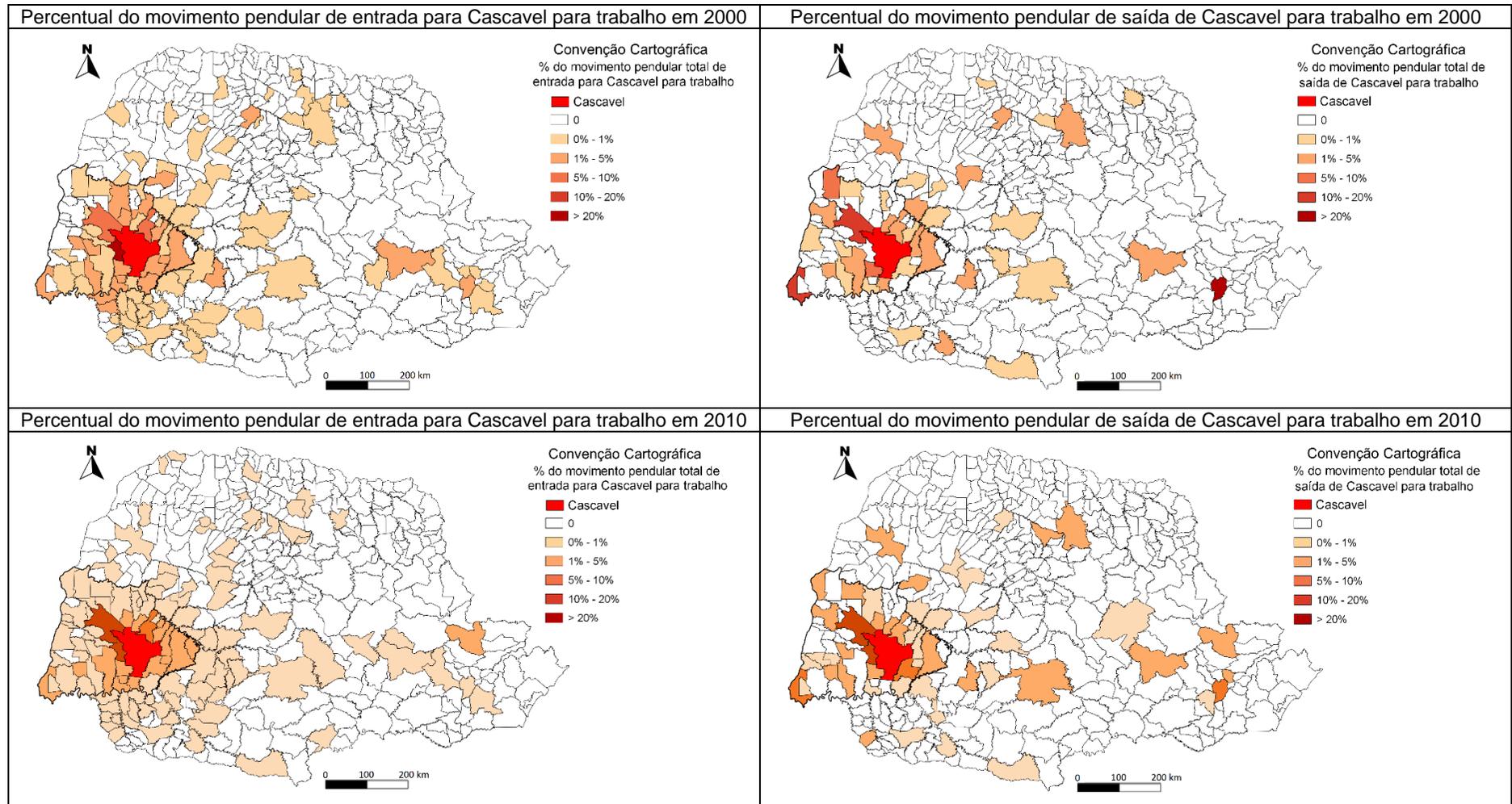
## APÊNDICE B

Tabela B1 – Participação percentual dos municípios paranaenses no movimento pendular total de entrada e saída de Cascavel em 2000 e 2010



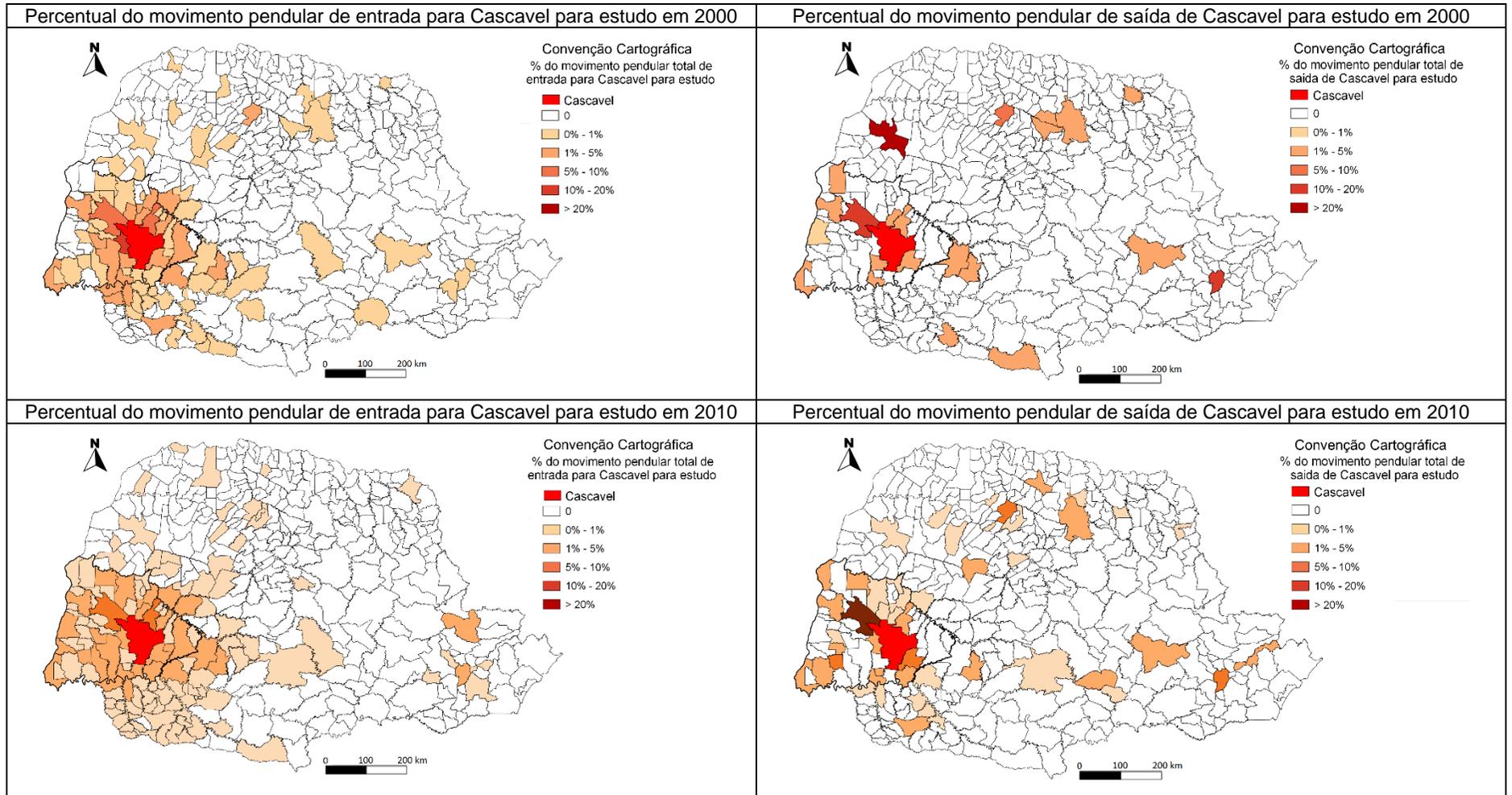
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Tabela B2 – Participação percentual dos municípios paranaenses no movimento pendular de entrada e saída de Cascavel para trabalho em 2000 e 2010



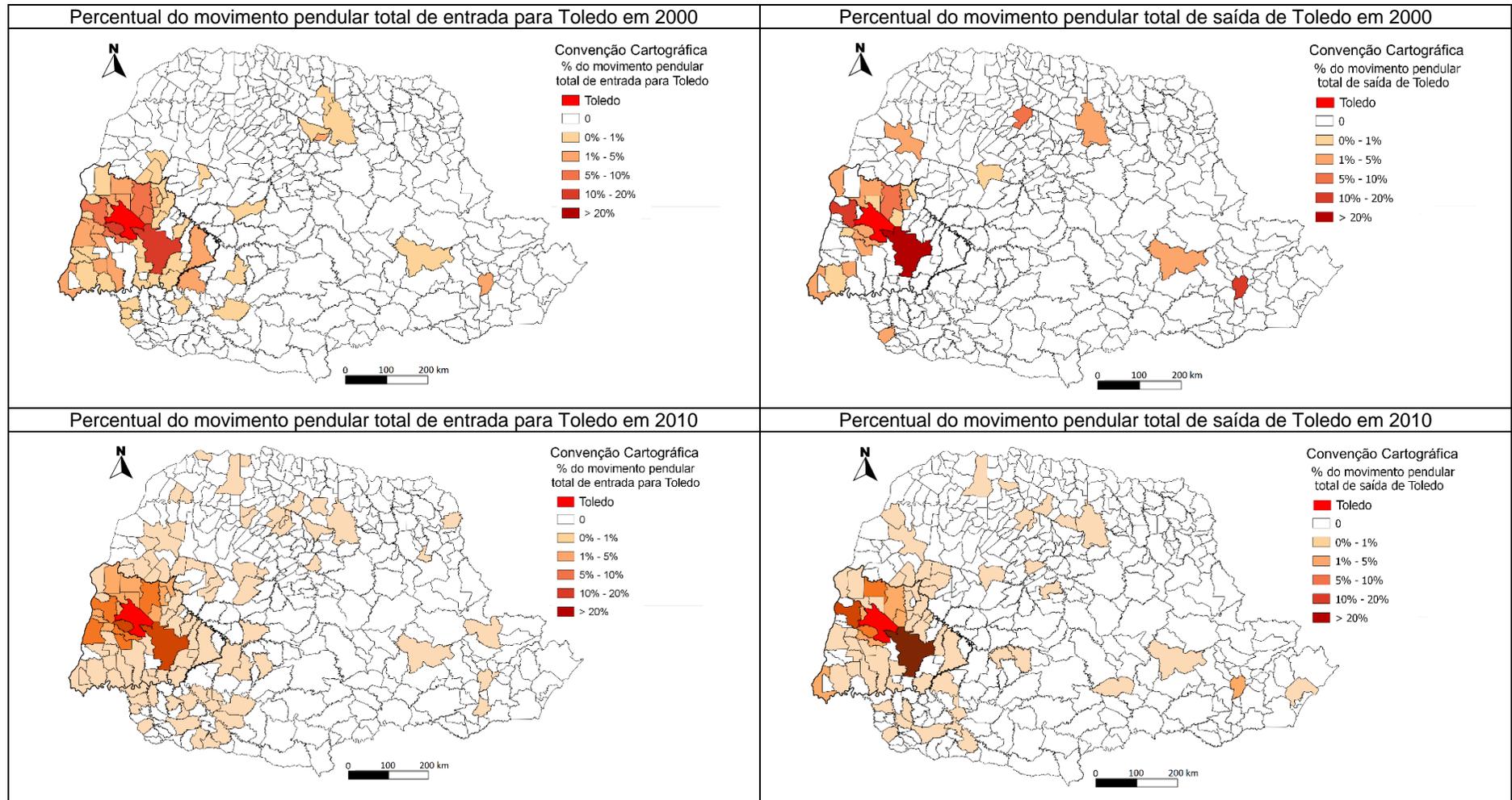
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Tabela B3 – Participação percentual dos municípios paranaenses no movimento pendular de entrada e saída de Cascavel para estudo em 2000 e 2010



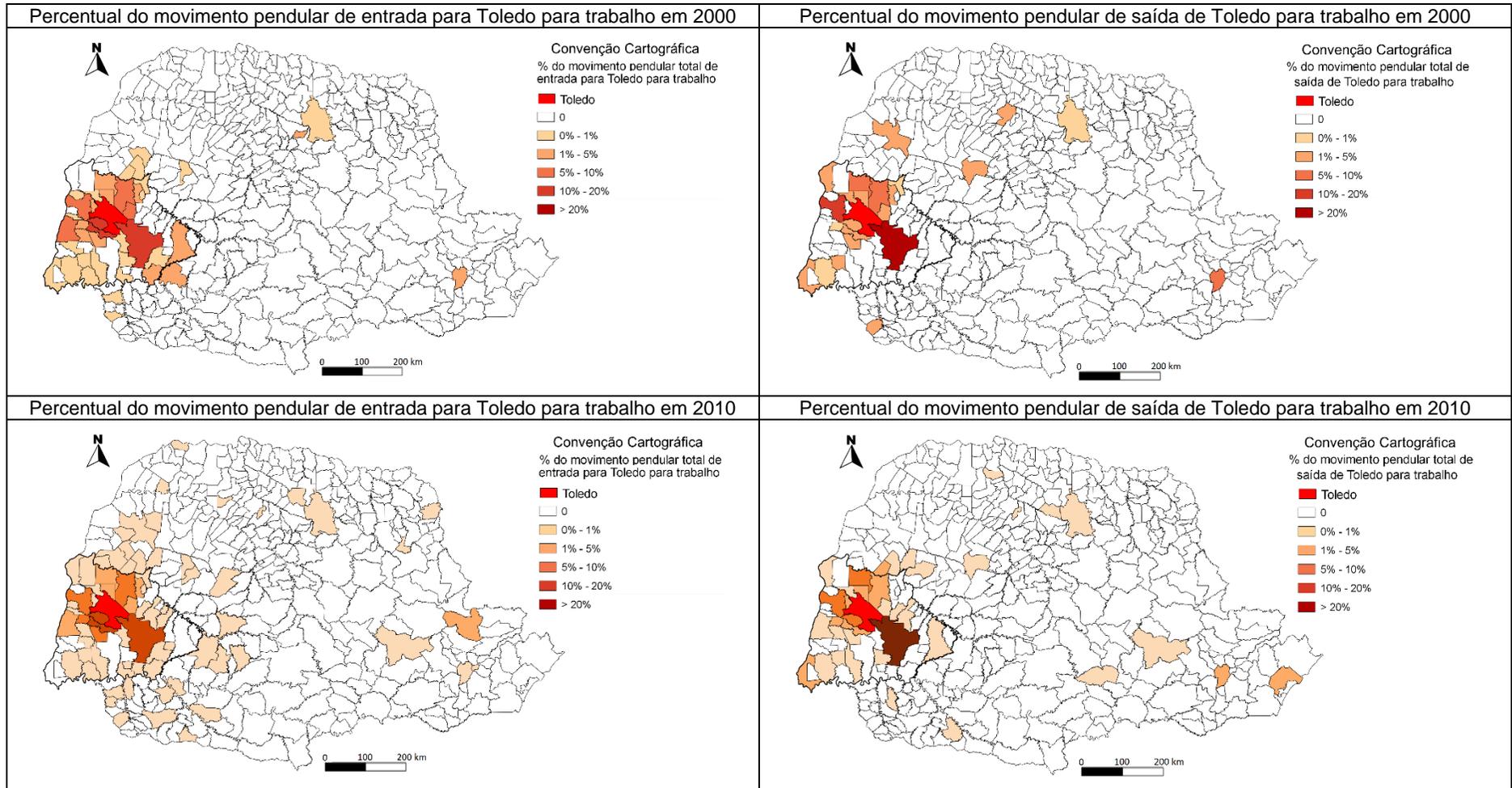
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Tabela B4 – Participação percentual dos municípios paranaenses no movimento pendular total de entrada e saída de Toledo em 2000 e 2010



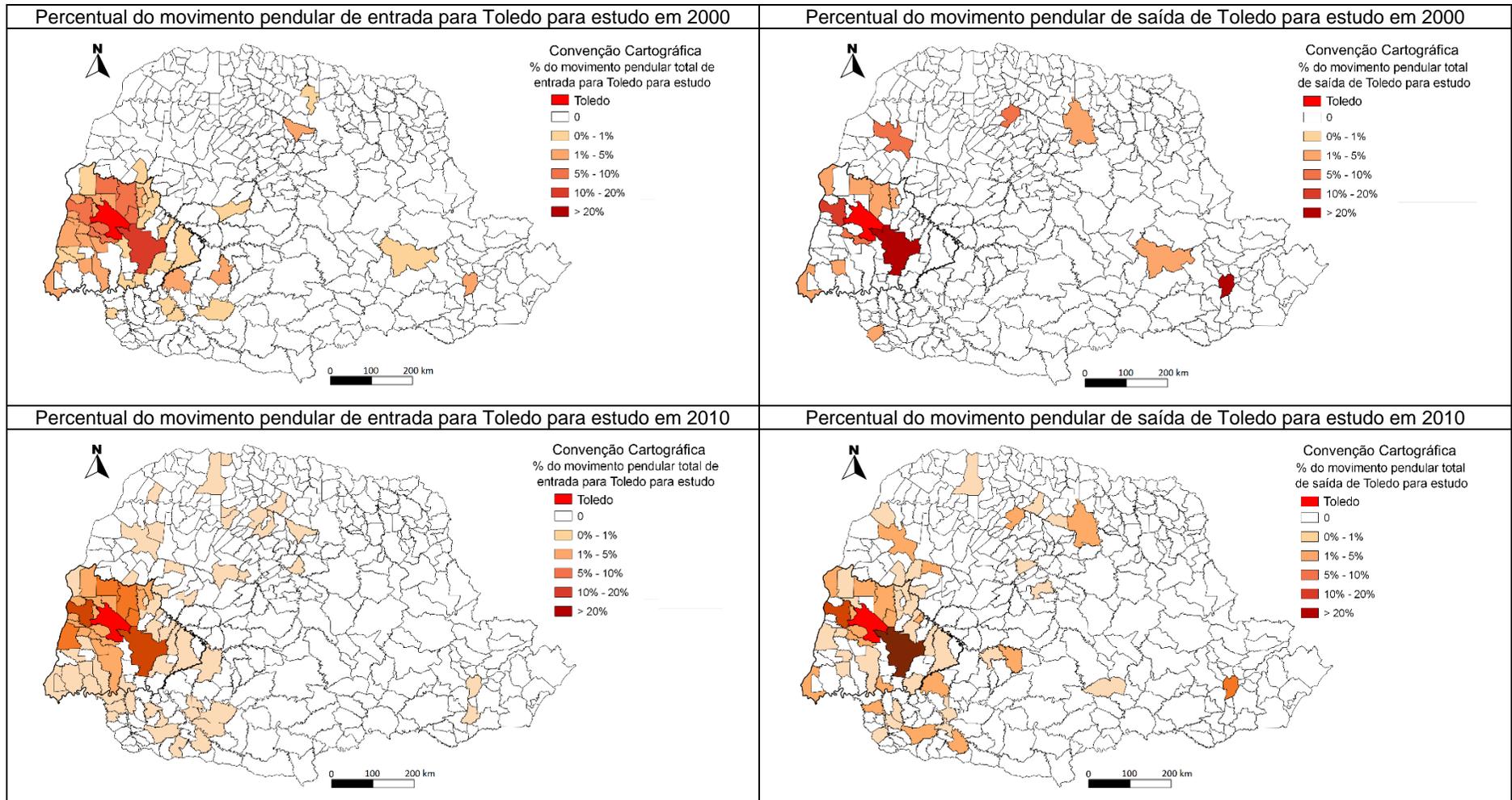
Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Tabela B5 – Participação percentual dos municípios paranaenses no movimento pendular de entrada e saída de Toledo para trabalho em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Tabela B6 – Participação percentual dos municípios paranaenses no movimento pendular de entrada e saída de Toledo para estudo em 2000 e 2010



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados dos Censos Demográficos de 2000 e 2010 (2015).

Catálogo na Publicação elaborada pela Biblioteca Universitária  
UNIOESTE/Campus de Toledo.  
Bibliotecária: Marilene de Fátima Donadel - CRB – 9/924

S359m Schneider, Raquel Aline  
Movimentos pendulares das cidades polos paranaense de  
Cascavel e Toledo : 2000 e 2010 / Raquel Aline Schneider. –  
Toledo, PR : [s. n.], 2016.  
156 f. : il. (algumas color.), figs., tabs., grafs.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Rippel  
Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional e  
Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná.  
Campus de Toledo. Centro de Ciências Sociais Aplicadas

1. Economia regional 2. Espaço urbano 3. Migração pendular -  
Oeste Paranaense (PR : Mesorregião) 4. Trabalhadores – Oeste  
Paranaense (PR : Mesorregião) – Deslocamentos pendulares 5.  
Estudantes - Oeste Paranaense (PR : Mesorregião) –  
Deslocamentos pendulares 6. Mobilidade social I. Rippel, Ricardo,  
orient. II. T

**1 CDD 20. ED. 304.809**

331.544098162